

Faculdade de Filosofia e Ciências - Campus de Marília

MARY ELIZABETH SAMPAIO DE OLIVEIRA FARIAS

**INFORMAÇÃO E SUICÍDIO: ANÁLISE DA MEMÓRIA DISCURSIVA EM JORNAL
ONLINE DA CIDADE DE MARÍLIA-SP**

Marília
2021

F224i

Farias, Mary Elizabeth Sampaio de Oliveira

INFORMAÇÃO E SUICÍDIO: ANÁLISE DA MEMÓRIA DISCURSIVA
EM JORNAL ONLINE DA CIDADE DE MARÍLIA-SP / Mary Elizabeth
Sampaio de Oliveira Farias. -- Marília, 2021

114 p. : tabs., fotos

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp),
Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília

Orientadora: Tamara de Souza Brandão Guaraldo

1. Suicídio. 2. Análise do Discurso. 3. Informação. 4. Memória
Coletiva. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da Faculdade de
Filosofia e Ciências, Marília. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

MARY ELIZABETH SAMPAIO DE OLIVEIRA FARIAS

**INFORMAÇÃO E SUICÍDIO: ANÁLISE DA MEMÓRIA DISCURSIVA EM JORNAL
ONLINE DA CIDADE DE MARÍLIA-SP**

Dissertação apresentada à banca examinadora do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), campus Marília, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Ciência da Informação.

Orientadora: Profa. Dra. Tamara de Souza Brandão Guaraldo.

Área de Concentração: Gestão, Mediação e Uso da Informação.

Marília
2021

INFORMAÇÃO E SUICÍDIO: ANÁLISE DA MEMÓRIA DISCURSIVA EM JORNAL ONLINE DA CIDADE DE MARÍLIA-SP

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Estadual Paulista (UNESP), campus de Marília, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Ciência da Informação.

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dra. Tamara de Souza Brandão Guaraldo. (Orientadora)
Universidade Estadual Paulista (Unesp/Marília)

Profa. Dra. Rosângela Formentini Caldas (Titular 2)

Profa. Dra. Karla Cristina Rocha Ribeiro (Titular 3)

Local: Faculdade de Filosofia e Ciências / Universidade Estadual Paulista – Campus de Marília.

Data: 10/05/2021

Marília
2021

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu marido, por sempre estar ao meu lado e sempre me incentivando nos meus objetivos de vida, por todo amor e paciência que teve nesse tempo;

Ao meu pai (*in memorian*) que sempre me ensinou sobre responsabilidades e ir atrás dos meus sonhos;

À minha mãe, em quem até hoje me espelho, como exemplo de mulher forte, ética e de amor incondicional;

Ao meu irmão que sempre esteve ao meu lado e que continuemos sempre torcendo um pelo outro nos caminhos da vida;

À professora Tamara, serei eternamente grata pela valiosa orientação, pelas palavras sábias e dedicando seu olhar especial que me motivou ainda mais para essa dissertação, mesmo com esse período tão difícil da pandemia soube lidar com muita calma e atenção;

Ao meu amigo e “padrinho” acadêmico Leonardo Pinheiro, que me apresentou a esse mundo e sempre me ajudou no que eu precisasse. Obrigada por todo conhecimento compartilhado;

À professora Rosângela Caldas, pelas sábias palavras, apontamentos e orientações que foram muito necessárias;

À professora Karla Ribeiro, pela visão mais ampla na área da Psicologia, contribuindo para que ficasse mais completo o meu trabalho;

À professora Cássia Bassan, que é um exemplo de profissional para mim, sempre com muita sensibilidade e palavras inspiradoras que me ajudaram nessa dissertação.

Aos amigos que fiz na pós, foi muito gostoso conhecer outras pessoas tão interessantes e amáveis que estão sempre dispostas a ajudar o próximo. Obrigada por me reforçar que existe gente boa nesse mundão.

E um agradecimento especial para todos os professores que trilhei nessa jornada do Mestrado, na qual aprendi muito, expandi meus conhecimentos, desconstruí e construí pensamentos, e que sempre terei orgulho de ter estudado nessa instituição (em especial nessa pós), pois nela vejo o quanto cuidam de seus alunos.

RESUMO

O suicídio é um assunto delicado e que apresenta diferentes pontos de vista em relação às variadas áreas de conhecimento. Logo, é um assunto que pode e deve fazer parte do interesse da Ciência da Informação. Nessa perspectiva, a problemática deste estudo girou em torno da memória discursiva sobre o tema suicídio. O objetivo geral foi analisar discursivamente a memória sobre o suicídio presente no texto de um jornal *online* na cidade de Marília e nos comentários dos leitores em sua página do *Facebook*. Quanto ao referencial teórico, foi realizado um levantamento bibliográfico orientada para a busca de um conhecimento sobre o conceito de memória coletiva, abordagens sobre suicídio e informação, e também foi efetuada uma busca na Base de Dados Referenciais de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação (BRAPCI) e na *Web of Science (Clarivate Analytics)*. Quanto à análise, para a seleção do *corpus* foi realizada uma pesquisa exploratória, com busca de notícias sobre suicídio, e foram selecionadas quatro notícias, três do ano de 2019, e uma, no ano de 2021, de um jornal *online* de Marília, e os respectivos comentários de leitores. A forma de análise dos resultados foi via Análise do Discurso voltada para memória discursiva presente no *corpus* selecionado. Os principais resultados apontam que o discurso do jornal contribuiu para estigmatização do suicídio, notado no uso de expressões provenientes da memória discursiva religiosa, no uso do sensacionalismo no texto, divulgação de imagem e local, com a não observância das diretrizes da cartilha da Associação Brasileira de Psiquiatria para abordagem do tema. Contudo, o jornal atuou positivamente quando divulgou a informação sobre grupos de apoio ao suicídio. Já a memória discursiva nos comentários dos leitores, essa é associada à memória religiosa com uso de estigmas, tabus e preconceitos com o suicídio e o suicida. Portanto, os leitores se apropriam da informação, com base na memória, a partir de sua cultura, religião, posição social e histórica, demonstrando em seus comentários uma compreensão parcial, porém é possível notar que essa apropriação dos leitores pode ser ampliada com a busca de informação sobre o tema no campo da saúde e mudança de seus próprios conhecimentos. A análise discursiva demonstrou que o jornal e o leitor constroem implicitamente um discurso de atribuição de culpa pelo suicídio, apoiada na memória discursiva, como uma ação ou omissão de agentes que contribuíram para o desfecho. A falta de se falar mais sobre tema e também de se questionar antigas tradições e religiões que culpam o suicida, prejudicam o entendimento sob a luz da atualidade, permanecendo uma memória discursiva de ideias pré-concebidas sobre o suicídio. Finalmente, é importante ressaltar que essa pesquisa espera contribuir para se discutir a importância de mais estudos sobre o suicídio na área da Ciência da Informação para entender como as informações sobre suicídio circulam em uma sociedade e são apropriadas pelas pessoas, podendo atuar na prevenção deste.

Palavras-chave: Suicídio. Informação. Memória coletiva. Análise do Discurso.

ABSTRACT

Suicide is a delicate subject and one that presents different points of view in relation to the various areas of knowledge. Therefore, it is a subject that can and should be part of the interest of Information Science. In this perspective, a problem in this study revolved around the discursive memory on the theme of suicide. The general objective was analyzed discursively the memory about suicide present in the text of an online newspaper in the city of Marília and in the comments of readers on its Facebook page. As for the theoretical framework, a bibliographic search was carried out aimed at searching for knowledge about the concept of collective memory, approaches about suicide and information, and a search was also carried out in the Reference Database of Articles in Journals in Information Science (BRAPCI) and the Web of Science (Clarivate Analytics). As for the analysis, for the selection of the corpus, an exploratory research was carried out, looking for news about suicide, and three news items were selected, one in 2019, and another in 2021, from the Marília Notícias newspaper, and the respective reader comments. The form of analysis of the results was via Discourse Analysis focused on discursive memory present in the selected corpus. The main results point out that the newspaper's discourse contributed to the stigmatization of suicide, noted in the use of expressions from religious discursive memory, in the use of sensationalism in the text, dissemination of image and location, with the non-observance of the guidelines of the booklet of the Brazilian Association of Psychiatry to approach the theme. However, the newspaper acted positively when it released information about suicide support groups. Discursive memory in the comments of readers, on the other hand, is associated with religious memory with the use of stigmas, taboos and prejudices about suicide and suicide. Therefore, readers take ownership of information, based on memory, based on their culture, religion, social and historical position, showing in their comments a partial understanding, however it is possible to note that this appropriation of readers can be expanded with the search information on the topic in the field of health and changing their own knowledge. The discursive analysis showed that the newspaper and the reader implicitly construct a discourse of attributing blame for suicide, supported by the discursive memory, as an action or omission of agents who contributed to the outcome. The lack of talking more about the topic and also of questioning old traditions and religions that blame the suicide, impair the understanding in the light of today, remaining a discursive memory of preconceived ideas about suicide. Finally, it is important to note that this research hopes to contribute to discussing the importance of further studies on suicide in the area of Information Science to understand how information about suicide circulates in a society and is appropriated by people, and can act to prevent it.

Keywords: Suicide. Information. Collective memory. Discourse Analysis.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1. Mortes por Suicídio na cidade de Marília do ano de 2013 à 2019.....	13
---	----

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Notícia 1, veiculada em 25 de janeiro de 2019.....	57
Figura 2. Comentário A de usuário sobre a notícia 1.....	59
Figura 3. Comentário B de usuário sobre a notícia 1.....	61
Figura 4. Comentário C de usuário sobre a notícia 1.....	63
Figura 5. Notícia 2, veiculada em 16 de junho de 2019.....	66
Figura 6. Comentário A de usuário sobre a notícia 2.....	68
Figura 7. Comentário 2 de usuário sobre a notícia B.....	71
Figura 8. Notícia 3, veiculada em 21 de junho de 2019.....	74
Figura 9. Comentário A de usuários sobre a notícia 3.....	76
Figura 10. Comentários B de usuários sobre a notícia 3.....	78
Figura 11. Comentários C de usuários sobre a notícia 3.....	80
Figura 12. Notícia 4, veiculada em 02 de fev. 2021.....	82
Figura 13. Comentários A de usuários sobre a notícia 4.....	84
Figura 14. Comentários B de usuários sobre a notícia 4.....	87
Figura 15. Comentários C de usuários sobre a notícia 4.....	90

LISTA DE QUADROS

Quadro 1. Descrição e análise da posição jornal na notícia A.....	55
Quadro 2. Descrição e análise da posição usuário no comentário A.....	58
Quadro 3. Descrição e análise da posição usuário no comentário B.....	60
Quadro 4. Descrição e análise da posição usuário no comentário C.....	62
Quadro 5. Descrição e análise da posição jornal na notícia B.....	65
Quadro 6. Descrição e análise da posição usuário no comentário A.....	67
Quadro 7. Descrição e análise da posição usuário no comentário B.....	70
Quadro 8. Descrição e análise da posição jornal na chamada da notícia 3.....	73
Quadro 9. Descrição e análise da posição usuário no comentário A.....	75
Quadro 10. Descrição e análise da posição usuário no comentário B.....	77
Quadro 11. Descrição e análise da posição usuário no comentário C.....	80
Quadro 12. Descrição e análise da posição jornal na chamada de notícia 4.....	81
Quadro 13. Descrição e análise da posição usuário no comentário A.....	83
Quadro 14. Descrição e análise da posição usuário no comentário B.....	86
Quadro 15. Descrição e análise da posição usuário no comentário C.....	89

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 O SUICÍDIO E A MEMÓRIA COLETIVA.....	16
2.1. Entre a memória e a história: a construção de discursos sobre o suicídio	18
2.1.1. Doutrinas religiosas	19
2.1.2. Discursos científicos e psicossociais	22
3 INFORMAÇÃO, MÍDIA E SUICÍDIO NA ÁREA DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO.....	35
4 ANÁLISE DO DISCURSO COMO FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E METODOLÓGICA.....	45
5 INFORMAÇÃO E SUICÍDIO NA CIDADE DE MARÍLIA: ANÁLISE DISCURSIVA.....	53
5.1. Análise Discursiva	55
5.1.1. Notícia 1	55
5.1.2. Notícia 2	65
5.1.3. Notícia 3	73
5.1.4. Notícia 4	81
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	96
REFERÊNCIAS.....	105

1 INTRODUÇÃO

Segundo Cancian (2018), o Brasil registrou 11.433 mortes por suicídio em 2016, o equivalente a 31 casos por dia. Os dados, que representam um aumento de 2,3% em relação ao ano anterior, fazem parte do boletim epidemiológico do Ministério da Saúde de 2018 (CANCIAN, 2018).

O suicídio é um assunto delicado e que apresenta diferentes pontos de vista em relação às variadas áreas de conhecimento, como a Sociologia, a Teologia, o Direito, a Filosofia e a Psicologia. Portanto, é multidisciplinar e envolve fatores socioculturais, genéticos, psicodinâmicos, filosófico-existenciais e ambientais, além de questões informacionais. Nessa perspectiva, as informações divulgadas sobre a ocorrência de um suicídio podem ser benéficas, quando para a sua prevenção, ou se compartilhadas pela mídia de maneira imprudente, causar um efeito reverso.

Logo, é um assunto que pode e deve fazer do interesse da Ciência da Informação (CI), uma vez que essa ciência se preocupa com a informação, com seus registros, usos e mediações. Entende-se que a CI é uma área do conhecimento voltada ao indivíduo que procura a informação, sendo considerada uma Ciência Social Aplicada, que visa à compreensão da informação no que concerne a fatores sociais e culturais (LE COADIC, 1996).

Segundo Borko (1968), a Ciência da Informação é uma ciência interdisciplinar, derivada de campos como Matemática, Linguística, Psicologia, Ciência da Computação, Engenharia de Produção, Artes Gráficas, Comunicação, Biblioteconomia, Administração e outros campos científicos semelhantes.

[...] investiga as propriedades e o comportamento da informação, as forças que governam seu fluxo e os meios de processamento para otimizar sua acessibilidade e utilização. Relaciona-se com o corpo de conhecimento relativo à produção, coleta, organização, armazenagem, recuperação, interpretação, transmissão, transformação e utilização da informação. (BORKO, 1968, p. 3).

A memória também é um tema de interesse para a Ciência da Informação. Para Oliveira e Rodrigues (2011) o conceito de memória para esse campo de conhecimento pode ser estudado em suas várias facetas, e os autores promovem uma adjetivação do termo memória como forma de apropriação.

Quanto à compreensão do tema suicídio, a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2000) destaca que o suicídio ainda é visto como tabu, estigma e vergonha, o que impede as pessoas de procurarem ajuda. A escolha do tema, Informação e

Suicídio, está relacionada ao contexto da cidade de Marília: segundo dados da Fundação Seade (2019), Marília apresenta o segundo maior índice de suicídios do Estado de São Paulo, de 8,6 mortes por suicídio para cada 100 mil habitantes, perdendo apenas para a cidade de Araraquara, com 8,7/100 mil. Outro fator que justifica a escolha é devido à prática profissional como psicóloga clínica da autora desta dissertação, tendo em sua prática clínica na cidade, o suicídio como um assunto recorrente de pacientes com ideação suicida e familiares enlutados.

Essa dissertação se insere na Linha de Pesquisa de Gestão, Mediação e Uso da Informação, do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Unesp-Marília, e que compreende entre seus interesses, além da gestão da informação e do conhecimento e seus processos, temáticas de estudo relacionadas à cultura, usos e usuários da informação, processos de mediação e apropriação da informação, práticas de informação e leitura.

Este trabalho tem como objetivo analisar a memória discursiva, com estudo da apropriação da informação acerca do tema suicídio por meio da análise do discurso em um jornal *online* da cidade de Marília. Assim, podemos refinar ainda mais o objetivo geral: Analisar discursivamente a memória sobre suicídio presente no texto do jornal e nos comentários de leitores do jornal Marília Notícia em sua página do *Facebook*.

O jornal *online* Marília Notícia foi fundado em 2014 pelo jornalista Gabriel Tedde que tem 11 anos de atuação e conta com mais seis colunistas. Esse jornal circula somente em versão virtual, *online*, e é o mais destacado da cidade de Marília, pois tem o maior número de seguidores (131.198). O jornal também está disponível num site próprio e em uma página do Facebook, no qual apresenta um *feed*¹ de notícias sobre a cidade, priorizando os destaques.

A análise da memória discursiva envolve uma apropriação da informação, que pode ser uma ação consciente ou inconsciente, em que o leitor constrói o seu conhecimento ao realizar a leitura de uma informação. Portanto, investigar a memória discursiva sobre os sentidos que são produzidos a partir da leitura de notícias sobre suicídio, envolve a apropriação da informação pelos leitores. Assim, aquele que faz o uso da informação é o ator central do processo de apropriação, um

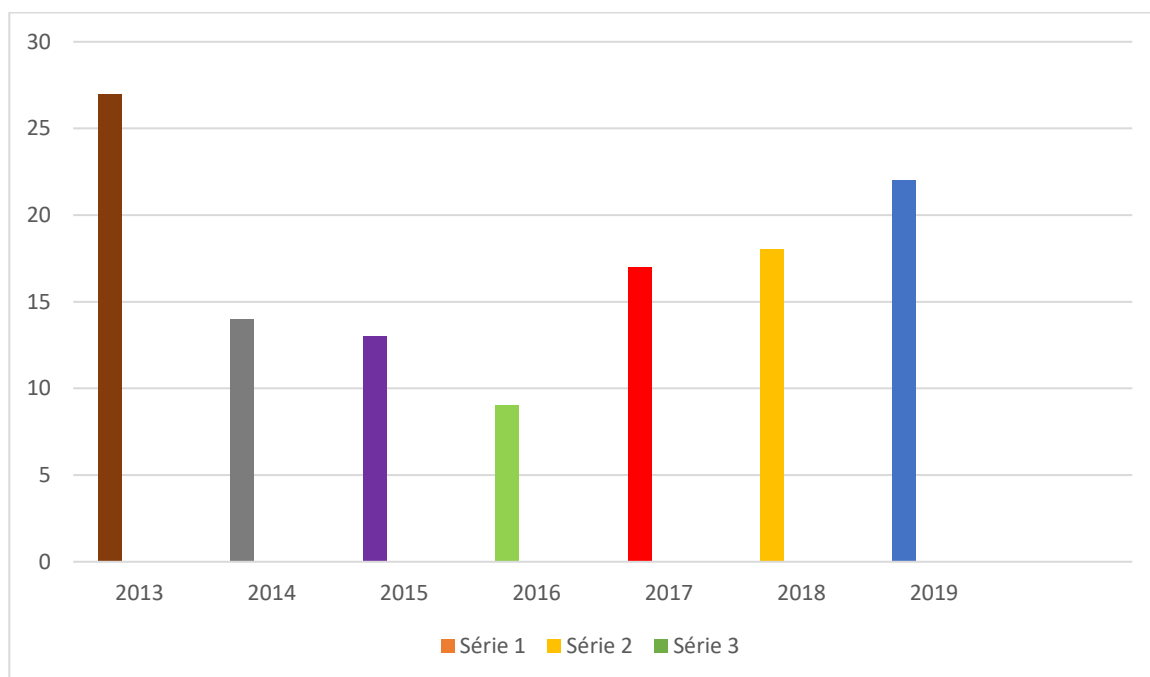
¹ É uma coleção personalizada e em constante mudança de notícias e propagandas aos quais os usuários estão conectados no *facebook*

coprodutor da informação, pois “[...] a autoria deixa de ser única e passa a ser repartida, distribuída entre todos os que farão uso da informação em potência”. (ALMEIDA JUNIOR, 2009).

Tendo em vista esse cenário, este trabalho se ocupou da memória discursiva sobre o tema suicídio, por meio da análise da apropriação da informação em redes sociais. Por ser um assunto de saúde pública, o problema de pesquisa voltou-se a analisar a memória discursiva sobre o tema suicídio, investigando qual a interpretação das chamadas de notícias sobre o suicídio no Jornal Marília Notícia. Diante disso, as seguintes questões investigativas emergiram: “Como o jornal de Marília Notícia veicula notícias sobre o suicídio e constrói um discurso sobre o tema e sobre o suicida? E como os leitores, usuários de mídia *online*, se apropriam da informação e manifestam a memória discursiva ao se posicionar nos comentários frente à notícia e ao tema? Com a análise do discurso dessas notícias, é possível perceber se há um enfoque na prevenção e não apenas no suicídio?”

O estudo propôs-se analisar a memória discursiva sobre suicídio em destacamentos de notícias e comentários de leitores da página do *Facebook* do Jornal Marília Notícia. De modo mais específico, pretendeu-se discutir o modo de divulgação da mídia acerca da informação sobre suicídio e a memória discursiva dos leitores a respeito do tema suicídio.

Relativo às estatísticas de suicídio em Marília/SP, segundo o Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (DataSUS, 2019), em 2013 foram 27 casos, já no ano de 2014 foram registradas 14 mortes; em 2015, 13. No ano de 2016, esse número caiu para nove; em 2017 subiu para 17; e, em 2018, para 18 casos. Em 2019, Marília contabilizou 22 mortes por suicídio e, até março de 2021, registrou quatro ocorrências.

Gráfico 1 – Mortes por Suicídio na cidade de Marília de 2013 à 2019

Fonte: Gráfico elaborado pela autora seguindo os dados do DataSuS (2019)

Sendo assim, a escolha pela análise dos comentários do ano de 2019 se deu pelo fato de esse registrar o maior número mortes por suicídio, após o recorde de 2013, com 27 casos, na cidade de Marília. As seleções de notícias do ano de 2019 foram as mais impactantes em termos de fotografia (uma de janeiro, outra de junho e, a última, de julho). Além disso, escolheu-se uma notícia do ano de 2021 (a mais recente até a data em que foi acessada – fevereiro de 2021), pois, notou-se uma diferença em se noticiar o suicídio a partir desse ano. Portanto, a análise compreende o destacamento de notícias do jornal e os comentários de leitores sobre essas notícias, sob o prisma da memória discursiva.

No que se refere à metodologia, para construção do referencial teórico foi realizado um levantamento bibliográfico, que envolveu a leitura, análise e interpretação de textos, orientada para a busca de um conhecimento sobre informação e suicídio. Ressalta-se que o levantamento bibliográfico é desenvolvida a partir de material já elaborado, como livros e artigos científicos e é indicada quando se pretende compreender e descrever fenômenos (DENCKER, 2005), e nesse caso foi utilizada para elaboração de um referencial teórico sobre o tema à luz do conceito de memória coletiva.

A perspectiva discursiva permeou todo o percurso deste trabalho. Primeiramente, na construção do referencial teórico, que se deu em duas frentes: 1) via conceito de memória coletiva, que inclui as tradições religiosas, legais e culturais no entendimento do tema suicídio, e sua influência na construção de discursos sobre o tema, e também, abordando pensamentos consolidados sobre a temática em certas áreas do conhecimento; 2) via busca em bases dados, tais como a Base de Dados Referenciais de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação (BRAPCI), utilizando-se as palavras-chave “suicídio e informação”. Inicialmente, foram selecionados somente os anos de 2020 e 2019, porém, a busca não resultou em nenhum artigo. Foi preciso, então, ampliar a busca para os últimos dez anos. Encontrou-se quatro artigos (dois do ano de 2010 e dois do ano de 2011), sendo que um deles não abordava especificamente o tema suicídio, e sim um assunto generalizado sobre informação e saúde. No total, foram trabalhados cinco artigos, o que demonstra certa escassez do tema nos estudos brasileiros da área de Ciência da Informação. Também realizou-se uma pesquisa na *Web of Science (Clarivate Analytics)*, de janeiro a setembro de 2020, com uso das palavras-chave “*suicide (health information and media)*”. Tais artigos foram selecionados, analisados e reunidos por temáticas de abordagem do tema informação e suicídio. Obteve-se um total vinte e nove trabalhos. Desse total, cinco não abordavam especificamente o assunto suicídio e não envolviam a Ciência da Informação. Esses artigos auxiliam a composição de um referencial teórico sobre o tema e os dados mais relevantes são apresentados no capítulo 3.

Quanto à análise propriamente dita, sobretudo, esta pesquisa abarcou uma análise discursiva, e para essa aplica-se o conceito de memória, que permite compreender como a memória coletiva aciona uma memória discursiva do dizer e funciona na linguagem como um saber anterior indispensável para que se produza e se compreenda o sentido. É um efeito de que algo foi pensado antes no mundo, e para Pêucheux (2015), se trata de um efeito de algo já dito, que aparece como assegurado antes da ordem da linguagem, como se essa ordem do pensamento já preexistisse na ordem da linguagem.

Na etapa da constituição do *corpus* de análise, foi realizada uma pesquisa *online* exploratória, com busca por notícias no Jornal Marília Notícia, essas compartilhadas em redes sociais. Usou-se a palavra-chave “suicídio”, no período de abril de 2019 a fevereiro de 2021, selecionando-se os comentários de maior

relevância (critério de mais curtidas ou que gerou mais comentários). A análise dos resultados ocorreu por meio da fundamentação teórica e metodológica da Análise do Discurso (AD). Para proceder a análise discursiva dos comentários de usuários, escolheu-se o jornal Marília Notícia, uma vez que ele tem um maior número de seguidores e, por isso, é o mais popular da cidade.

Quanto à forma de análise dos resultados, essa se dá por meio da fundamentação teórica e metodológica da Análise do Discurso, de linha francesa, com a finalidade de se realizar uma leitura interpretativa dos destacamentos das notícias de suicídio e seus comentários, com ênfase na memória discursiva e seus efeitos de sentido.

Dessa maneira, a estrutura deste trabalho apresenta, no Capítulo 1, a introdução, justificativa e seus objetivos. No capítulo 2 é discutido o conceito de memória coletiva, base para o entendimento do tema suicídio. O capítulo 3 apresenta um ponto de vista informacional sobre o tema suicídio, resultado da busca realizada em periódicos científicos. Já o capítulo 4 apresenta a metodologia utilizada na análise do *corpus* – Análise do Discurso – com a apresentação dos resultados no capítulo 5. Por fim, no capítulo 6 foram feitas as considerações finais acerca da pesquisa, qual seu impacto e ponderações sobre as principais contribuições para o entendimento do tema e a prevenção do suicídio.

2 O SUICÍDIO E A MEMÓRIA COLETIVA

Este capítulo apresenta o conceito de memória coletiva e suas implicações para se entender o tema suicídio, apresentando o mesmo sob diferentes perspectivas de áreas e autores.

Benjamin² (1987) afirma que a memória e a história nos dão a consciência de tempo, pois dão a ideia de presente e passado. Para ele, a memória não é história e a história não é memória. O que distingue a história de memória é a característica acadêmica de estudo, pois a história tende a ter uma verificação, realiza uma instrumentalização da memória, portanto a história se utiliza da memória, mas de um modo organizado. A memória e a história tem como papel revisitar e reperguntar sobre as problemáticas que estão sendo postas no presente, por isso as duas estão em constante diálogo.

A memória carrega as percepções sociais, as atitudes de uma sociedade advindas da literatura, da cultura, das leis e religiões, e fornecem as diversas reações coletivas. Halbwachs (1990) expõe que a memória se dá na relação dos indivíduos por querer se vincular e se manter nos grupos sociais com os quais interage, sendo a recordação, nesse sentido, apenas o ato de trazer à mente no presente a imagem de uma vivência passada, mas também uma reconstrução socialmente partilhada vivenciada em um grupo. “O grupo está presente para o indivíduo não necessariamente, ou mesmo fundamentalmente, pela sua presença física, mas pela possibilidade que o indivíduo tem de retomar os modos de pensamento e experiência comum próprios do grupo” (SCHMIDT; MAHFOUD, 1993, p. 288)

Na memória coletiva o passado é permanentemente reconstruído e vivificado enquanto é ressignificado. Neste sentido, a memória coletiva pode ser entendida como uma forma de história vivente. A memória coletiva vive, sobretudo, na tradição, que é o quadro mais amplo onde seus conteúdos se atualizam e se articulam entre si. (SCHMIDT; MAHFOUD, 1993, p. 293).

Para Halbwachs (1990), o ser humano é um sujeito inserido em tramas coletivas, sendo a memória não apenas a reprodução do passado, mas uma reconstrução a partir das experiências vividas. Deste modo, lembrar não é apenas reviver, mas refazer as experiências do passado, sendo a memória fruto de um

² Ensaísta, crítico literário, tradutor, filósofo e sociólogo judeu alemão.

trabalho coletivo que envolve o relacionamento com a família, classe social, comunidade, ou seja, um grupo de pertencimento (HALBWACHS, 1990).

Assim, o tema suicídio envolve a trama social da memória coletiva que existe sobre o mesmo, as percepções do passado e do presente, numa dinâmica constante. O suicídio é um problema multifatorial e multidisciplinar que implica diversas áreas de conhecimento e precisa ser tratado com profundidade, na medida em que repercute socialmente. A sociedade guarda na memória coletiva, de forma inconsciente, fatos e experiências da história da humanidade que, de certo modo, é retransmitido para o momento atual sem tanta consciência disso. Silva (2006a) afirma que Halbwachs (1990) desenvolve a reflexão de que a vida das pessoas se aproxima e se funda como se essas linhas de evolução se cruzassem incessantemente, o que aproxima sua teoria da memória da teoria do inconsciente coletivo de Jung (2013). Foi Freud (1974) quem criou o termo inconsciente, mas Jung³ (2013) complementa essa teoria afirmando que não existe apenas o inconsciente pessoal, mas também o coletivo. Essa teoria surge a partir de diversos indícios notados por Jung (1964) em sua prática profissional: muitos pacientes do psiquiatra tinham visões ou sonhos que não poderiam ter vivenciado, ao comparar esses relatos de sonhos, os encontrou em diversas sociedades tribais e não tribais, que não tiveram nenhum contato entre si, mas possuíam mitos e rituais idênticos ou muito similares. Então, conclui que havia algo na mente do ser humano que não era individual e não poderia ser explicado apenas por um grupo social em que esse vivia; assim, Jung (1964) cunha o termo inconsciente coletivo para designar uma camada mental relacionada com a totalidade, com o universal.

A mente do homem é pré-figurada pela evolução. Desta maneira, o indivíduo está preso ao passado, não somente ao passado de sua infância, mas também, ao passado da espécie, e, antes disso, à longa cadeia de evolução orgânica. O inconsciente coletivo é um reservatório de imagens latentes em geral denominadas imagens primordiais por Jung. Logo, de acordo com o raciocínio, a nossa verdadeira memória, não remonta somente as nossas experiências, mas as de nossa espécie. Assim como não podemos apreendê-la completamente, temos acesso às reminiscências dessa memória coletiva que vive em nós. (SILVA, 2006a, p. 7).

³ Carl G. Jung, psiquiatra colaborador de Sigmund Freud no início do século XX, até que rompeu os vínculos profissionais com Freud ao elaborar sua própria teoria, chamada Psicologia Profunda.

Seguindo esse raciocínio, para se obter uma compreensão do suicídio atualmente, é preciso entendê-lo de uma perspectiva social, e de como a contribuição histórica e de diferentes culturas, religiões e áreas do conhecimento, se aproximam e formam uma memória do tema. Para tanto, realizou-se a seguir uma descrição sintética de como o suicídio é abordado de um ponto de vista social, por diferentes religiões, em seu caráter histórico e legal, por alguns autores e diferentes áreas do conhecimento, visando entender os diversos discursos que se entrecruzam e constroem uma memória coletiva sobre o tema suicídio em sociedade.

Para Orlandi (2015b), a memória é parte da produção dos discursos, pois ela aciona discursos passados, faz valer um determinado ponto de vista, aquilo que vem antes, de um tempo e lugar dos quais não se lembra mais, porém que se manifestam em sua força naquilo que é dito.

2.1 Entre a memória e a história: a construção de discursos sobre o suicídio

O discurso sobre o suicídio é marcado historicamente por visões teológicas e cosmológicas, em especial, por influência social da cultura e das religiões. A fixação de um discurso sobre um tema depende, basicamente, da memória, e sua preservação em um suporte com algum grau de duração. Esta duração pode ser efêmera como a tradição oral ou ter graus mais elevados, como a escultura em madeira ou pedra, a pintura, a impressão, a imagem, a gravação, a escrita em papel, pergaminho ou pedra, dependendo do meio utilizado, e em virtude dessa capacidade de preservar informação (THOMPSON, 2009).

É que o ser humano busca externalizar sua memória desde o início da vida comunitária, seja pela fala, início do conhecimento humano, ou por meios mais avançados de representação que estejam fora das mentes individuais do grupo, e que possam ser consultados, guardados num lugar conveniente. Seria uma memória exossomática, que significa, “fora do corpo”, e demonstra a história humana de produção simbólica e engenhosidade técnica (MCGARRY, 1999). Essa memória fica armazenada em livros sagrados, obras literárias, filosóficas e acadêmicas, e servem como um registro do pensamento de grupos historicamente determinados.

2.1.1. Doutrinas religiosas

Na Grécia Antiga, o posicionamento de Platão e Sócrates sobre o suicídio aparece no livro Fédon, quando os filósofos narram que a vida pertence aos deuses e, por isso, não se pode tirar a própria vida. Também descrevem nesta obra o suicídio místico, “a morte de si mesmo e do mundo para alcançar, já nesta vida, a felicidade do além” (MINOIS, 2018).

As doutrinas religiosas, com destaque para a influência judaico-cristã, especialmente da Igreja Católica, advogam que no princípio de tudo, o Deus Todo-Poderoso cristão criou a vida e essa lhe pertence, por isso não é direito de ninguém a tirar. Segundo Bertolote (2012), no século VI, a Igreja Católica condena o suicídio como pecado mortal, equivalente ao homicídio, e essa proibição persiste na maioria das religiões cristãs (católica romana e protestantes de diversas denominações).

Bertolote (2012) relata que Tomás de Aquino, teólogo católico, considera o suicídio como um dos piores pecados para a Igreja. Ele revela que é necessário enfrentar os obstáculos em vida e que também não é de esperar que a felicidade venha após a morte, quando se suicida.

Na Idade Média, especialmente na Europa, as leis de um lugar eram regidas pelos dogmas da Igreja Católica, e como o suicídio era visto sendo um pecado, uma ação do diabo, então o pecador teria uma condenação humilhante, sendo uma das formas a de arrastar seu corpo em praça pública; assim como a família enlutada era obrigada a assistir as formas de condenação.

Em Zurique, aplica-se ao cadáver uma sina adaptada ao tipo de suicídio cometido: uma cunha de madeira é encravada no crânio se a morte foi provocada por um punhal; ele é enterrado na área, a cinco pés da beira d'água, se ocorreu um afogamento; e enterrado no sopé de uma montanha, com três pedras grandes sobre a cabeça, o ventre e os pés, se a morte for fruto de uma queda. [...] Na Inglaterra, o suicida é enterrado debaixo de uma estrada importante, de preferência um cruzamento movimentado, pregado ao solo com uma estaca de madeira que lhe atravessa o peito. (MINOIS, 2018, p. 41-42).

Bertolote (2012, p. 14) relata que no Judaísmo se “condena o suicídio, porém o considera uma alternativa aceitável frente à ocorrência de certos pecados capitais”. O Talmud condena o suicídio e impede rituais fúnebres para o falecido, porém, atualmente considera-se exceções, como em casos de doença mental, tortura, honra e castidade (BOTEGA *et al.*, 2006).

No Hinduísmo não se aborda o suicídio de forma direta, o que gera ambiguidade, pois, não se condena, e também não se aprova:

O Bhagavad Gita, descreve a vida e morte como uma pessoa que tira uma roupa velha e põe uma nova. Todas as ações de uma vida formam a base para a próxima. A força do karma não é interrompida pelo suicídio – ela continuará no outro mundo, e causará um sofrimento ainda maior do que se a pessoa permanecesse viva. [...] Atualmente, destaca-se uma maior frequência de suicídio de moças, frente à rejeição do dote de parte dos familiares do noivo (BOTEGA *et al.*, 2006, p. 22).

No Budismo o suicídio não é condenado, porém acredita-se que é interrompido o ciclo de vida, no qual se poderia chegar ao nirvana, “[...] contudo fiel à sua tendência de compaixão, [...] não condena o suicídio, mas o considera uma ação negativa, que não se coaduna com a via da iluminação, meta do budismo” (BERTOLOTE, 2012, p. 27-28).

Bertolote (2012) conta que a vertente cristã dos evangélicos pentecostais brasileiros, como a Assembléia de Deus e a Igreja Universal do Reino de Deus, existem rituais para a cura física e emocional, para a prosperidade material, para a libertação do demônio e para a resolução de problemas afetivos. Elas se detêm pouco na questão do suicídio, embora o condenem.

No Espiritismo, acredita-se que todos os que morrem vão para um plano espiritual, e não é diferente para o suicida, que sua escolha foi por desespero, porém, esses vão para o umbral, que é um lugar transitório de pessoas que não souberam aproveitar a vida no plano físico e lá sofrerão graves sanções ou em suas encarnações futuras. Segundo Oliveira (2006, p. 28) “o suicídio cometido em plena consciência provoca ao espírito duradouro sofrimento, [...] a vida passa a continuar em outra dimensão e se percebe que o problema não chegou ao fim, tornando-se mais agonizante”.

Historicamente, as religiões construíram um discurso acerca do suicídio como um ato de repulsa e pecado, para desincentivo de tal decisão. Antigamente, se utilizava como meio de prevenção propagar uma má exposição da ocorrência:

John Wesley, o primeiro reformador metodista em 1790, propôs que os corpos nus das suicidas do sexo feminino fossem arrastados pelas ruas. A profanação do cadáver é uma forma antiga de demonstrar quão hediondo é um crime. Até 1870, o principal meio dissuasório contra o suicídio no direito inglês era em relação à propriedade física do falecido ao invés de ser contra seu corpo. Confiscava-se à coroa a propriedade daqueles que praticassem suicídio em são juízo. Até 1961, o patrimônio do falecido ainda era

passível de sanção no direito inglês: o seguro de vida não era pago ao beneficiário, a menos que tivesse sido previamente estipulado. (HILLMAN, 2011, p. 37).

Conforme Minois (2018), para algumas doutrinas de base protestante os suicidas são condenados como covardes e por isso se destinam ao inferno, até mesmo em caso de crianças e loucos, sem exceção. Citando teólogos de base moralista, Minois (2018) afirma que para eles não era aceita nenhuma desculpa para o suicídio, nem mesmo a doença; e esse era sempre visto como contrário à natureza e a Deus.

Essas doutrinas religiosas fazem parte da cultura e da memória coletiva de certos grupos, o que explica em parte o contexto atual e a influência histórico-religiosa sobre o discurso que as pessoas têm sobre o tema, e como refletem (ou não) sobre isso, tratando-o como um tabu. Na memória coletiva, ficou gravado em muitas sociedades se apropriaram de informações preconceituosas com o suicida, taxando-o de covarde, egoísta, fraco ou afirmando que sua ação é decorrente da falta de Deus no coração; ainda, demonstra também o quanto historicamente o tema esteve relacionado às doutrinas religiosas e distante das discussões coletivas ou de saúde pública e mental, sendo difícil para as pessoas em sofrimento psíquico se exporem e buscarem ajuda.

Segundo a tradição condenatória, do ponto de vista da ordem legal, Hillman (2011, p. 59) diz que o suicida:

[...] é considerado criminoso por três das grandes tradições sobre as quais repousa a justiça ocidental: o direito romano, o direito canônico e o direito inglês. Em 1809, Blackstone declarou na 15.ed. dos seus comentários sobre as leis da Inglaterra, que em virtude de o suicídio ser contra Deus e contra o Rei “a lei classificou-o, por isso, como um dos maiores crimes. (HILLMAN, 2011, p. 59).

Segundo Minois (2018), foi em 1583 que o médico Peter Barrough, ao observar as pessoas que sofriam de melancolia (o que atualmente associam a depressão) notou que essas: “[...] desejam a morte e, com bastante frequência, consideram e decidem se matar” (p. 219). Porém, a pergunta que esse autor faz, é de onde e por que vem essa doença? Robert Burton (2011), ao buscar a resposta a essa pergunta, escreve seu livro “Anatomia da Melancolia”, no século XVII, que virou um ícone da literatura mundial. Neste livro, o autor destaca sobre o ócio como rumações mórbidas que nos leva a melancolia, e por isso essa obra marca uma

reviravolta na época, pois mostra que a tendência suicida é uma doença e não um pecado.

2.1.2. Discursos científicos e psicossociais

No século XIX, também saindo do espectro religioso de pecado e, abordando o tema de um ponto de vista científico, o sociólogo Emile Durkheim⁴ (2002) notou um fato social específico que chamou sua atenção, o suicídio, que o levou a comparar as estatísticas de vários países de acordo com a época em que passavam. Como grandes crises políticas, fenômenos religiosos ou guerras, e chegou à compreensão de que o suicídio é um problema sociológico, de saúde pública, e não somente individual, pois revela muitos conteúdos sobre a condição de uma sociedade em uma época específica (DURKHEIM, 2002).

Um dos exemplos que pode ser destacado da análise de Durkheim (2002) é o de Paris, capital da França, à época do Golpe do Estado, em 2 de dezembro de 1851, engendrado por Napoleão Bonaparte:

Em Paris, o golpe de Estado produz o efeito costumeiro; apesar de se ter produzido em dezembro, o número dos suicídios passa de 483 em 1851 para 446 em 1852 (-8%) e, em 1853 o número ainda é de 463. Esse fato tenderia a provar que essa revolução governamental teve uma repercussão muito mais intensa em Paris do que na província, que pareceu ter ficado quase indiferente. Aliás, de um modo geral, a influência dessas crises é sempre mais sensível na capital do que nos departamentos. (DURKHEIM, 2002, p. 215).

Diante do exposto, o autor conta que nas grandes guerras nacionais assim como nos distúrbios políticos houve um decréscimo no número de suicídios, pois, para Durkheim (2002) existe uma motivação das pessoas a se unirem em tempos de perigo em comum. Para o sociólogo, os indivíduos precisam de um grupo para encontrar apoio e equilíbrio. Portanto, “[...] o suicídio representa um afrouxamento da estrutura social, um enfraquecimento dos laços grupais, uma desintegração” (HILLMAN, 2011, p. 35).

Ao analisar esse fato social, nas diversas sociedades humanas, Durkheim (2002) vai propor que existem três tipos diferentes de suicídio: o Anômico, o Egoísta e o Altruísta.

⁴ Sociólogo, antropólogo, cientista político, psicólogo social e filósofo francês. Considerado o pai da Sociologia.

E a preponderância do aparecimento de cada tipo de suicídio nas sociedades irá depender da coesão social, daquilo que mantém uma sociedade unida, e no caso em que a sociedade não conserva essa união, poderá haver o predomínio do suicídio Anômico e o Egoísta.

O Suicídio Anômico é quando as normas sociais não conseguem mais regular o ritmo de vida do sujeito. Ocorre um desregulamento social, as instituições não cumprem tão bem o seu papel, com isso perdem o respeito das pessoas e as normas sociais que deveriam manter a sociedade unida se desmoronam, o sujeito perde as esperanças.

É conhecida a influência agravante das situações de desorganização como as crises econômicas. Às vezes, o indivíduo não tem consciência dos seus limites e do que necessita, precisando de um parâmetro social. Quando a sociedade falha nesse aspecto, o homem se sente desorientado. A anomia pode ser percebida também na vida familiar, verificando-se aumento de taxas de suicídio após divórcios, por causa da incerteza, o que resulta num estado de perturbação. (DURKHEIM, 1992, p. 178).

Quanto ao suicídio Egoísta existe um desamparo social, o indivíduo não vê mais razão de estar na sociedade, acredita que ela está corrompida, e isso lhe causa uma melancolia. O indivíduo percebe a sociedade como altamente individualista e a reproduz, buscando somente a sua satisfação, e nisso prepondera mais o “ter” do que o “ser”. Para que ele seja aceito, o sujeito passa a buscar por desejos ilimitados (tais como o consumismo, materialismo), mas quando está sozinho, se volta para um vazio interno da alma, perde a razão de viver.

[...] se o vínculo que liga o homem à vida se distende, é porque o próprio vínculo que o liga à sociedade se distendeu. Quanto aos incidentes da vida privada que parecem inspirar de forma imediata o suicídio e que se considera serem as condições determinantes, não são, na realidade, causas ocasionais. Se o indivíduo cede à menor contrariedade da vida, é porque o estado em que se encontra a sociedade faz dele uma vítima sob medida para o suicídio. (DURKHEIM, 2002, p. 227).

Por fim, o Suicídio Altruísta, na visão durkheniana, é o contrário do Suicídio Egoísta, já que o mesmo acontece pelo indivíduo estar integrado demais em seu grupo social, sendo capaz de tirar a própria vida para o que ele tanto valoriza: a sociedade. Para esses indivíduos, vale a pena fazer uma anulação total de si mesmo para morrer e manter a sociedade. Como exemplo de suicídio Altruísta, há o

patriota que vai para a guerra em nome de sua nação, os kamikazes⁵, os terroristas (“homem-bomba”).

É provável que os suicídios tão frequentes nos homens de Revolução foram devidos, ao menos parcialmente, a um estado de espírito altruísta. Nesses tempos de lutas interiores, de entusiasmo coletivo, a personalidade individual já não tem mais valor. Os interesses da pátria ou do partido tinham primazia total. A multiplicidade das execuções capitais resulta, sem dúvida, da mesma causa. As pessoas matavam-se com a mesma facilidade com que se suicidavam. (DURKHEIM, 2002, p. 247).

Durkheim (2002) entende os suicídios como denúncias e uma forma de comunicação de que algo está muito errado na sociedade, apesar de não colocar o suicídio unicamente ou exclusivamente como causalidade sociológica, porém essa causalidade permanece.

Em uma abordagem contemporânea do tema, o sociólogo Zygmunt Bauman (2009), afirma que os indivíduos estão doentes por conta de seus vazios existenciais e pela perda de sentido da vida, o que acaba acarretando um consumismo desenfreado, em que os valores se tornam voláteis, egoístas e hedonistas, fenômeno que ele expressou como “Vida Líquida”. Os sintomas desse contexto podem ser vistos na sociedade:

O estresse e a ansiedade nada mais seriam do que manifestações mais imediatas desse mal-estar psicológico. O consumo de entorpecentes, de remédios antidepressivos e o vício do alcoolismo são mecanismos utilizados do indivíduo para fugir dos problemas irresolutos da vida cotidiana, pois lhe falta coragem para o enfrentamento dos seus imbrólios práticos. Entretanto, uma espécie de entorpecente mais sutil e socialmente aceitável encontra-se no ato consumista, que é também um lenitivo dos tormentos existenciais do homem destrozado da era tecnocrática. A saúde pública combate o consumo de substâncias tóxicas, mas não direciona jamais o seu enfoque no problema do consumo que se torna um fim em si mesmo, pois a própria estrutura capitalista depende desse mecanismo de dependência existencial do homem perante a efusão contínua de novos produtos, em nome de sua manutenção econômica. (BITTENCOURT, 2011, p. 28).

Bauman (2009) cita que as relações não são mais sólidas, pois as pessoas não querem mais entrar em contato com experiências vivenciais, detonando princípios e valores. Atuam na lógica do consumismo, se essa pessoa não me serve

⁵ Nome dado aos pilotos de aviões japoneses carregados de explosivos cuja missão era realizar ataques suicidas contra navios dos Aliados nos momentos finais da campanha do Pacífico na Segunda Guerra Mundial.

mais, eu a troco. Por isso ocorre o vazio existencial, as relações ficam rasas, sem profundidade, e assim é com a própria vida, fazendo com que os indivíduos dessa sociedade consumista vivam de antidepressivos para conviver com seu vazio. Para ele, o suicida denuncia um problema que também existe na sociedade.

Também de um ponto de vista social, a jornalista Eliane Brum (2016) descreveu sobre o cansaço da sociedade, em que se vive numa falsa liberdade, na qual as pessoas trabalham muito, não tem tempo de lazer, porém compram o que quiserem; e quando o corpo começa a adoecer pela velocidade não-humana, ficam com raiva desse corpo, e por isso se dopam. “O corpo então virou um atrapalho, um apêndice incômodo, um não-dá-conta que adocece, fica ansioso, deprime, entra em pânico” (BRUM, 2016, p.1).

Numa perspectiva mais individual, psicológica, algumas teorias procuram entender que a angústia (dor psíquica quase insuportável) está relacionada à ideação suicida.

Para a psicanálise, o suicídio muitas vezes está atrelado ao sofrimento psíquico, mas sofrimento psíquico e transtorno mental não são necessariamente sinônimos. E na psicanálise, o suicídio, ou antes, os pensamentos suicidas, não estão necessariamente atribuídos a patologias mentais, mas remetem à própria constituição psíquica do sujeito, as angústias individuais não biológicas, a questões sócio/ambientais e, portanto, não tratáveis meramente com medicamentos. (ANDRADE, 2019, p. 14).

Winnicott⁶ (2000) refere-se, em alguns de seus trabalhos, sobre os riscos potenciais de suicídio de acordo com a vulnerabilidade de pacientes em estágios regredidos de dependência, assim como, a doença oculta no indivíduo que aparenta normalidade. Ele traz contribuições para o suicídio, no qual afirma que este é um tema em que não se pode generalizar, pois cada sujeito tem sua subjetividade. Na Psicanálise, existe um entendimento da nossa constituição psíquica, ela se fortalece com o que acontece na infância, que é uma fase fundamental para o funcionamento psíquico.

Freud atribui às experiências infantis valor determinante e fundante no psiquismo. Ele estabelece o desamparo infantil e a busca de satisfação como elementos constituintes da subjetividade. Será por meio dessa compreensão do psiquismo em seus momentos iniciais,

⁶ Pediatra e psicanalista inglês, contemporâneo de Lacan, renomado na área de Psicologia Infantil.

que Freud irá estabelecer o paradigma que sustentará suas elaborações. (ZAVARONI *et al.*, 2007, p. 2).

Winnicott (2000) coloca a integração psíquica saudável que pressupõe desde uma infância na qual o indivíduo se sinta acolhido e cuidado pelo mundo e pelo ambiente até que se tenha condição de lidar com as demandas e exigências do mundo externo; se desde muito cedo o sujeito é invadido por exigências externas, a integração psíquica fica prejudicada. Quando a pessoa se adapta ao ambiente, mas não necessariamente deseja ele, esse indivíduo fica prejudicado e é aí que se forma o chamado *Falso Self*, segundo Winnicott, ou seja, em vez da pessoa manifestar a sua verdadeira essência dentro de um ambiente e/ou grupo, ela elabora um personagem para que o ambiente a acolha. O *Falso Self* surge no contato com a mãe (entende-se por mãe, a pessoa que esteja na função materna) “[...] incapaz de reconhecer, autenticar e confirmar a singularidade ímpar de seu bebê, obrigando-o a se submeter e acomodar as insuficiências dela” (DOIN, 2001, p. 225). O *Falso Self* surge, então, como uma medida de defesa do verdadeiro eu.

O pediatra e psicanalista esclarece que o impulso autodestrutivo pode se dar desde a infância:

[...] no brincar angustiado do garoto que desenha um navio, que atacado, naufraga sem esperança, juntamente com seu capitão. Pode também permear a luta incessante do adolescente para tornar-se real, ou a percepção do adulto de qualquer idade, sobre a vacuidade de suas incursões pela vida profissional, amorosa ou social. (WINNICOTT, 2000, p.152).

São pessoas que não se constituem em modo satisfatório, essa pessoa passa a agir todo o tempo se adaptando as exigências do mundo e do outro; fazem tudo de acordo com as normas do grupo, mas elas não conseguem encontrar sentido na própria vida e isso em um momento, acarreta o sofrimento. O *Falso Self* esconde o verdadeiro Eu.

No grau extremo existe um sentimento de vazio, de que a vida não vale a pena, que não há razão para viver; nos graus menos extremos, Winnicott (1990) aponta para uma organização secundária cindida, ou seja, uma possível regressão diante de dificuldades encontradas num estágio posterior do desenvolvimento, o que nos faria supor algum grau de sucesso na estruturação inicial primitiva. (GALVÁN; AMIRALIAN, 2009, p. 53).

Assim, para Winnicott, diante do contato com a dor e o falso Self, o indivíduo deseja matar esta parte enganosa de si mesmo como forma de se libertar do sofrimento que o prende. No entanto, matar o falso self implica em suicídio, já que sendo o suicida um homicida, o que ele visa é extinguir as angústias para descobrir seu eu genuíno, o verdadeiro self. Winnicott defende que em alguns casos, o suicídio é a única via possível para alcançar este intento.

Silva (2012) afirma que esta é a Era do Vazio e dos antidepressivos, por todo lado há solidão, dificuldade de sentir, de ser transportado para fora de si, no que resulta na sociedade depressiva.

Freud (1974) denomina este fenômeno do Vazio, de mal-estar na sociedade, a qual é fundada na base da renúncia à satisfação pulsional, uma constante repressão das pulsões. Antes do mal-estar, precisa sentir o “eu sou”, se não, pode ocorrer um “mal ser”, as pessoas não são de fato quem elas são, o que levanta um entendimento de não ser real a sua vida.

Leite (2014) afirma que a Psicologia conceitua o suicídio como uma série de pensamentos e emoções que leva o indivíduo à autodestruição, sendo que a melancolia parte desse processo e é caracterizada por um desânimo profundamente penoso, sensação de desinteresse pelo mundo externo, profunda insatisfação quanto à vida, perda pela capacidade de amar, diminuição dos sentimentos de autoestima. Na melancolia é o próprio ego que se torna pobre e vazio.

Na abordagem junguiana se defende a relação do suicídio simbólico ligado à metáfora da alma, não se leva somente em conta o sintoma e a psicopatologia, mas sim, o interno, qual a busca que o indivíduo está querendo ter com a sua própria morte? O que dentro dele precisa morrer?

O “lado de dentro”, além de ser visto como uma disponibilidade para se desvelar, o significado dos acontecimentos que são vividos pelo cliente, relaciona-se ainda com uma espécie de experimentar, compreender e, de certa forma, compartilhar do sofrimento e da experiência que nos é narrada na análise, só que de uma maneira singular e acolhedora, fato que pode ser desenvolvido no processo psicoterapêutico da psicologia analítica. Isso é totalmente diferente de uma ciência clássica que vê o paciente como portador de um sintoma, no qual o mais importante é descrevê-lo, catalogá-lo dentro dessa ou daquela nosologia. Fazer tal procedimento é objetivar o estudo do “lado de fora”. (BASTOS, 2009, p. 2, grifo do autor).

Já na abordagem da Psicologia fenomenológica, quanto à ideação suicida, acredita-se que essa afete pessoas que não têm um reconhecimento existencial

aprofundado, vivendo sentimentos de solidão, e para acabar com essa angústia, vê como saída o suicídio, eliminando-a. Dutra (2011) diz que há uma carência de vínculos afetivos que possam servir de continente às angústias, porque elas passam, seja no contexto familiar ou social.

É possível entender que para essas pessoas com ideação suicida, pensar em eliminar essa angústia através da morte de si, é uma forma de não enfrentar a finitude da existência, pelo desespero e sensação de impotência frente aos conflitos internos.

Seria a incapacidade de enxergar uma existência, no qual o outro se institua de um jeito novo, distinto daquele que absorveu. Ou seja, a descrença de que a vida possa ser vivida de outra maneira, com um sentido próprio, o que significaria uma recusa em continuar sendo como antes. O suicídio ainda poderia ser pensado como uma forma desesperada de se apropriar da vida, do seu ser, ainda que seja eliminando-o, o que não deixa de ser um modo de assumir o seu destino, como um ser-para-a-morte. (DUTRA, 2011, p. 156).

Dessa forma, Dutra (2011) ressalta que pensar o suicídio desvela a possibilidade de se considerar este fenômeno como expressão da angústia e do desamparo humano diante de um mundo que será inóspito para sua condição existencial de ser-no-mundo. Em outras palavras, pode-se retornar ao que Bauman (2007) afirma sobre a sociedade líquida, na qual as pessoas vivem numa busca incessante por felicidade, fazendo com que qualquer traço de angústia e tristeza seja “curado” imediatamente, inclusive com medicações, quando o sofrimento psíquico é somente uma forma de transformação da sua psique, fazendo sua existência e morada.

Para a Psiquiatria, entre os principais fatores de risco, porém não exclusivamente, estão os transtornos mentais. Uma revisão de 31 artigos científicos publicados entre 1959 e 2001, englobando 15.629 suicídios na população em geral, demonstrou que em mais de 90% dos casos caberia um diagnóstico de transtorno mental à época do ato fatal (BERTOLOTE; FLEISCHMANN, 2002).

Entre os principais poderíamos citar certos transtornos mentais (depressão, alcoolismo), perdas recentes, perdas de figuras parentais na infância, dinâmica familiar conturbada, personalidade com fortes traços de impulsividade e agressividade, certas situações clínicas (como doenças crônicas incapacitantes, dolorosas, desfigurantes), ter acesso fácil a meio letais. (BOTEGA et al, 2006, p. 216).

O psiquiatra Nardi (2018) relata que os tratamentos com medicamentos, psicoterapias e atividade física regular têm trazido novas perspectivas no acompanhamento a longo prazo dos pacientes, diminuindo o risco de suicídio.

A Comissão de Prevenção de Suicídio da Associação Brasileira de Psiquiatria, ao elaborar o Manual para Imprensa (2009), relata que o suicídio não pode se relacionar apenas a transtornos mentais, pois nem todas as pessoas com doenças mentais irão procurar o suicídio, apenas que é um fator de risco importante.

É notável a necessidade de profissionais de saúde para ajudar essas pessoas em sofrimento.

Esse sofrimento será identificado e tratado pelo profissional de saúde, que deverá utilizar todos os meios de que dispõe para ajudar seu paciente, incluindo medicamentos, tratamentos biológicos, abordagens sociais e psicológicas, tratamentos psicoterápicos de variadas orientações e, eventualmente, internações. (CASSORLA, 2017, p. 40).

Numa perspectiva filosófica do tema, o filósofo existencialista Kierkegaard desvela a ideia de um tempo em que somos obrigados a ser felizes, e se considera um pecado mortal ser triste, as pessoas querem viver sem ter experiências de frustração (FEIJOO, 2019). Para o filósofo, a angústia faz um papel muito importante em nossa vida, pois traz novas possibilidades de ser, como se fosse um caminho que nos coloca face a face conosco mesmos, fazendo com que o sujeito procure a superação pela fé.

[...] ele defende que o homem que não se projeta para o infinito e o ilimitado também cai no desespero de não querer o caráter aberto da sua existência, assim sendo, esse homem nada mais seria que um animal, ou seja, ele estaria em uma mera repetição do mesmo, com total ausência do tempo. Kierkegaard diz que é nessa tensão que se encontra a fé, algo que ninguém pode dar ou tirar de outrem. (FEIJOO, 2019, p. 2).

Para o filósofo Albert Camus⁷ (2018), o maior enigma da Filosofia é o de julgar se a vida vale ou não a pena ser vivida. Em seu livro, O Mito de Sísifo, ele escreve que as pessoas vivem uma vida absurda, na qual ele tece comparações com o mito de Sísifo da Mitologia Grega:

“[...] os deuses tinham condenado Sísifo a rolar um rochedo incessantemente até o cimo de uma montanha, de onde a pedra caía de novo por seu próprio peso. Eles tinham pensado, com as suas

⁷ Jornalista e filósofo francês existencialista.

razões, que não existe punição mais terrível do que o trabalho inútil e sem esperança”. (CAMUS, 2018, p. 39).

Esse autor conclui que o ser humano vive repetições absurdas por toda sua existência, como por exemplo, na relação com o trabalho, o próprio emprego, sem perceber o vazio de si com a realidade do mundo, e o suicídio aparece como uma maneira de fugir do absurdo, como um ato de revolta.

Deixa o Sísifo na base da montanha! As pessoas sempre reencontram seu fardo. Mas Sísifo ensina a fidelidade superior que nega os deuses e ergue as rochas. Também ele acha que está tudo bem. Esse universo, doravante sem dono, não lhe parece estéril nem fútil. Cada grão dessa pedra, cada fragmento mineral dessa montanha cheia de noite forma por si só um mundo. A própria luta para chegar ao cume basta para encher o coração de um homem. É preciso imaginar Sísifo feliz. (CAMUS, 2018, p. 141).

Para esse filósofo o absurdo da vida cotidiana é uma questão fundamental a qual não podemos fugir e nem apelar para a fé, devemos aceitá-lo e também que a vida é paradoxal e sem sentido. O caminho que Camus (2018) segue é que se não existe um deus que diz o que é certo ou errado e que nossa vida já está determinada, somos então livres para construir um sentido para nossa existência. A atitude mais digna para ele é nos revoltar contra essa vida sem sentido. Sísifo tem consciência da sua vida que é o absurdo, está concentrado no seu trabalho de erguer a pedra, isso basta para que ele seja vivo. É preciso imaginar Sísifo feliz, ele sempre recomeça, por mais absurdo que seja, ele continua seu trabalho, basta isso para preencher o coração de um homem. Traz consigo a ideia de aceitação, encarar o vazio e não deixar que isso te impeça de viver.

Quanto ao sujeito moderno, na filosofia de Foucault (1996), esse é uma pessoa colocada em ecos, de ser o tempo todo negociante de si próprio, empresário de si mesmo. Por isso cada vez mais cedo, as crianças vão sendo cobradas e estimuladas no aspecto cognitivo, mas é frágil o fortalecimento de sua psique, seu verdadeiro eu. Desde a infância, podem-se ver famílias planejando quem a criança deve ser no futuro, inserindo-as em disputas (comparações com primos, filhos de outros), a criança vira um empresário de si precocemente, fazendo com que a competitividade produza uma realidade na qual prevaleça um individualismo exacerbado. Assim, o sujeito se desenvolve sempre pensando em ser melhor e se auto exigindo em ser o melhor, diminuindo o senso de coletividade. Esta atitude acaba com qualquer possibilidade de se abrir um espaço para o sofrimento, não

existindo a possibilidade de dizer e se assumir triste e sofrendo, pois o sujeito não se sente preparado e tampouco sabe lidar com a angústia. Isso leva muitos indivíduos a sentirem um sentimento de desamparo, abandono e de sufocamento, a pessoa percebe que sente, mas não tem ferramentas psíquicas para se colocar no mundo.

Almeida (2019) afirma que, para Foucault, existe uma preocupação do poder político com a promoção da vida. Para ele, viver é quase uma obrigação, muito mais que um direito.

Trata-se da necessidade de pôr em controle político, útil e eficiente a vida da população, controlar e gerir os vivos de modo eficiente em termos de utilidade. Mais do que isso, foi com a entrada da vida na história que a própria noção de população tomou um sentido particular; um sentido que define população como uma grande massa a organizar (com auxílio de mecanismos disciplinares de ação sobre o corpo individual), controlar, gerir e governar. É necessário que o biopoder invista na manutenção da vida da população com vistas a seu equilíbrio e pleno funcionamento, sem riscos, imprevistos ou acidentes. (ALMEIDA, 2019, p. 40).

Foucault (1996) argumenta que nem sempre foi assim. Na Idade Moderna, o fato de se iniciar a interferência da norma médica em todas as formas de vida, fez com que a morte se tornasse gradualmente uma desqualificação. Antes a morte fazia parte de um espaço público, as pessoas falavam e pensavam a respeito, e até morriam em casa. Não existiam tantos pudores para se falar da morte, ou se pensar na morte. Segundo a teoria do filósofo, o motivo da morte virar um tabu e ser mais escondido, não seria pela angústia das pessoas, mas sim pelas transformações das tecnologias de poder. “A morte era o momento em que se passava de um poder, que era o do soberano aqui na terra, para aquele outro poder, soberano no além” (FOUCAULT, 2016, p. 208).

Assim, nos discursos sobre suicídio, o querer morrer ou o querer deixar a vida, é apontado como uma das mais importantes transgressões, pois levanta o questionamento “a quem pertence a vida?”, não se pode não querer viver? não se pode querer viver? E assim é totalmente interditado o querer morrer. Desse modo, se mantêm pessoas em hospitais com a vida vegetativa, mas sob o controle de tecnologias médicas.

O suicídio na biopolítica se insere na categoria de condutas que se quer evitar e, talvez se possa afirmar, é a ação que mais se quer evitar numa sociedade na qual o poder político administra a vida e faz viver. O suicídio põe em dúvida o poder sobre a vida e podemos dizer que torna manifesta certa fragilidade do poder político em controlar a vida e evitar mortes. É uma ação que, ao mesmo tempo,

pode colocar em questão certa racionalidade política, o próprio biopoder e talvez, certas noções religiosas vinculadas à questão acerca de “a quem pertence a vida?”. (ALMEIDA, 2019, p. 66).

Para Almeida (2019) a morte atualmente deixa o discurso corrente e passa exclusivamente para o ambiente hospitalar sobre os cuidados do médico. O discurso sobre a morte de um modo geral, também comporta vários mecanismos de regulamentação e interdição. Ainda hoje, é difícil falar sobre a morte de um modo geral, sempre com muitos pudores e receios, falar como se pensa, e até falar com crianças sobre isso. O suicida sai da ordem médica, que é viver a qualquer custo, pois compete contra esse poder, por isso que em locais de emergência, nem sempre o indivíduo que tentou suicídio é bem tratado, e sem encontrar empatia e ética, está sujeito a ouvir discursos do tipo “da próxima vez, faça direito”, “muitas pessoas querendo viver e você fazendo isso” e outros julgamentos do tipo.

A filósofa Almeida (2019) assinala que os suicidas também vão contra a lógica capitalista, ele é aquele que denuncia que não está tudo bem, que as formas de viver e as condições de vida nem sempre são dignas e que não se tem equidade de direitos. E vai contra a lógica cristã, pois é aquele que compete com o Deus cristão, pois se a vida é um dom divino só esse Deus pode retirar. O suicida é uma afronta para esses três segmentos: poder médico, lógica capitalista e lógica cristã (ALMEIDA, 2019).

E quanto ao poder legal, atualmente no Brasil, o suicídio não é considerado crime, porém, segundo o artigo 122, do Código Penal (1998) quem instiga de alguma forma o outro a se suicidar pode ter uma pena de dois a seis anos, se o suicídio foi consumado; e de um a três anos, se da tentativa de suicídio resulta lesão corporal de natureza grave.

No artigo 5º do Código Penal (1998, n.p.) “[...] todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade”.

Embora o induzimento e a instigação sejam situações semelhantes, pode-se distinguir o ato de induzir, que traduz a iniciativa do agente, criando na mente da vítima o desejo do suicídio quando esta ainda não pensara nele, do ato de instigar, que se refere à conduta de reforçar, acoroçoar, estimular a ideia preexistente do suicídio. Em ambos os casos é necessário que o meio seja idôneo, capaz de influir moralmente sobre a vítima, sendo pelo menos uma das causas

do suicídio. Caso contrário, não estará caracterizado o nexo causal. (MIRABETE; FABRINI, 2010, p. 48).

Com o avanço tecnológico, esse crime de induzir e instigar ocorre também via redes sociais ou em grupos de aplicativo multiplataforma de mensagens instantâneas, trazendo novas maneiras de realizar tais crimes contra a humanidade.

Há anos atrás, muitas pessoas acreditavam que a mídia social era somente para diversão, algo não muito produtivo. Mas atualmente, o uso de mídias sociais se tornou uma necessidade, uma parte crucial na vida de uma pessoa, pois agora as mídias sociais são usadas até para se exercer uma carreira e divulgação de trabalhos.

Com isso, a mídia social pode contribuir também para conectar pessoas, entretanto, nessas conexões também se observa a existência de crimes, como estelionatário, roubo, *cyberbullying*, entre outros.

O *cyberbullying* é uma nova forma de crime expresso por meio da mídia eletrônica e pode impactar a vida de qualquer pessoa, principalmente adolescente, que está ainda formando sua identidade e procurando seu grupo de amigos.

De acordo com Bottino *et al.* (2015) o *cyberbullying* ocorre em uma prevalência mais baixa do que o *bullying* tradicional ou escolar. Contudo, o *cyberbullying* afeta uma parcela significativa dos adolescentes (10 a 20%), estando relacionados à estresse e emoções negativas, como raiva, medo, estresse, depressão.

Os estudos incluídos nessa revisão identificaram vários fatores de risco psicossocial e problemas de saúde associados ao *cyberbullying* entre vítimas, infratores. *Cyberbullying* está relacionado ao estresse emocional, ansiedade social, uso de substâncias, sintomas de depressão, ideação suicida e tentativas de suicídio. (BOTTINO *et al.*, 2015, p. 472).

Pais e educadores devem saber os riscos das mídias sociais e precisam promover o diálogo sobre o tema, auxiliando os jovens a encontrar formas eficazes de lidar com os sentimentos de angústia. Do ponto de vista legal, o tema suicídio tem dupla abordagem, sobre o direito de morrer (eutanásia) que no Brasil não é aceito e considerado como crime, e também sobre o *cyberbullying*, como um dos principais crimes virtuais que mais se ocorre atualmente com o avanço tecnológico.

Com esta breve discussão sobre o suicídio, levantamos a hipótese de que devido a uma memória coletiva sobre o tema, o discurso corriqueiro sobre o suicídio

é repleto de julgamentos, por conta de fatos já ocorridos historicamente, de doutrinas e tradições religiosas e/ou culturais que fazem parte da memória coletiva, em vez de se buscar no fato em si e na atualidade uma maior compreensão e sensibilidade para enxergá-lo.

No próximo capítulo se apresenta o tema informação e suicídio em suas inter-relações, a partir de reflexões com base em pesquisas já realizadas sobre o tema e disponíveis em bases de dados.

3 INFORMAÇÃO, MÍDIA E SUICÍDIO NA ÁREA DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

A Ciência da Informação, ao se interessar pelos problemas da informação em sociedade, pode colaborar à prevenção ao suicídio, para que a disseminação de informações sobre o tema possa ser compreendida com mais afinco no que se refere às responsabilidades sociais.

Ciência da Informação é uma ciência social que investiga os problemas, temas e casos relacionados com o fenômeno informacional perceptível e cognoscível através da confirmação ou não das propriedades inerentes à gênese do fluxo, organização e comportamentos informacionais (origem, coleta, organização, armazenamento, recuperação, interpretação, transformação e utilização da informação). (SILVA, 2006b, p. 140).

Para auxiliar a interpretação do tema suicídio na sociedade brasileira, no intuito de se divulgar informações idôneas e evitar o sensacionalismo na abordagem, a Associação Brasileira de Psiquiatria fez uma cartilha, em 2009, dirigida para profissionais de Imprensa orientando como abordar o suicídio na mídia, preservando o direito à informação e colaborando com a prevenção.

A irresponsabilidade do profissional que não se atenta às implicações do tema, pode ter consequências desastrosas, como o chamado *efeito contágio* ou *efeito Werther*.

Em 1774, Goethe escreveu um romance chamado “Os Sofrimentos do Jovem Werther”, em que narra a história de um jovem protagonista perdidamente apaixonado por uma moça que não nutria um sentimento recíproco, o motivo pelo qual o jovem provocou seu suicídio. A situação na época na Europa fez com que vários jovens repetissem o comportamento do suicídio usando roupas parecidas com a do personagem do livro, “[...] ou seja, inúmeros cidadãos cometeram suicídio tal como o do personagem e, diante desse efeito inesperado, começou-se a aventar a possibilidade de que os meios de comunicação poderiam vir a favorecer o incremento de suicídios” (NARDI; BRIGAGÃO, 2018, p. 13). Esse efeito de contágio foi chamado de *Efeito Werther*.

Esse efeito levanta uma discussão antiga, que divide os estudiosos que acreditam que o mesmo possa existir e outros não. Na corrente que afirma existir o efeito contágio, tem-se os estudiosos George Colt e David Phillips (2006 *apud* CÔRTE; KHOURY; MUSSI, 2014, p. 254):

George Howe Colt (2006), ao observar que em diversos lugares (Dallas, Beverly Hills, Ohio) dos Estados Unidos aconteceram no

mesmo período vários suicídios, como se um desencadeasse outros tantos. O sociólogo americano David Phillips, citado por Colt (2006), ao estudar suicídio por imitação, encontrou aumento de 12% nos casos dos EUA em agosto de 1962, época do suicídio altamente publicado da atriz Marilyn Monroe; foram 197 suicídios a mais do que seria esperado em um mês normal. (COLT; PHILLIPS, 2006 *apud* CORTÊ; KHOURY; MUSSI, 2014, p. 254).

Já o sociólogo Durkheim (2002) tendo seu ponto de vista voltado para a sociedade, não acredita que o suicídio seja contagioso a ponto de interferir no coletivo, e se chegar a atingir algum grau de intensidade é apenas por um período curto. Segundo ele, um evento pode originar casos individuais mais ou menos numerosos, mas não contribui para determinar a desigualdade da propensão para o suicídio, que se manifesta nas diferentes sociedades e no interior de cada sociedade.

Steven Stack, criminólogo, segue uma linha em que há uma mediação dos dois pontos de vista, porém tira como conclusão de que os que são “atingidos” pelas notícias de suicídio, na verdade já têm uma predisposição para tal ato (CORTÊ; KHOURY; MUSSI, 2014, p. 254)

Steven Stack, um dos principais criminólogos contemporâneos, professor da Universidade Estadual de Wayne (EUA), critica os estudos sobre os suicídios imitativos por deixarem de fora grande parte da população que não se deixou influenciar pela notícia divulgada. Oferece, por sua vez, outra pergunta: o que diferencia os “influenciáveis” dos demais? Segundo Stack, aqueles que apresentam predisposição ao suicídio ou comportamentos parecidos aos do suicida são o de maior risco de suicídio (CORTÊ; KHOURY; MUSSI, 2014, p. 254).

Em 2017, uma série americana adolescente chamada “*13 Reasons Why*”⁸ ficou famosa ao contar a narrativa ficcional sobre a vida de uma garota norte-americana que se suicidou, cuja história se desenvolve por meio de depoimentos gravados em fitas, nas quais a personagem enumera as razões para seu ato. Segundo reportagem da British Broadcasting Corporation (BBC) News (2019), o governo americano atribuiu um aumento do número de suicídios de adolescentes no país após a estreia da série: “Ao individualizar os índices de acordo com o sexo da vítima, foi notado um aumento significativo entre homens jovens no mês seguinte à estreia”.

⁸ Série produzida pela provedora de filmes e séries Netflix, no ano de 2017, oriunda da obra homônima e *best-seller* redigida pelo escritor norte-americano Jay Asher.

Essa série teve pontos positivos e negativos quanto à divulgação de informação sobre o suicídio. O impacto negativo ocorreu quanto a esse aumento de índice de suicídios. O criador Brian Yorkey, no dia 16 de julho de 2019, segundo o blog da Instituição, Vita Alere de Prevenção e Pósvenção do Suicídio (2019), finalmente decidiu ouvir o que os pesquisadores de suicidologia têm dito e mostrado, e editou a cena em que a adolescente comete o suicídio. O ponto positivo é que a exposição do suicídio levou a que se falasse mais sobre o tema, já que a maioria dos adolescentes estavam comentando a respeito da série, e isso fez com que muitas pessoas prestassem mais atenção.

Outro agravante encontrado quando se discute o tema é a questão da pós-verdade no âmbito informacional. Hessen (1999) observa que para existir o critério de verdade, é necessário alcançarmos a certeza de que ele é verdadeiro. Porém, com o surgimento da internet, aumentou a proliferação e alcance das *fake News*, que são notícias falsas e compartilhadas, geralmente na Internet, por usuários de redes sociais e sites ilegítimos. Essa expressão do inglês foi incorporada ao uso brasileiro, e se refere a disseminação de boatos e inverdades com informações incorretas e também “[...] motivadas por interesses que visam manipular atitudes, opiniões e ações” (SANTAELLA, 2018, p. 27). Pode-se perceber que nem sempre as pessoas confirmam a veracidade de uma informação antes de compartilhá-la.

Isso tem relação estreita com um fenômeno que, em 2016 foi nomeado de pós-verdade (*post-truth*) pelo Dicionário Oxford. “São crenças pessoais, irrefutáveis para muitos, ganharam força frente à lógica e aos fatos e acabaram estabelecendo-se como pressupostos compartilhados pela sociedade, provocando a desordem da opinião pública” (LLORENTE, 2017, p. 9).

Na atual conjectura, existe uma demanda por informações atuais, em que nem sempre a leitura realizada leva a reflexões profundas. Chega-se a um patamar, em que no processo de formação de opinião se formam verdades absolutas (muitas vezes errôneas) e não se abre a possibilidade de se ouvir e respeitar a opinião contrária. “Quando alguém publica algo que não nos agrada, simplesmente deletamos a pessoa. Dessa maneira elas são utilizadas para corroborar nossas próprias opiniões” (GUERRA; BARBOSA, 2017, p. 130).

Nas notícias acerca do suicídio, a construção de informações falsas, as tais *Fake News*, é um processo presente, podendo ocasionar pânico coletivo, porém,

muitas vezes nem os profissionais e agentes midiáticos⁹ que publicam e tampouco o público que compartilha a informação, tem ideia do quão perigoso e arbitrário esse ato pode ser e o que acarreta.

No Brasil, no ano de 2017, um jogo virtual ganhou destaque na mídia e foi relacionado a círculos de jovens e adolescentes, chamado o jogo da Baleia Azul. Esse jogo foi iniciado na Rússia em 2016, e consistia em alguns desafios em grupos fechados de redes sociais ou *Whatsapp* distribuídos por uma pessoa. De acordo com Sterz e Silva (2017), o jogo virtual faz com que os participantes cumpram 50 desafios. Sequencialmente, eles se tornam mais perigosos, inserem técnicas como a automutilação e estimula a privação do sono, simulando etapas preparatórias para o objetivo final, o suicídio.

Porém, segundo Barros (2017), trata-se de um boato, surgido da interpretação distorcida de uma notícia antiga; a verdade, no entanto, é que nenhum caso foi ligado de fato ao jogo. O que se passou é que no período algumas notícias de suicídio de adolescentes no Brasil foram associadas ao jogo, mas não havia nenhuma evidência no corpo do texto que detalhava o ocorrido. No entanto, a população entrou em pânico, pois se acreditou nas notícias e as mesmas interferiram na reação emocional do público, que não foi em busca de fatos atuais.

A Organização Não-Governamental *Safernet*¹⁰ divulgou que:

[...] após a veiculação da notícia, houve uma explosão de 1.150% nas buscas a respeito do “desafio da Baleia Azul” e tópicos relacionados, como “suicídio”. “Essa notícia falsa que surgiu na Rússia e chegou no Brasil de forma sensacionalista e alarmista acabou servindo de gatilho para um efeito de imitação” afirmou. (BOLDRINI, 2017, n. p.).

A partir dessas considerações notam-se nessa divulgação da mídia sobre o jogo da Baleia Azul os elementos da pós-verdade, em que as emoções e opiniões se sobrepuseram aos fatos na interpretação e recepção da informação pelo público.

⁹ Por profissionais entendem-se as agências de notícias, redes de rádio, jornal e televisão e sites de notícia da internet, assim como os jornalistas; e por agentes midiáticos compreendem-se pessoas com destaque em variados canais de mídia e informação, que podem ser considerados líderes de opinião sobre algum tema, tais como blogueiros, celebridades, *digital influencers*, artistas, políticos etc.

¹⁰ *SaferNet* é uma associação civil de direito privado, com atuação nacional, sem fins lucrativos ou econômicos, se consolidou no Brasil como entidade referência no enfrentamento aos crimes e violações aos Direitos Humanos na Internet.

Por isso, é importante falar sobre o suicídio em termos claros, com dados e estatísticas, evitando o sensacionalismo, com uso de abordagem adequada como uma questão de saúde, em vez de se deixar como algo velado e omissivo socialmente, pois existem as formas corretas para se abordar o tema, inclusive ao noticiar o fato. Quando o suicídio for notícia, além do risco do efeito contágio, apesar de não confirmado, entende-se que uma abordagem sensacionalista pode levar a um pânico social, sendo também necessário se sensibilizar pela família enlutada a fim de não causar maiores danos psicológicos, assim como realizar esforços de divulgar a informação em saúde para prevenção do suicídio no local em que o ato foi consumado, visando entender e prevenir ações futuras.

Como relatado nos episódios referentes ao livro dos Sofrimentos do Jovem Werther e a série “13 *Reasons Why*”, pode ser perigoso ocorrer a “romantização” do suicídio, ao se dar reforço positivo para tal ato. Da mesma forma, abordar como algo trivial, comum, não é recomendável. “Ao invés disso, quando pertinente, seria melhor relatar uma história de sofrimento e investigar a possível contribuição de um transtorno mental no desenlace fatal” (CARVALHO; CARVALHO, 2009, p. 21).

Santaella (2018) afirma que o sensacionalismo atrai as emoções humanas e que embora não seja uma invenção da internet, no âmbito da velocidade do compartilhamento de informações e da pós-verdade, é difícil diferenciar o trágico factual do trágico fantasiado. Desse modo, ao lidar com a informação para a prevenção do suicídio, existem critérios importantes para a elaboração das reportagens que na cartilha da Associação Brasileira de Psiquiatria (2009) apresenta pontos que direcionam o profissional a informar sem provocar danos. Existem algumas dicas antes de iniciar a matéria: Por que divulgar? É relevante? Que tipo de impacto a reportagem poderá ter? Ao redigir a matéria se colocar no lugar do outro, tais como a família enlutada e os que estão vulneráveis pensando em tirar a própria vida. A forma para se noticiar sugere uma reportagem discreta e cuidadosa, sem detalhismo do método suicida, ainda mais se o falecido era uma celebridade ou pessoa muito estimada.

Existem algumas dicas valiosas na cartilha da Associação Brasileira de Psiquiatria (2009), tais como:

- Evitar a palavra suicídio em chamadas e manchetes, melhor incluí-lo no corpo do texto;
- Evitar a colocação da matéria em primeira página;

- Evitar chamadas dramáticas, ou ênfase no impacto da morte sobre as pessoas próximas;
- Pessoas sob impacto do suicídio estão à procura de uma “causa” para o ocorrido e podem, nas entrevistas, transmitir sua “teoria” que coloca a culpa em algo ou em alguém;
- Alguns entrevistados, inicialmente, poderão negar que a vítima tivesse dado sinais de que planejava se matar (essa percepção costuma mudar com o passar do tempo);
- Não ficar repetindo a reportagem, nem novas matérias sobre o caso;
- Não fornecer detalhes do método letal e nem fotos;
- Evitar termos valorativos, como por exemplo, “cometeu” suicídio, tentou suicídio “sem sucesso” ou generalizantes, como, por exemplo, “os suicidas” ao referir-se a pessoas falecidas por suicídio;
- Aproveite a oportunidade para conscientizar a população sobre a prevenção do suicídio;
- Esclarecer as consequências do ato em si, seja na forma de danos físicos e mentais permanentes (no caso de tentativa não consumada), seja no impacto que provoca na família e amigos;
- Em alguns casos, é prudente omitir o local onde o ato foi realizado. Estudos apontam para uma possível popularização desses espaços (...) como o da ponte *Golden Gate*¹¹; é aconselhável não dar destaques à notícia: no caso de jornais não noticiar em páginas pares e usar a parte inferior. Em TV, do terceiro bloco em diante, o mesmo se aplica a programa de rádio.
- Evitar cobertura de páginas inteiras ou de longa duração. Caso seja indispensável, tentar dar uma abordagem mais abrangente ao tema;
- Existe um consenso quanto ao uso de imagens em matérias sobre o suicídio: é preferível não ilustrar este tipo de cobertura, principalmente quando se trata da pessoa que morreu. A família sempre deve ser

¹¹ Ponte localizada no estado da Califórnia (EUA), liga a cidade de São Francisco a Sausalito.

consultada e sua vontade levada em conta. Caso o veículo decida publicá-la, evitar a primeira página.

O suicídio é um assunto que sempre foi delicado e restrito, porém atualmente com o avanço das tecnologias de informação, temos uma avalanche de informações acerca do tema, mas existe um grande volume de notícias falsas disseminadas pelas redes sociais, jornais e até filmes, com a atuação de profissionais da comunicação e outros agentes midiáticos que disseminam notícias sensacionalistas, sem responsabilidade e credibilidade para atrair o usuário, causando um pânico coletivo, levando as pessoas a compartilharem informações danosas. A abordagem da mídia contribui para a construção responsável ou não, de entendimento sobre o tema.

Quanto a abordagem científica do tema informação e suicídio, em busca realizada em artigos científicos em bases de dados como BRAPCI¹² e *Web of Science*¹³, também é de maior relevância a abordagem acerca das relações entre a postura da mídia e o comportamento dos usuários em redes sociais. Destacam-se como os resultados mais relevantes, aqueles que inter-relacionam a questão da informação e suicídio e as abordagens do tema.

No geral, se destacam os estudos que investigaram se seria possível a detecção precoce de um adolescente com ideação suicida ou depressão através de mídias sociais, se teria algum indício para ser analisado. Alguns estudos encontraram um conjunto de dados que podem identificar fatores de risco de suicídio, criando um conjunto de recursos linguísticos, lexicais e semânticos que ajudam na captura dos sinais adolescentes com ideação suicida.

Esses artigos mostram o quanto as redes sociais se tornam um refúgio, como uma fuga da realidade, para aqueles que estão vivendo algum conflito pessoal, Méa, Biffe e Ferreira (2016) dizem que pode favorecer o uso da internet como fuga psicológica, desviando o usuário de um acontecimento difícil da vida real.

¹² A busca na base de dados BRAPCI dos últimos dez anos (2010-2020) utilizando a palavra-chave “Informação em Saúde (Suicídio)”, resultou num total de somente cinco trabalhos.

¹³ A busca na base de dados Web of Science com a palavra-chave “*suicide (health information and media)*”, de janeiro de 2020 a setembro de 2020, obteve um total de vinte e quatro resultados. Desse total, cinco não abordavam o assunto suicídio especificamente e também não envolvia a ciência da informação.

Curiosamente, os que tentam suicídio demonstraram mais comportamentos de uso ativo de mídias sociais relacionados aos indivíduos que se suicidaram. Lof, os que tentam suicídio mostram-se mais ativos nos comentários e republicações sobre comportamentos de ideação suicida do que os que concretizam o suicídio.

As mídias sociais como *Facebook*, *Instagram*, *Twitter*, *blogs* e *Whatsapp* são um meio de se conectar, possibilitando que os usuários conversem uns com os outros, e a maioria usa essas plataformas para se comunicar, dividir ideias, informação, imagens e/ou vídeos. As pesquisas de Bazarova e Choi (2014) mostram que as mídias sociais trazem alguns benefícios para o relacionamento interpessoal, o vínculo é construído através dessas redes, assim como também tem alguns riscos, como o *cyberbully*.

Fu *et al.* (2014) destacam que a mídia social pode ser uma faca de dois gumes: embora possa afetar contagiosamente outras pessoas ao espalhar pensamentos e atos suicidas, também pode desempenhar um papel positivo ao ajudar pessoas em risco de suicídio, fornecendo resgate e apoio. Porém, são necessárias mais pesquisas para entender como as pessoas vulneráveis ao suicídio interagem com informações sobre suicídio *online* e como pode-se intervir efetivamente.

Na área de Ciência da Informação, os artigos discutem o pouco espaço utilizado para se debater o tema na mídia, além de propostas de terminologia sobre o suicídio baseada na teoria de Ranganathan (Biblioteconomia/Ciência da Informação) e Laswell (Comunicação). Um dos artigos realiza o levantamento do inventário bibliográfico sobre o suicídio na literatura de religião espírita, que tem produção relevante sobre o tema, e conclui que existem mais obras espíritas que abordam o tema do que nas obras de outras religiões (BTESHE *et al.*, 2010).

Os artigos destacam a responsabilidade midiática, e um deles aborda um trabalho de Pesquisa-Ação em que se relata como a apresentação de vídeos sobre saúde mental em uma sala de espera de uma clínica médica teve como resultado um maior envolvimento com informações sobre saúde, dando abertura para debates (PORTUGAL *et al.*, 2011).

Os artigos tratam do tema da ética dos profissionais que reportam as notícias de suicídio e estratégias de prevenção por meio de reportagens; ainda, abordam o reconhecimento da depressão e crise suicida nas redes sociais. O destaque dados as redes sociais aborda desde o uso de revisão do que é postado em redes sociais

sobre o tema, até a avaliação das percepções dos usuários de mídias sociais como o *Facebook* e o *Reddit* sobre o estigma do suicídio (NATHAN; NATHAN, 2020). A questão da prevenção também aparece quando se aborda ajuda *online* para pessoas com tendência suicida, atendendo suas necessidades para prevenção ao suicídio.

Um estudo sobre autópsia psicológica de suicídios de jovens na Holanda busca estudar a interação de fatores para informar as estratégias de prevenção (MÉRELLE *et al.*, 2020); assim como foi encontrada uma revisão em que se investigam as definições e a epidemiologia de tais *clusters suicide* (agrupamento de suicídio) em adolescentes, e fatores associados a eles, os mecanismos pelos quais ocorrem, deste modo se conclui que pelo uso da informação em mídias sociais é possível intervir e prevenir esses fatores (HAWTON *et al.*, 2020).

Em estudos que abordam a prevenção do suicídio através de cursos e treinamentos, se destaca um programa de Aconselhamento sobre Acesso a Meios Letais (CALM) para educar médicos sobre a importância das intervenções (ROSEN; MICHAEL; JAMENSON, 2020); e outro que teve por objetivo preparar 70 adultos para apoiar os jovens nas mídias sociais que postam ou veem mensagens relacionadas ao suicídio, a equipe de pesquisa elaborou um treinamento de uma hora para que fosse concluída as três fases: a primeira, iniciar a conversa; a segunda, ouvir, coletar informações e avaliar a experiência do visualizador e a terceira, planejar e agir. (KERR *et al.*, 2020).

Nos estudos que buscam estudar questões epidemiológicas e tendência temporal dos suicídios e sua correlação com fatores sociais, é notável que um aspecto especial para prevenção é a *internet*, e especialmente, as mídias sociais que fornecem uma infinidade de informações para prevenção do suicídio.

Nos principais trabalhos selecionados nas bases de dados que servem de apoio a essa discussão, a abordagem científica do tema informação e suicídio é realizada no campo social, político e cultural, com destaque para as abordagens midiáticas, o uso das redes sociais e a importância da prevenção. Foi possível notar que a maior quantidade dessas produções científicas sobre o tema informação e suicídio é no contexto da responsabilidade ética dos profissionais que reportam as notícias de suicídio.

Em relação aos assuntos encontrados nesses artigos, a relevância da temática sobre a importância da responsabilidade da mídia em relação à prevenção

do suicídio alcança destaque, pois muitos artigos fazem menção a diretrizes para profissionais midiáticos sobre como noticiar um suicídio (inclusive de celebridades); assim como também estudam os efeitos de contágio causados por essas notícias impactantes quando as diretrizes não são respeitadas. São artigos que concluem com resultados satisfatórios em relação aos profissionais de mídia que fazem um uso benéfico da informação no espaço de divulgação, pois se usadas de forma correta, às notícias podem conter informações aliadas à prevenção do suicídio. Também se destaca com maior relevância, artigos que utilizam meios tecnológicos, especialmente recursos para pesquisa em mídias sociais, para ser possível detectar sinais que os usuários dão de depressão e ideação suicida nessas mídias. Portanto, a relação entre os temas informação, mídia e suicídio merece o foco de nossa atenção.

O capítulo seguinte apresenta a metodologia que foi utilizada para a análise dos comentários de usuários de notícias sobre suicídio – a Análise do Discurso.

4 ANÁLISE DO DISCURSO COMO FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E METODOLÓGICA

Neste capítulo se apresenta a Análise do Discurso como recurso metodológico para a execução da pesquisa referente à interpretação de notícias sobre suicídio na cidade de Marília.

A Análise do Discurso surge na França na década de 1960, que ficou marcada como um período bastante agitado do ponto de vista político e cultural, com o surgimento de dois pensadores mais relevantes para o campo discursivo, Pêuchex e Foucault. “A análise do discurso francesa procurou entender esse momento político, analisando os discursos que foram então produzidos” (FIGARO *et al.*, 2015, p. 20)

Orlandi (2015a) afirma que o principal objetivo da Análise do Discurso é mostrar as relações entre linguagem, história e sociedade, ela faz isso através dos efeitos de sentido. Por isso, que o analista do discurso relaciona a linguagem à sua exterioridade.

Partindo da ideia de que a materialidade específica da ideologia é o discurso e a materialidade específica do discurso é a língua, trabalha a relação língua-discurso-ideologia. Essa relação se complementa com o fato de que, como diz M. Pêuchex (1975), não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia: o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia e é assim que a língua faz sentido. (ORLANDI, 2015a, p. 15).

O analista do discurso que segue a linha francesa não está preocupado em construir, mas em desconstruir, identificar incongruências, propor reflexão e ressignificar. E mostrar que a linguagem não é, mas está, ela é contextual.

Pêuchex¹⁴ (1983) propôs estudos que pudessem explicar como o discurso funciona por meio da ideologia. Sua vertente está alicerçada em três domínios disciplinares: a Linguística, reconhecendo nele o ponto de origem da ciência linguística; o Materialismo Histórico; e a Teoria do Discurso acompanhada da Psicanálise de Freud e Lacan.

Para Pêuchex (2015), a linguística tem seus limites e não explica o funcionamento do discurso, isto porque o autor acredita que é a ideologia que se

¹⁴ Filósofo francês, expoente maior do círculo de intelectuais que fundou a linha conhecida como Análise do Discurso francesa.

materializa na linguagem, sendo assim, a estrutura linguística não seria o suficiente para explicar o discurso, pois os conceitos da sintaxe e semântica presentes na ciência da linguística desconhecem que o sujeito é ideológico (histórico e social).

A lógica do filósofo é, se um sujeito convive em uma conjuntura social, obviamente já está influenciado pelas condições históricas dessa sociedade, então conceitua que o sujeito está assujeitado em condições históricas e sociais e sua linguagem é constituída por essa conjuntura social específica. Assim:

Um bom exemplo dessa perspectiva encontra-se na tradição marxista de crítica da ideologia como um método para realizar a reconstrução histórico-crítica dos discursos, mostrando assim que o sujeito, menos do que autor autônomo de seu próprio discurso, é determinado pelas condições que o tornaram um indivíduo posicionado em uma determinada classe social, com interesses específicos que só podem ser compreendidos se entendermos os antagonismos sociais que presidem sua formação. Examinar o contexto social da produção e a série histórica no interior da qual ele se posiciona permite que entendamos melhor a mensagem do que se olharmos para as intenções individuais de seu autor. (DUNKER; PAULON; MILÁN-RAMOS, 2016, p. 51).

Na teoria do discurso, Pêucheux (2015) propõe entender que o discurso está materializado pela ideologia, o sujeito ao produzir o discurso esquece que o seu dizer tem um posicionamento, uma memória discursiva, e que seu dizer está revelando sua conjuntura social e que tem um efeito ideológico, desta forma, “diremos que os indivíduos são ‘interpelados’ em sujeitos-falantes (sujeitos em seu discurso) pelas formações discursivas que representam na linguagem as formações ideológicas que lhes são correspondentes” (PÊUCHEUX, 2015, p. 147).

A memória apresenta características marcantes quanto a sua relação com o discurso, é aquilo que fala antes, de um outro lugar, independentemente do contexto atual, e, portanto, é chamada de memória discursiva, um saber que torna possível o dizer e que retorna no discurso como um pré-construído, um já dito sobre o tema e que afeta como o sujeito interpreta uma situação discursiva dada (ORLANDI, 2015b).

A memória discursiva é um conceito central na Análise do Discurso, ela é pensada desde o início em relação ao discurso, como interdiscurso, ou seja, como algo que fala antes em outro lugar independentemente da relação com o que está sendo falado.

O termo interdiscurso caracteriza esse corpo de traços como materialidade discursiva, exterior e anterior à existência de uma sequência dada, na medida em que esta materialidade intervém para

constituir tal sequência. O não-dito da sequência não é, assim, reconstruído sobre a base de operações lógicas internas, ele remete aqui a um já-dito, ao dito em outro lugar: assim, a noção discursiva de pré-construído deve ser distinta da noção lógica de pressuposição da mesma forma a noção discursiva de discurso transversal se distingue da noção lógica de implicação. (PEUCHEUX, 2015, p. 145-146).

O discurso é composto pelos sujeitos, a situação e a memória. Quanto aos sujeitos, quem fala, fala de um lugar e assume um posicionamento em seu dizer. A situação envolve o contexto imediato e também o contexto social, histórico e ideológico que afeta os acontecimentos. A memória, conforme apresentado no capítulo 2, é aquilo que fala antes, que já foi dito por alguém em algum lugar e tem um efeito sobre o que se diz hoje: “Todo dizer, na realidade, se encontra na confluência dos dois eixos: o da memória (constituição) e o da atualidade (formulação). E é desse jogo que tiram seus sentidos” (ORLANDI, 2015b, p. 33).

A memória é exterior, mas deixa marcas no interior do discurso, que permitem resgatá-la. A memória discursiva é diferente da individual, pois é a memória que a sociedade carrega, parte da memória histórica e social e por isso se faz presente do discurso dos usuários. “A memória discursiva deve ser entendida não no sentido diretamente psicologista da ‘memória individual’, mas nos sentidos entrecruzados da memória mítica, da memória social inscrita em práticas, e da memória construída do historiador” (PÊCHEUX, 1983, p. 50, grifo do autor). O conceito de memória discursiva, se aproxima do conceito de memória coletiva de Halbwachs (SCHMIDT; MAHFOUD, 1993), pois não se refere a lembranças individuais, ou seja a memória cognitiva, mas é uma memória de acontecimentos sociais. A memória coletiva se manifesta no cotidiano discursivamente.

Contudo, a memória também é afetada por esquecimentos. Na linguagem, segundo Pêcheux (1983) funcionam dois tipos de esquecimentos na enunciação: o número um – ideológico (relacionado ao aspecto polissêmico da linguagem) e o número dois, esquecimento da ordem de enunciação (relacionado ao aspecto parafrásico da linguagem).

Sobre o primeiro esquecimento:

[...] ele é da instância do inconsciente e resulta do modo pelo qual somos afetados pela ideologia. Por esse esquecimento temos a ilusão de ser a origem do que dizemos quando, na realidade, retomamos sentidos preexistentes. Esse esquecimento reflete o sonho adâmico: o de estar na inicial absoluta da linguagem, ser o primeiro homem, dizendo as primeiras palavras que significariam

apenas e exatamente o que queremos. Na realidade, embora se realizem em nós, os sentidos apenas se representam como originando-se em nós: eles são determinados pela maneira como nos inscrevemos na língua e na história e é por isto que significam e não pela nossa vontade. (ORLANDI, 2015b, p. 33).

Quanto ao segundo esquecimento, ao enunciarmos, articulamos nosso dizer de um modo e não de outro e, inevitavelmente, para fazê-lo esquecemos das demais possibilidades que a língua nos fornece para construir sentidos. Em outros termos, há outros modos de dizer.

Ao falarmos “sem medo”, por exemplo, podíamos dizer “com coragem”, ou “livremente” etc. Isto significa em nosso dizer e nem sempre temos consciência disso. Este “esquecimento” produz em nós a impressão da realidade do pensamento. Esta impressão é denominada ilusão referencial, nos faz acreditar que há uma relação direta entre o pensamento, a linguagem e o mundo, de tal modo que pensamos que o que dizemos só pode ser dito com aquelas palavras e não outras, que só pode ser assim. (ORLANDI, 2015b, p. 33).

Pêcheux também faz uma aproximação com a Psicanálise na tentativa de associar a ideologia ao inconsciente do sujeito. Para ele, se é aceita a formulação de Lacan de que o inconsciente é o discurso do Outro, podemos discernir de que modo o recalcado inconsciente e o assujeitamento ideológico estão materialmente ligados, sem estar confundidos (TEIXEIRA, 1994). Deste modo, o discurso é imbuído de ideologia e influenciado pelo inconsciente.

Freud mostra o modelo de um *iceberg* para poder representar a ideia de consciente e inconsciente, no qual o que está acima do mar é o consciente (que se pode ver) e o que está abaixo o inconsciente (o que não se vê). Para a Psicanálise, a frase “Penso, logo existo” de Descartes foi substituída pelo “existo onde não penso”, assim é fundada a ideia de inconsciente, no caso essa frase oculta um ser não consciente (KNIJNIK, 2003). Lacan (1998) afirma que o eu não é senhor do que ele diz, por isso conceitua como o Outro que dá lugar ao inconsciente, que para ele é no que está de fato a verdadeira essência do indivíduo, onde se dá os atos falhos e deslizos da linguagem.

A teoria pêcheutiana, segundo Orlandi (2015b) busca compreender que o sujeito quando produz o discurso não reconhece que o seu dizer é efeito de um processo sócio histórico e ideológico, que existe um pré-construído no discurso, ou memória discursiva, assim, quando Pêcheux construiu a teoria da Análise do discurso, sua proposta tinha por objetivo compreender o funcionamento do discurso

como sendo efeito de sentido, pois analisar os discursos é observar como os sentidos produzem as interpretações.

Outro autor considerado fundador da AD é Michel Foucault, e para entender melhor a Análise do Discurso Foucaultiana, é necessário entender o pensamento do filósofo.

Em seu livro “A Arqueologia do Saber”, Escobar *et al.* (2008) demonstra que sua filosofia questiona ordens que foram feitas, é uma filosofia não fascista, na qual as práticas discursivas são modificadas pelos campos em que ela se forma, pelas instituições sociais, ao mesmo tempo em que as modifica. Seu pensamento é um conhecimento prático e visa a transformação, “sacudir” evidências, aquilo que é familiar, que está acostumado, o óbvio, mas que necessita ser problematizado. Tornar visível o que é invisível.

Para Foucault (1990) o sujeito está imerso em relações de poder, fazendo com que o poder defina quem é cada um, produzindo desejos e relações com outros ou com si próprio. O inimigo maior, o adversário estratégico é o fascismo, que sujeita o outro a um poder. O fascismo que está entre todos, que ronda a sociedade, que faz com que todos queiram o poder que domina e explora.

Foucault usa ‘sujeito’ no estrito sentido etimológico da palavra. Em latim, a palavra é *sub-iéctus* ou *subjectus*, e denota aquilo ou aquele que é “colocado por baixo”, o mesmo que “súdito”. No ensaio sobre a relação entre sujeito e poder – “*Porquoi étudier le pouvoir: la question du sujet*”, ele é bem claro: “Há dois sentidos para a palavra “sujeito”: sujeito submetido ao outro, através do controle e da dependência, e sujeito preso à sua própria identidade, através da consciência ou do conhecimento de si. Em ambos os casos, essa palavra sugere uma forma de poder que subjuga e assujeita. (FISCHER, 1999, p. 43).

Em seu livro “Vigiar e Punir”, Foucault (1996) ele afirma sobre as disciplinas que são impostas na sociedade, e diz ser “dócil” o corpo que pode ser submetido. E assim investiga a criação de várias instituições para disciplinar, como as prisões e os hospícios.

Para Foucault (1996) também existe o poder em relação aos discursos, que nem sempre são perceptíveis para as pessoas. Na ordem discursiva existem os procedimentos de exclusão, que dão validação ou legitimidade discursiva aqueles cujo discurso é considerado válido em detrimento de outras pessoas. Os procedimentos podem ser resumidos em:

- 1) Interdição: não é possível dizer tudo, alguns assuntos são tabus;

2) Separação e rejeição: aqueles que não tem razão (por exemplo, o que é considerado louco pela sociedade) têm o discurso invalidado;

3) Disciplinares: que possuem requisitos formais para a construção do discurso, o indivíduo não pode construir um discurso de qualquer jeito, tem que seguir e se submeter a alguns princípios. Pois, existe um sistema vertical de dependências: todas as posições do sujeito e todas as estratégias discursivas não são igualmente possíveis, mas apenas as que são autorizadas pelos níveis anteriores (ESCOBAR *et al.*, 2008).

Para Foucault (1996), o discurso é fundante, as coisas não preexistem nas palavras, são os discursos que produzem as verdades.

A primeira etapa de sua proposta de Análise do discurso “consiste em suspender as suas definições e contextualizações ‘naturais’. Um discurso pode ser abordado do ponto de vista de sua relação com o outro, de sua classificação ou de sua continuidade” (DUNKER; PAULON; MILÁN-RAMOS, 2016, p. 77).

Na segunda etapa, consiste em detectar os acontecimentos “que estabelecem transformações que remetem a novas unidades entendidas como efeito de discurso”. (DUNKER; PAULON; MILÁN-RAMOS, 2016, p. 77). Nessa fase, pode ser empregada três questões:

- 1) O estudo das regras de formação de um discurso, ou seja, as condições pelas quais ele cria objetos segundo certas regras regulares;
- 2) O estudo dos critérios de transformação, ou seja, os limites que um discurso encontra em outro discurso no qual ele pode ser convertido, englobado ou recortado;
- 3) O estudo dos critérios de correlação, ou seja, o tipo de ligação entre um discurso e suas instituições, suas inscrições jurídicas, suas normas ou disciplinas. (DUNKER; PAULON; MILÁN-RAMOS, 2016, p. 77).

Concluindo, o objetivo da Análise do discurso de vertente foucaultiana é desconstruir o óbvio, problematizar e denunciar as formas discursivas de poder.

Para Almeida (2019), se o ato suicida é considerado uma das principais subversões da biopolítica, o discurso sobre um ato ao qual não se deve chegar – o querer morrer – precisa de regulamentação discursiva. Pois se o suicídio é um tabu, por ser um ato extremamente transgressivo, precisa passar por certas regulamentações discursivas.

Essa análise utiliza a noção de memória discursiva e seu efeito sentidos em notícias sobre suicídio no jornal *Marília Notícia* e os comentários de leitores. Para isso, analisa procedimentos discursivos, tais como o uso da memória, referentes às

correlações, relações que os discursos estabelecem uns com os outros a partir das posições assumidas pelos sujeitos discursivos, aplicadas às interpretações sobre o tema suicídio pelo jornal e seus leitores.

Quanto aos textos selecionados para análise, foram escolhidas quatro notícias do Jornal Marília Notícia em sua versão *online* na página do Facebook e priorizado os destaques, ou seja, como as notícias são divulgadas no feed de notícias ou timeline, com destacabilidade:

Maingueneau (2006) apresentou a noção de citação e destacabilidade de forma conjunta, elaborar uma reflexão sobre procedimentos, em especial, dos aparelhos midiáticos, que levam ao destaque (por meio da citação) enunciados que já têm a propensão da destacabilidade, ou seja, que funcionam como fórmulas autônomas, já nascem como se fossem memoráveis e facilmente memorizáveis. Em jornalismo, a posição tipograficamente realçada (títulos, subtítulos, legendas) contribui para que determinados aspectos dos acontecimentos noticiados sejam alçados à condição do que é memorável/memorizável. (MAINGUENEAU, 2006 *apud* MORAES, 2020, p. 1553).

Em seguida foram selecionados os comentários de leitores (considerados mais relevantes quanto ao tema) sobre os destaques, com a finalidade de analisar a memória discursiva e seu efeito de sentidos da leitura sobre suicídio no discurso dos leitores.

A leitura interpretativa, discursiva, constitui-se em analisar o que é dito em um discurso e o que é dito em outro, o que se opera por meio da análise de cada texto, no caso, nos destaques do jornal e nos comentários de leitores, e assim chega-se ao discurso, procurando entender a memória discursiva presente na posição do jornal e do leitor a partir dos seguintes aspectos discursivos: o modo de dizer (abordar o tema), o que é dito, o não dito naquilo que é dito, e elementos da memória discursiva.

Pretende-se utilizar as noções de discurso e seus elementos na interpretação dos usuários e observação dos procedimentos discursivos, tais como o uso da memória, referentes às correlações, relações que os discursos estabelecem uns com os outros a partir das posições assumidas pelos sujeitos discursivos, aplicadas às interpretações dos comentários das notícias selecionadas, para entender como o usuário se posiciona discursivamente diante das notícias sobre suicídio.

A leitura interpretativa, discursiva, constitui-se em analisar o que é dito em um discurso e o que é dito em outro, o que se opera por meio da análise cada texto, no

caso, as chamadas do jornal e os comentários de usuários, e assim chega-se ao discurso, procurando entender a posição do jornal e do usuário, a partir dos seguintes aspectos discursivos: o modo de dizer (abordar o tema), o que é dito, o não dito naquilo que é dito, e a memória discursiva.

[...] a proposta é a da construção de um dispositivo da interpretação. Esse dispositivo tem como característica colocar o dito em relação ao não dito, o que o sujeito diz em um lugar com o que é dito em outro lugar, o que é dito de um modo com o que é dito de outro, procurando ouvir, naquilo que o sujeito diz, aquilo que ele não diz mas que constitui igualmente os sentidos de suas palavras. (ORLANDI, 2015b, p. 57).

O ponto central da análise é buscar a memória discursiva e seu efeito de sentidos sobre o tema suicídio e sobre o sujeito suicida em destacamentos de notícias do jornal *Marília Notícia*, e nos comentários de leitores publicados na página do jornal na rede social *Facebook*.

5 INFORMAÇÃO E SUICÍDIO NA CIDADE DE MARÍLIA: ANÁLISE DISCURSIVA

Esse capítulo apresenta uma análise discursiva e a construção de uma memória discursiva acerca do suicídio, através da análise da leitura de destacamento de notícias e comentários de usuários/leitores, sobre o tema suicídio, em notícias veiculadas no jornal Marília Notícia na rede social *Facebook*.

O motivo que levou a pesquisadora a escolha do tema suicídio em comentários de notícias de 2019 na cidade de Marília foi a divulgação oficial do Ministério da Saúde (DataSus 2019), de que na cidade neste período, ocorreu o maior número de mortes por suicídio com 22 casos, após o recorde que foi o ano de 2013 com 27 casos.

Esse é o contexto ou como se diz em Análise de discurso, as condições de produção que construíram um entendimento sobre a escolha do tema, abordando por exemplo, a exposição da mídia sobre o tema. Ainda nas condições de produção, se apresenta o contexto do jornal “Marília Notícia” surgido em 2014, e que tem uma página na rede social *Facebook*, a escolha dessa página é por ser a mais popular com total de 131.182 seguidores até março de 2021.

O *Facebook* é um site de rede social que tem como proposta a troca de conhecimentos, interações, comunicação e divulgação de informações, além de se fazer amizades entre os usuários.

Quanto à análise, essa privilegiou:

a). No que se refere à fonte, foram selecionadas apenas os destacamentos de notícias do jornal de Marília que tenham página na rede social *Facebook*, e sejam referentes ao ano de 2019 e um de 2021 a fim de analisar se os destacamentos sofreram, ou não, mudanças no período. O motivo da escolha dos destacamentos nos *feed* de notícias, em especial os títulos é por que:

[...] busca-se compreender como se constrói, discursivamente, a relevância de tais destaques para o público. Os títulos e demais destaques são em si uma forma alternativa da narratividade, funcionando como pontos luminosos da tessitura do texto jornalístico: há uma história que se conta por meio do destacamento, uma (outra) história (mais) fragmentada. (MORAES, 2018, p. 2).

Na página do *Facebook* do Marília Notícia, apresenta o *feed* de notícias ou *timeline*, com destacamentos de notícias que proporcionam a sensação de estar informado sobre tudo.

b). Quanto à recuperação de informações, essa obedeceu a alguns critérios: busca por notícias acerca do tema suicídio no jornal Marília Notícia, que estejam disponíveis em mídias sociais *online*, e selecionadas aquelas que tiveram o maior número de curtidas, comentários e/ou compartilhamentos.

c). Também é preciso retomar as diretrizes da cartilha da Associação Brasileira de Psiquiatria (2009) sobre a divulgação do tema na mídia quanto a relato de suicídio, e que se esse for divulgado, deve ter propósitos, tais como: prevenir futuros suicídios e minimizar o sofrimento das pessoas enlutadas, que também apresentam risco aumentado de suicídio. Os destacamentos são analisados sob este prisma.

d). O foco maior da análise é de caráter discursivo, portanto, se refere a memória discursiva e seu efeito de sentidos da leitura dos destacamentos de notícias, ou seja, da apropriação da informação pelo leitor, as interpretações manifestas por meio dos comentários de leitores. Esses comentários, por sua vez, são analisados por meio do conceito de memória discursiva e seus esquecimentos, do efeito de sentidos e posicionamentos que as leituras das notícias provocam nos sujeitos. A análise discursiva também responde as seguintes questões: **1) quanto ao jornal:** No destacamento da notícia como o jornal Marília Notícia constrói o discurso sobre o tema suicídio e sobre o suicida? **2) quanto aos usuários/leitores:** Como os leitores/usuários de mídia *online*, se apropriam da informação e manifestam a memória discursiva ao se posicionar nos comentários frente à notícia e ao tema? **3) quanto a prevenção:** Com a análise do discurso dos destacamentos e dos comentários, é possível perceber se há um enfoque na prevenção ao suicídio?

Na perspectiva discursiva, cada destacamento de notícia e cada comentário de usuário corresponde a um texto, porém a soma das notícias, ou seja, suas regularidades discursivas, constitui o discurso do jornal, e a soma dos comentários, seus aspectos mais repetidos e discutidos pelos usuários, formam o discurso do usuário. Em resumo, cada chamada de notícia/destacamento é um texto, e cada comentário selecionado também é um texto, porém o que se interpreta de cada um constrói um discurso tanto do jornal quanto dos usuários sobre o tema.

5.1 ANÁLISE DISCURSIVA

Para empreender a análise discursiva foram selecionados quatro destacamentos de notícias ¹⁵da cidade de Marília do jornal Marília Notícia em sua página *online* na rede social *Facebook*¹⁶ e que atenderam os critérios estabelecidos na pesquisa. A busca foi realizada durante os meses de dezembro de 2020 a março de 2021.

Quanto aos comentários ¹⁷de usuários foram selecionados aqueles considerados mais relevantes no que se refere ao número de curtidas e repercussão gerada entre eles, levando a proliferação de discursos sobre o tema.

5.1.1 Notícia 1

Esta notícia foi veiculada em 25 de janeiro de 2019 e ainda permanece *online*. Refere-se ao suicídio de um agente penitenciário na cidade e a construção discursiva e o estresse sofrido pelo suicida como causa.

Quadro 1 - Descrição e análise da posição jornal na notícia 1.

ASPECTOS DA ANÁLISE	POSIÇÃO DISCURSIVA DO JORNAL
Destacamento	“Suicídio de agente penitenciário revela “ferida aberta” na Segurança Pública. Sem nenhuma assistência psicológica ou psiquiátrica, profissionais continuam adoecendo pela carga de estresse e desenvolvem comportamento compulsivo na categoria”.
Tema suicídio	Quanto ao modo de dizer, o tema é abordado sob o viés de causa e consequência, o suicídio é causado por um sofrimento psíquico e emocional, que se negligenciado, pode

¹⁵ Os nomes das pessoas referentes às notícias em análise não são divulgados, respeitando a sua privacidade, embora o jornal em estudo publicasse em suas matérias o nome completo das vítimas. As imagens foram desfocadas para não permitir o reconhecimento facial e servem apenas ao propósito de ilustrar o modo de divulgação do jornal. Essas ações foram baseadas na Ética com Humanos e Animais em Publicações. Fonte: <https://sites.usp.br/comcirp/etica-com-humanos-e-animais-em-publicac%CC%A7o%CC%83es/>

¹⁶ O perfil do jornal Marília Notícia pode ser conferido em: <https://www.facebook.com/marilianoticia/posts/2282054161840047>

¹⁷ Os comentários dos leitores também foram tarjados e com imagem desfocada para evitar identificação.

	levar ao ato. O discurso se insere no campo médico e profissional.
Suicida	O que é dito a respeito do suicida é que esse é um doente, afetado pelo estresse excessivo que realiza tal ato, por adoecer e não contar com um apoio psicossocial.
Segue as diretrizes da Associação Brasileira de Psiquiatria tendo como enfoque na prevenção?	() SIM (x) NÃO Porque é notável a ênfase dada ao modo como o suicídio foi elaborado, e por meio de uma fotografia, provocando um sensacionalismo, ao mostrar o lugar em que foi praticado e o corpo encoberto em um saco preto.
Uso de imagens	Sim
Compartilhamentos	207
Curtidas	1100 (597 curtidas, 520 tristes, 33 espanto, 1 sorriso, 1 raiva)
Comentários	105

Fonte: Elaborado pela autora.

Figura 1 – Notícia 1, veiculada em 25 de janeiro de 2019.



Fonte: FACEBOOK (2019a).

No destacamento notam-se elementos que corroboram um discurso de causa e efeito para a ação: o suicídio é abordado como “ferida aberta”, problema para o qual não há “nenhuma assistência psicológica ou psiquiátrica”, colocando também o tema no campo médico, ao enfatizar a necessidade de uma ajuda profissional a quem “adoece pela carga de estresse”. Nota-se a relação de causa e efeito no discurso do jornal – causa: doença devido a estresse profissional; efeito – suicídio; esquecendo que o suicídio tem causas múltiplas.

Quanto à construção do discurso sobre o suicida, o destacamento apresenta um perfil de alguém que está doente, usando os termos “adoecendo pela carga de estresse” e que “desenvolve um comportamento compulsivo”.

Quanto aos efeitos de sentidos provocados pela leitura desse destacamento de notícia, foram selecionados os comentários que seguem:

Quadro 2 - Descrição e análise da posição usuário no comentário A.

ASPECTOS DA ANÁLISE	POSICIONAMENTO DO USUÁRIO
Comentário A selecionado	“Infelizmente essa é uma ferida aberta não só na segurança pública, mas na vida! Falta auxílio total para pessoas que passam por depressão, falta total empatia com o próximo. Talvez tenha ao seu lado alguém precisando de ajuda urgente e você nem percebe por achar que é frescura!”.
Tema suicídio	Relacionado ao cotidiano, a vida de cada um e também ao campo da doença.
Sobre suicida	Um sujeito que precisa de ajuda.
Memória discursiva	A minimização do tema, a sociedade que ensina a ser forte e máscara os problemas psiquiátricos – o que o sociólogo Bauman chamou de Vida Líquida. Na qual, ocorre um vazio existencial proporcionado por uma sociedade que exige ser feliz.
Curtidas	57
Principais comentários secundários	A maioria apoia o comentário citado, porém houve um que diminuiu a importância do ato: “Esse papo de suicídio já está saturado! Investiguem antes de falar algo. Fazer um homicídio parecer um suicídio é a coisa mais fácil do mundo”.

Fonte: Elaborado pela autora.

Figura 2 – Comentário A de usuário sobre a notícia 1.



Fonte: FACEBOOK (2019a).

O comentário selecionado teve 57 curtidas (a maior da publicação) e nele nota-se um discurso que não se refere apenas a uma falta de apoio na área de saúde pública, mas também uma falta de empatia na sociedade. Isso corrobora a visão de Bauman (2009) que as relações não são mais sólidas e profundas (com princípios e valores), mas sim líquidas, rasas, mecanicistas, faltando o apoio e empatia ao outro.

O comentário reitera essa pressão social, e prossegue dizendo que muitos acham que é “frescura”, ou seja, que a pessoa em sofrimento psíquico na verdade não tem isso. Esse comentário mostra um posicionamento enraizado socialmente, uma memória sobre o tema.

Em resposta ao comentário selecionado, destaca-se um outro discurso, em que o modo de dizer contrasta com o comentário A, pois aqui aparece a voz do Outro, aquilo que muitas vezes não se admite, mas está lá, é um posicionamento existente na sociedade, quando o usuário nega o suicídio e usa a palavra “saturado”

como se ele estivesse incomodado e impaciente com o termo, e afirma que pode ser homicídio.

[...] a negação consiste simplesmente na recusa do sujeito a aceitar a existência de uma situação penosa demais para ser tolerada, ou seja, o indivíduo dá como inexistente um pensamento ou sentimento que, caso ele admitisse, causaria grande angústia. (SILVA, 2010, p. 2).

Outro usuário se mostra empático com a família, recebendo seis curtidas. Em seguida aborda-se mais um comentário sobre a notícia 1:

Quadro 3 - Descrição e análise da posição usuário no comentário B.

ASPECTOS DA ANÁLISE	POSICIONAMENTO DO USUÁRIO
Comentário B selecionado	“Povo evangélico de Marília, faça campanhas de oração para esses espírito (sic) de suicídio. Acorda povo de Deus”.
Tema suicídio	Relacionado a ações religiosas – orações, campanha, para que se evite a morte.
Sobre o suicida	Um sujeito que precisa de oração.
Memória discursiva	Campo religioso, com um certo sincretismo de religiões de base cristã, protestante – evangélico – e também espírita.
Curtidas	8
Principais comentários secundários	Somente um comentário concordando com o usuário.

Fonte: Elaborado pela autora.

Figura 3 – Comentário B de usuário sobre a notícia 1.



Fonte: FACEBOOK (2019a).

Nesse comentário, a empatia que prevalece é relacionada à presença religiosa e a indignação, no qual uma usuária pede orações aos suicidas, e para as pessoas “acordarem”, com o pensamento de que os suicidas irão para o inferno e por isso precisam de orações para serem salvos.

A sociedade cristã medieval considerava os hereges, suicidas, sodomitas e homicidas como portadores de uma característica depreciativa que não condizia com os valores de uma sociedade cristã e, portanto, balançava as estruturas sociais e ameaçava a ordem da sociedade medieval. Dessa forma, informar sobre o que aconteceria com estas almas caso elas deixassem os vícios apropriarem-se de suas ações era uma maneira de preservar a ordem, mas que marcava e estigmatizava os detentores de tais características. (COSTA, 2011, p. 31).

Nesses comentários pode-se perceber um discurso dos usuários que acessam a memória coletiva acerca do suicídio, e que nessa situação social e histórica, se posicionam discursivamente apoiados em tais argumentos que estão cristalizados socialmente, neste caso em doutrinas religiosas, que apontam Jesus ou Deus como o que acolhe, abençoa e conforta a família. Discursos estes que remete a questão religiosa desde a Idade Média, como o Deus sendo o todo poderoso.

Numa resposta ao comentário B analisado, um usuário declara haver direitos humanos para os presos, tais como o atendimento psicológico. Quanto ao dito, dá a entender, que os presos têm, e quanto ao não dito, que os agentes penitenciários não têm esse direito, assim como também foi inserido o *emoticon* que simboliza um enfurecimento. Apenas um se indigna com o ato em si, criando uma falsa dicotomia entre os direitos do agente penitenciário e o dos presos, que não aparece na notícia, ou seja, está no campo do não dito, mas está significando, o que predomina nesse comentário é a relação que a usuária fez entre os agentes e os presos – se uns têm seus direitos assegurados, os outros não o tem, como se estivessem em polos antagônicos e não como participantes de um mesmo sistema de opressão. O não dito, seria que existe uma hierarquia dentro da instituição prisional e por isso uma diferenciação dos indivíduos, de quem merece receber o tratamento psicológico, no caso, seriam os agentes penitenciários e em contrapartida, os presidiários seriam os não merecedores, já que segundo Foucault (1996) prevalece o pensamento de que estão sendo punidos e necessitam se submeter à ordem e a disciplina que lhe são impostas e consequentemente às relações de poder.

A maioria apoia o comentário B e presta condolências à família.

O terceiro e último comentário selecionado referente ao destaque 1, ajuda a construir um posicionamento do usuário sobre o suicida:

Quadro 4 - Descrição e análise da posição usuário no comentário C.

ASPECTOS DA ANÁLISE	POSICIONAMENTO DO USUÁRIO
Comentário C selecionado	“Isso é risco da profissão, antes de escolher é necessário analisar os prós e os contras e não somente o dinheiro ou estabilidade...”.
Tema suicídio	O suicídio não é abordado aqui como advindo de uma angústia emocional, mas pelo risco que o trabalho impõe, como se fosse a única causa.
Sobre suicida	O suicida como um indivíduo que só pensou no dinheiro e estabilidade.
Memória	Não ver o suicídio como um sofrimento psíquico que precisa de

discursiva	tratamento, mas sim por ser ganancioso e, conseqüentemente, se matou – ideologia religiosa, no qual é castigado.
Curtidas	8
Principais comentários secundários	Todos os comentários foram contra o pensamento do comentarista, o que pode se resumir a esse: “Não tem nada a ver com a profissão, todas as profissões estão propícias a isso, qualquer pessoa pode sofrer de depressão”.

Fonte: Elaborado pela autora.

Figura 4 – Comentário C de usuário sobre a notícia 1.



Fonte: FACEBOOK (2019a).

Esse comentário C declara que o suicídio é um risco da profissão – no caso, de agente penitenciário – e que o suicida buscou por isso ao optar por seu exercício pensou apenas em salário e estabilidade e não pensou nos prós e contras. Aparece um discurso simplista de causa e efeito para o suicídio, a de que um fator específico – causa – tem como efeito o suicídio, sem o conhecimento de que esse tem causas multifatoriais, o que foi rebatido por outros comentários de leitores que

falam sobre o suicídio não vir somente pela profissão. Também se nota a ideia de castigo, o suicida em vida buscou o dinheiro, foi ganancioso e pagou por isso com a sua própria vida.

A depressão é um fator de risco para o suicídio, é um abatimento doloroso, uma cessação do interesse pelo mundo exterior, perda da capacidade de amar, inibição de toda a atividade e principalmente a diminuição da autoestima que se expressa em autorrecreminações e ofensas a própria pessoa e pode chegar a uma delirante expectativa de punição (FREUD, 2010).

Por fim, sobre a notícia 1 predominam comentários de leitores, que são os efeitos de sentido da leitura do destacamento, ou seja, a apropriação da informação em curso que demonstram a empatia de alguns usuários para com o suicida e seu ato e também com a família enlutada, muitos verbalizam também um discurso sobre a importância do apoio e observação do outro, com especial atenção a pessoas que estão com esses pensamentos, de ideação suicida. Deste modo, conseguem posicionar o suicídio no campo da saúde mental, como um transtorno psiquiátrico, e assim se solidarizar com o suicida, como alguém que estava em situação de sofrimento. Porém, notamos em comentários já citados, demonstrações de discursos que acentuam a falta de sensibilidade de outros usuários, minimizando ou negando o sofrimento alheio. Também foi notado o papel preponderante da memória discursiva quando se discursa sobre o tema, remetendo a apropriação da informação pelo viés ideológico religioso, notado em comentários que pedem orações para o suicida, pois para doutrina cristã/espírita é necessário fazer oração ao espírito do suicida:

A doutrina busca oferecer suporte para o indivíduo que praticou tal ato denominado socorro espiritual, que é uma reunião realizada por grupos de trabalho e apoio que atuam para socorrer pessoas que já se suicidaram. É necessária a participação de pessoas do plano carnal e espiritual [...] sendo a equipe espiritual responsável por invocar espíritos a fim de que eles possam receber vibrações amorosas e orações emitidas pelos encarnados. (SANTOS, 2016, p. 20).

Os espíritas fazem um papel de acolhimento às pessoas com sofrimento psíquico, oferecendo orações e tratamentos por meio de passes¹⁸.

¹⁸ É o nome que se dá no Espiritismo à imposição de mãos. Segundo os adeptos desta doutrina, visa promover a doação de supostas bioenergias de um indivíduo ao outro. O passe é uma prática amplamente difundida entre os espíritas.

5.1.2 Notícia 2

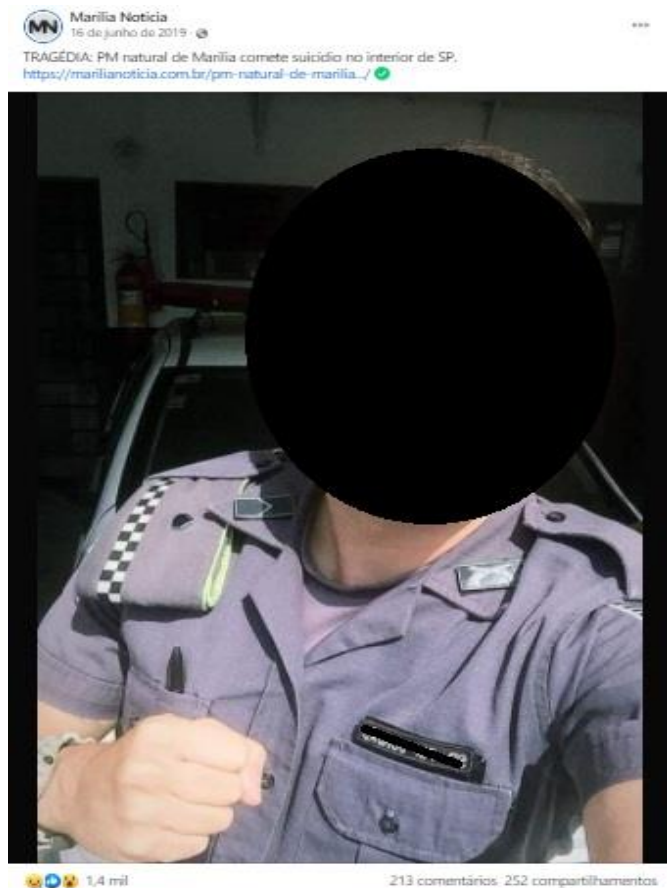
Esta notícia foi veiculada em 16 de junho de 2019 e ainda permanece *online*. Refere-se ao suicídio de um policial militar natural da cidade e a construção discursiva atribui tal ato ao estresse sofrido pelo suicida.

Quadro 5 - Descrição e análise da posição jornal na notícia 2.

ASPECTOS DA ANÁLISE	POSIÇÃO DISCURSIVA DO JORNAL
Destacamento	“TRAGÉDIA: PM natural de Marília comete suicídio no interior de SP”
Tema suicídio	Abordado sob o viés do campo religioso – um pecado cometido.
Suicida	O suicida é um Policial Militar natural de Marília.
Segue as diretrizes da Associação Brasileira de Psiquiatria dando enfoque na prevenção	() SIM (x) NÃO O mal uso impactante da fotografia, enfatizando o rosto do policial com a expressão facial de sorriso com seu uniforme de trabalho, como quem era feliz, indo contra as diretrizes da ABP, assim como o uso da palavra “TRAGÉDIA” usada em <i>caps lock</i> deixando as letras em maiúsculo para causar um impacto ao usuário.
Uso de imagens	Sim – Imagem do policial sorrindo.
Compartilhamentos	252
Curtidas	213
Comentários	1,4 mil (892 emoticon tristeza, 544 curtidas, 34 espanto, 3 sorrisos, 1 coração, 1 bravo)

Fonte: Elaborado pela autora.

Figura 5 – Notícia 2, veiculada em 16 de junho de 2019.



Fonte: FACEBOOK (2019b).

Nesta publicação, que foi compartilhada 252 vezes, o Marília Notícia usou a palavra “TRAGÉDIA” em letras maiúsculas para indicar um alarmismo, e a própria palavra de gênero dramático prendendo atenção do usuário.

E também é dada ênfase na localidade, com o fato do policial ser da cidade com o uso da expressão: “natural de Marília”.

Na ordem da enunciação, nesse destaque nota-se quanto à memória discursiva, o esquecimento número dois, definido por Pêucheux (2015) como da ordem de enunciação, se refere ao modo de dizer, articulamos nosso dizer de um modo e não de outro e, inevitavelmente, para fazê-lo esquecemos das demais possibilidades que a língua nos fornece para construir sentidos. Por que foi usado o verbo “cometer”? A enunciação poderia ter sido de várias outras formas, tais como, “realizou”, “consumou”, “efetuiu”, ou ainda a omissão da palavra e apenas o uso “suicidou”. O termo “cometeu suicídio” é carregado de estigmatização, pois evoca associações com cometer um crime ou um pecado. “Uma pessoa não ‘comete um

ataque cardíaco'. Ouvimos dizer que a pessoa 'morreu de ataque cardíaco'. A mesma coisa se aplica à morte por suicídio..." (RODRIGUES, 2020, p. 1). Existem outros modos de dizer, mas foi justamente esse, carregado da história da humanidade, em que Hillman (2011) afirma que as leis na Inglaterra que o suicida era um ato contra Deus, sendo assim considerado um dos maiores crimes.

Nesse destacamento da notícia, observa-se o estigma do suicídio logo no título e na imagem, em desacordo aos princípios da cartilha da ABP (2009) quando essa prescreve que se deve evitar o sensacionalismo da palavra suicídio em chamadas e manchetes, no caso a cartilha pede para que seja incluída no corpo do texto. Assim como, o uso do rosto do policial na foto, nesse caso, é importante que a família seja consultada antes de se noticiar.

Já nos comentários, apresentados a seguir, foi possível perceber uma quantidade relevante de discursos religiosos na espera de confortar a família enlutada e a si mesmos, assim como muitos preconceitos acionados na memória coletiva, tais como: o suicídio como possessão demoníaca; como algo tolo; como crime e como tabu.

Quadro 6 - Descrição e análise da posição usuário no comentário A.

ASPECTOS DA ANÁLISE	POSICIONAMENTO DO USUÁRIO
Comentário A selecionado	"Muita tristeza, meus sentimentos à família, amparem no Senhor Deus para que os ajudem a confortar os seus corações de tamanha dor e provação".
Tema suicídio	O suicídio como algo doloroso para a família enlutada, e que Deus precisaria ampará-los.
Sobre suicida	Que deixou uma família com uma dor emocional e que esses necessitam provar sua fé ao divino.
Memória coletiva	Discurso religioso.
Curtidas	0
Principais comentários secundários	A maioria reforça o comentário citado, adotando um discurso religioso na abordagem do tema. Destaque para: "Meu Deus pra que fazer uma coisa dessa tão novo por uma bobagem só Deus pra ter misericórdia meus Sentimentos à família (sic)" "Muita gente cometendo esse ato, o que seria? Me pergunto... Senhor... somos frágeis sem a crença que temos em ti. Que Deus olhe por ele".

Fonte: Elaborado pela autora.

Figura 6 – Comentário A de usuário sobre a notícia 2.



Fonte: FACEBOOK (2019b).

Nota-se uma série de comentários religiosos, e quanto ao modo de dizer, alguns discursam sobre a espera de um conforto para a família enlutada, outros pedindo que Deus amenize a dor. Uma usuária relata que o suicida era jovem, e em seu modo de dizer indica a surpresa, pois causa espanto não estar presente no ciclo da vida uma morte de uma pessoa jovem. No destacamento aparece a fotografia do homem sorrindo, o que pode ter impactado os leitores e causado certo desconforto por tratar-se de uma pessoa jovem.

Isso também é comentado por outro usuário que relata o fato do suicida “ser novo” e “para quê fazer uma coisa dessa”, omitindo usar a palavra “suicídio”,

ocorrendo um afastamento dessa pessoa com a palavra, que demonstra na memória discursiva o esquecimento número um, aquele que é da instância do inconsciente, pois o que ocorre nesse comentário é o tabu de não poder se falar a palavra “suicídio”, pois para algumas pessoas é não falando sobre que previne o suicídio, quando na realidade é o oposto, o que se assegura a eficácia da prevenção é o falar sobre. Vê-se claramente, que nesse discurso, o comentarista não é senhor do que diz, por trás de seu discurso, está carregado de uma ideologia. O sujeito desse discurso, mesmo não sendo a fonte de seu dizer, tem a necessidade da ilusão de sê-lo (FERREIRA, 2010).

Nesse mesmo comentário, continua dizendo que foi por uma “bobagem” como se a leitora soubesse a causa que fez o suicida tirar a própria vida, e que pessoalmente para ela foi uma ação tola. Novamente se faz presente um discurso sem empatia, o que é ambíguo, pois na continuidade de seu discurso afirma: “Sentimentos a família”.

A falta de informação das pessoas sobre o suicídio e a questão de saber lidar com a angústia de si e do outro os leva a pensar que uma questão emocional é “bobagem”, há discursos que consideram o suicídio uma forma de chamar atenção, prejudicando a prevenção do suicídio, pois quem lê um comentário desse, não acredita ser necessário um tratamento ou se sente envergonhado para isso.

O discurso envolve o inconsciente, não há controle total sobre o que é dito, sendo o espaço, portanto, do conflito das contradições. O mecanismo de defesa da negação surge pelo processo da angústia ter de ser evitada a qualquer custo, um típico processo de defesa por afastamento e projeção.

A angústia precisa usualmente ser evitada a qualquer custo, sendo sistematicamente negada e afastada a partir de compreensões defensivas. Em nossas ilusões de controle do devir, não aceitamos a angústia como sinalização de nossa condição mais própria, como espaço de reflexão privilegiado sobre a existência. O preço cobrado por essas ilusões de controle e previsão é justamente a administração impessoal da angústia em seus modos patologizados de expressão, tais como as fobias, compulsões, estados de pânico e depressão. (DANTAS; SÁ; CARRETEIRO, 2009, p. 6).

O segundo comentário em resposta à A, só reforça um posicionamento que tem na memória discursiva religiosa o seu fundamento:

“Muita gente cometendo esse ato, o que seria? Me pergunto... Senhor... somos frágeis sem a crença que temos em ti. Que Deus olhe por ele”.

Há novamente um afastamento da palavra “suicídio” quando este é nomeado como “ato”, e se repete o estigma do verbo “cometer”, remetendo a um pecado (crime contra Deus), denotando o esquecimento número dois, referente a ordem de enunciação: ao falar o sujeito o faz de uma maneira e não de outra e assim se acredita que o que só pode ser expressado com aquelas palavras e não outras.

O que ocorre nesse discurso é a memória coletiva sobre o tema suicídio, em que os usuários fazem de sua enunciação recorrendo a tradições, culturas e mitos estabelecidos há muito tempo, desde a Idade Média, em que tudo havia centralização do poder da Igreja, considerando-a como poder de Deus. O sujeito é afetado pela memória coletiva, pela ideologia e inconsciente sobre o suicídio, com preconceitos e crenças limitadoras do entendimento do tema, e isso compõe sua memória discursiva sobre o suicídio, mas o “suicídio é um ato de desespero, de sofrimento existencial profundo e nada tem a ver com a fraqueza ou falta de religião. Essa pessoa precisa de ajuda e não julgamento” (SISTEMA...; SERVIÇO..., 2020).

Segue mais um discurso de usuário, dessa vez exemplificado em dois textos que se complementam:

Quadro 7 – Descrição e análise da posição usuário no comentário B.

ASPECTOS DA ANÁLISE	POSICIONAMENTO DO USUÁRIO
Comentário 2 selecionado	1 - “Gente mais um. Acredito que eles estejam precisando de acompanhamento psicológico. Meus sinceros sentimentos à família”; 2 - “Oremos pela vida de todos os PMS, de todas as pessoas no geral. O inimigo está trabalhando na mente para que venham cometer o suicídio. Então vamos nos unir em clamor, pois não sabemos o dia de amanhã, que Deus nos livre dessa doença. Ninguém quer tirar a própria vida, tenho certeza disso”.
Tema suicídio	1 - O suicídio como uma doença psicológica; 2 – O suicídio como uma doença provocada pelo demônio.
Sobre suicida	1 – O suicida é doente e lhe faltou acompanhamento psicológico; 2 - Relacionado a uma instituição – Polícia Militar. 3 – O suicida foi provocado pelo demônio para o suicídio acontecer.
Memória coletiva	O primeiro comentário o sujeito se posiciona de modo mais racional, remetendo o tema suicídio a necessidade de acompanhamento psicológico, entendendo a dinâmica intelectual da Psicologia e Psiquiatria; já no segundo comentário, aciona a memória religiosa e seus preconceitos sobre o suicídio.
Curtidas	1 – 1 2 - 9

**Principais
comentários
secundários**

“Meu Deus tenha misericórdia de nós, passa pela nossa cidade Senhor. Na nossa casa, na nossa vida passeia no nosso meio que o Senhor tenha compaixão que a mão de Cristo nos abençoe”.

“Meu Deus quantos policiais estão cometendo suicídio...”

Fonte: Elaborado pela autora.

Figura 7 – Comentário 2 de usuário sobre a notícia B.



Fonte: FACEBOOK (2019b).

O primeiro comentário afirma “Mais um” indicando que está atento ao índice de suicídios da cidade, e manifesta em seu discurso que essas pessoas precisavam

de um atendimento psicológico. É interessante notar a omissão da palavra “suicídio”, o usuário diz “mais um” e o uso da pontuação final, ocorre aí uma tensão, o tabu do que não pode ser dito, o que Escobar *et al.* (2008) chama de Discurso de Interdição, correspondendo um constrangimento para discursar, pois o tabu é uma reação ativa, ou ainda, uma reação sobre esse tema.

A usuária que manifestou no segundo comentário um discurso religioso obteve 9 curtidas. O argumento apresentado discursa que:

“O inimigo está trabalhando na mente para que venham cometer o suicídio”.

No caso, a memória discursiva manifesta um pensamento de sociedades religiosas que não associam o suicídio a um sofrimento psíquico, mas sim da ação do diabo, fruto de algo externo ao sujeito que o invade e possuindo seu corpo e sua mente. O que se remete ao esquecimento ideológico (número um), nesse discurso religioso, a pessoa é afetada pela ideologia, no qual ela tem a ilusão de ser a origem do que ela diz, quando na realidade, esse discurso já é existente desde a Idade Média em que acreditava-se que os suicidas tinham o demônio no corpo, assim como algumas religiões de vertente evangélica da atualidade ainda defendem, como já mencionado no capítulo 2.

Os moralistas e os poetas acrescentam o peso de seu talento. Vincent de Beauvais condena o “desgosto pela vida”, enquanto Dante reserva um lugar para os suicidas em seu *Inferno*. O suicídio não é um estado psíquico, mas um pecado, e decorre da ação do diabo, que convence e o pecador de sua condenação certa e o faz duvidar da misericórdia divina. (MINOIS, 2018, p. 39).

No outro comentário selecionado: “Oremos pela vida de todos os PMs...” nota-se neste texto um discurso que associa o risco de suicídio a certas categorias profissionais, neste caso, a dos policiais militares.

Quanto aos comentários secundários: “Meu Deus tenha misericórdia de nós, passa pela nossa cidade Senhor. Na nossa casa, na nossa vida passeia no nosso meio que o Senhor tenha compaixão que a mão de Cristo nos abençoe” se manifesta novamente um discurso religioso de que a cidade precisa da proteção de Deus pois está sem, e isso gera tantos suicídios em Marília. Esse discurso está na ordem do esquecimento ideológico, em que por trás do seu discurso, existe uma memória discursiva da crença na religiosidade e em Deus como cura de nossos males.

5.1.3 Notícia 3

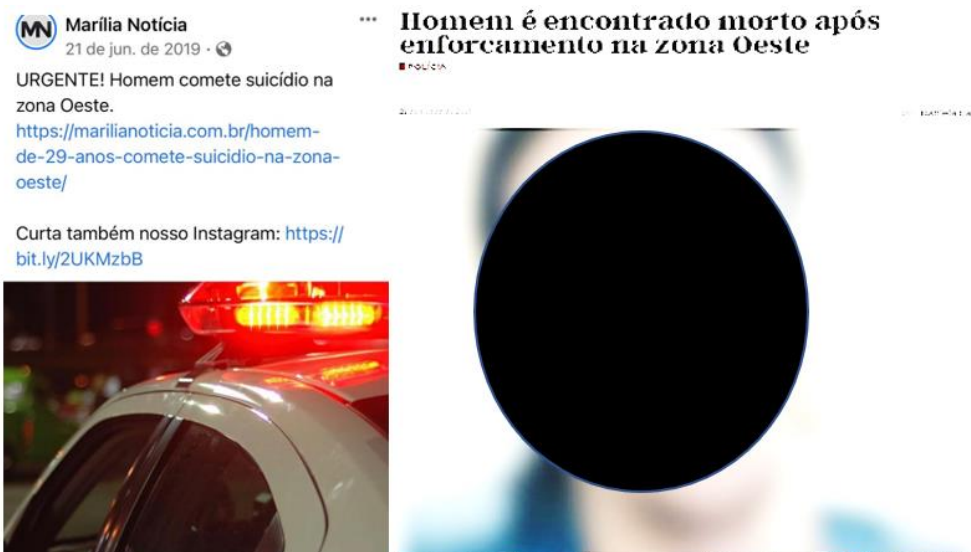
Esta notícia foi veiculada em 21 de junho de 2019 e ainda permanece *online*. Refere-se ao suicídio de um homem, e a narrativa constrói um discurso sensacionalista.

Quadro 8 - Descrição e análise da posição jornal na chamada da notícia 3.

ASPECTOS DA ANÁLISE	POSIÇÃO DISCURSIVA DO JORNAL
Destacamento	“URGENTE! Homem comete suicídio na zona Oeste”
Tema suicídio	Sensacionalista – uso da palavra “urgente” em <i>caps lock</i> .
Suicida	O suicida é um homem encontrado morto na Zona Oeste de Marília, por enforcamento.
Segue as diretrizes da Associação Brasileira de Psiquiatria com Enfoque na prevenção?	() SIM (x) NÃO Nesse destacamento evidencia o sensacionalismo com o uso em <i>caps lock</i> da palavra “urgente”, assim como demonstra a forma como foi praticado o suicida. Enfatiza também o rosto com a expressão facial de alegria (com um sorriso), denotando felicidade.
Uso de imagens	Sim
Compartilhamentos	48
Curtidas	486 (sendo que 318 de tristeza, 160 curtidas, 8 espanto)
Comentários	26

Fonte: Elaborado pela autora.

Figura 8 – Notícia 3, veiculada em 21 de junho de 2019.



Fonte: FACEBOOK (2019c).

Neste destacamento prevalece o uso da frase exclamativa com a expressão “Urgente!”. Este recurso do sinal de pontuação é utilizado para exclamar algo, ou seja, ele é empregado no final de frases exclamativas que expressam emoção, surpresa, admiração, indignação, raiva, espanto, susto, exaltação, entusiasmo, dentre outros. No caso desta chamada indica também o sensacionalismo no modo de dizer/abordar o tema, prendendo a atenção do usuário com uso de expressão emotiva, e não seguindo uma das diretrizes da cartilha da Associação Brasileira de Psiquiatria (ABP): “Evitar chamadas dramáticas, ou ênfase no impacto da morte sobre as pessoas próximas”. O termo “comete” suicídio, é associado ao discurso de caráter religioso e sua historicidade, no qual o suicida comete um crime contra a vontade de Deus.

A exposição da imagem do suicida contraria outra diretriz da ABP, a de “Não fornecer detalhes do método letal e nem fotos”. Quando o jornalista expõe a foto da pessoa, não está tendo a sensibilidade a família enlutada, causando maiores dores. Quanto à descrição e exposição do método letal usado pelo suicida – enforcamento -, isto pode desencadear o Efeito *Werther*.

A OMS recomenda aos profissionais aproveitar o espaço midiático para educar o público em relação ao suicídio, evitando sua divulgação como a solução de um problema. Além disso, desaconselha noticiar detalhes sobre o método utilizado, bem como o local onde ocorreu o suicídio. (BAÉRE; CONCEIÇÃO, 2018, p. 75).

Quanto aos comentários de usuários, foram selecionados aqueles que tiveram maior relevância quanto ao número de curtidas e em relação às interações provocadas entre os usuários.

Quadro 9 – Descrição e análise da posição usuário no comentário A.

ASPECTOS DA ANÁLISE	POSICIONAMENTO DO USUÁRIO
Comentário A selecionado	“Meu Deus está virando rotina abrir o <i>Facebook</i> e ler isso”.
Tema suicídio	Campo religioso e referência à localidade e sua relação com o tema ser constante.
Sobre suicida	(Não houve menções).
Memória coletiva	Memória sobre o tema suicídio na cidade de Marília, história, dados oficiais. Religiosidade.
Curtidas	1 (triste)
Principais comentários secundários	“Jesus amado! Cobre nossa <i>cidade de Marília</i> com tua misericórdia”; “Que triste, Deus conforte essa família principalmente essa mãe...”; “... o que está acontecendo com <i>nossa cidade</i> e com os jovens”. “Meus Deus que tristeza mais uma pessoa que si si (sic) mata, tenha misericórdia de nós, <i>de nossa cidade</i>”; “Pois é <i>Marília</i> tá um caus (sic) as pessoas precisam de mais Deus... cada um vigie”.

Fonte: Elaborado pela autora.

Figura 9 – Comentário A de usuários sobre a notícia 3.



Fonte: FACEBOOK (2019c).

Esses comentários (textos) foram agrupados tanto pela proximidade, quanto por se referirem a um mesmo discurso e memória discursiva sobre o tema suicídio, referente tanto ao campo religioso quanto a um conhecimento sobre o local, pois em

2019 obtiveram-se no total 22 mortes em Marília, em média quase uma pessoa por mês.

Em um dos comentários o discurso sobre a localidade relaciona a cidade ao caos e atribui o fato à falta de Deus na vida das pessoas, remetendo novamente a uma memória coletiva de caráter religioso, presente na história do suicídio e que denota um preconceito, pois o motivo do indivíduo se suicidar seria por falta de Deus, e não por outras causas, como o sofrimento psíquico que estava passando.

Na maioria dos comentários são pessoas que se apropriam da informação manifestando a memória discursiva de caráter religioso, pedindo a misericórdia de Deus e o quanto estão assustadas por notarem que o suicídio está se tornando algo que acontece com certa constância, percepção desencadeada ao se ler as notícias sobre a cidade de Marília. Nos comentários selecionados também prevalece a questão religiosa, um discurso de clamor que pede a “misericórdia de Deus”, pois são crenças de que o Deus cristão teria o poder de reverter tal situação, perdendo e se solidarizando com o sentimento de dor do suicida. É possível notar a relação de poder e ideologia religiosa que o usuário manifesta como memória discursiva sobre o tema suicídio.

Outro aspecto desenvolvido nos comentários sobre a notícia C refere-se ao campo da saúde mental.

Quadro 10 – Descrição e análise da posição usuário no comentário B.

ASPECTOS DA ANÁLISE	POSICIONAMENTO DO USUÁRIO
Comentário B selecionado	“Por favor, páginas de Marília, parem de divulgar notícias de suicídio. Ou divulguem o falecimento, mas não a causa. Sejam profissionais, mas sejam éticos. São muitos casos nos últimos meses. É algo incompreensível. Muito triste”.
Tema suicídio	Divulgação midiática sobre o suicídio.
Sobre o suicida	Não há menção do suicida da notícia, porém o usuário pede para que não haja mais divulgações para evitar próximos suicidas, pois de acordo com ele, está tendo um mau uso da forma de disseminar a notícia.
Memória coletiva	Efeito Contágio – Efeito <i>Werther</i> .
Curtidas	26 curtidas
Principais comentários secundários	“É uma página de notícia se for pra colocar o assunto pela metade melhor não divulgar certo? Se vc está tão incomodado é só deixar de seguir (sic)”. “Você se confundiu, a OMS defende que as notícias de suicídio

sejam divulgadas, pode me passar a fonte de onde o conselho de psicologia diz o contrário?”.

Fonte: Elaborado pela autora.

Figura 10 – Comentários B de usuários sobre a notícia 3.



Fonte: FACEBOOK (2019c).

Houve nesses comentários uma discussão acerca do conhecimento e opinião de cada leitor sobre a forma que julgam correta para que o fato seja divulgado pelo jornal de Marília. No comentário A selecionado no quadro, o leitor pede para que as páginas de jornais da cidade parem de divulgar a causa da morte (suicídio); o discurso não-dito, é que para ele, esse é o motivo de estar tendo muitas mortes.

Esse comentário principal é rebatido por vários leitores que argumentam algo em comum, o discurso de que uma página de notícias tem como dever informar e que os leitores desejam ser informados, como expressam em seus textos: “uma página de notícia tem que noticiar o que acontece”; “é importante a divulgação...”; e um outro leitor: “Tem que divulgar sim”.

Em um dos comentários secundários se destaca: “... além do que é importante a divulgação para que familiares prestem mais atenção nos seus jovens e parentes deprimidos ou com algum sintoma de depressão”, este leitor entendeu o motivo das divulgações de suicídio, não tratando como tabu, mas sim como uma forma de prevenção.

Até o final dos comentários secundários, um leitor bem informado sobre as disseminações de notícias, para ele que a OMS defende que sejam divulgados os suicídios, fazendo com que, o usuário que começou essa série de comentários fosse se informar. Isso leva a construção de um diálogo nos comentários dos leitores, e demonstra a tese da Análise do Discurso de que um discurso é sempre resposta a um outro discurso, pois os discursos tem história e se formam a base na memória discursiva, produzindo efeito de sentidos que afetam uns aos outros. Este leitor, que primeiro se manifestou no comentário B selecionado, volta a se posicionar, mas desta vez, reconhecendo o equívoco de seu comentário anterior, revendo sua posição e inclusive citando algumas das diretrizes da OMS sobre a divulgação de suicídio: divulgar o suicídio não como um caso bem sucedido, e no destaque não incluir o método que o levou a isso. Neste caso, a discussão nos comentários de leitores, levou este leitor a buscar informação e rever seu posicionamento, se apropriando de uma informação correta após diálogo com outros leitores.

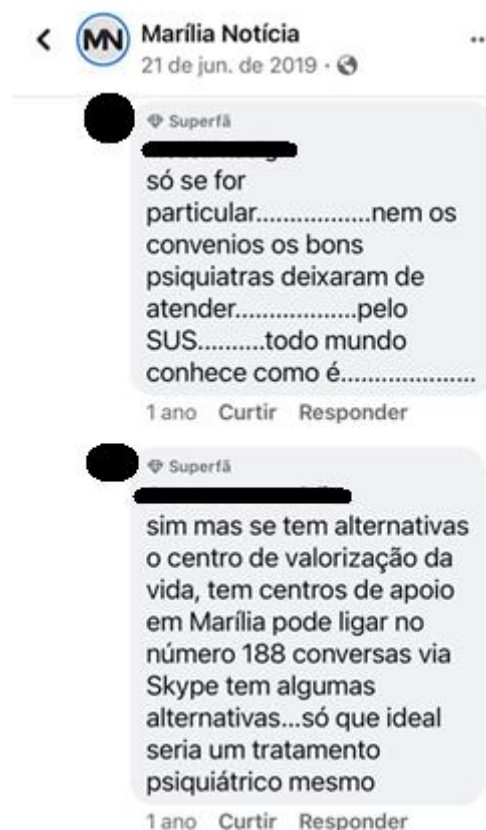
É notável nessa série de comentários, a importância da troca de informações para que cada um amplie seu conhecimento sobre o suicídio e sua divulgação. Assim como é evidente a curiosidade dos usuários em querer saber mais sobre o ocorrido.

Comentários que remetem o discurso sobre o suicídio ao campo da doença geraram discussões sobre o atendimento prestado aos pacientes e foram selecionados para análise:

Quadro 11 – Descrição e análise da posição usuário no comentário C.

ASPECTOS DA ANÁLISE	POSICIONAMENTO DO USUÁRIO
Comentário C selecionado	“(Atendimento) Só se for particular..... nem os convênios os bons psiquiatras deixaram de atender..... pelo SUS.... todo mundo conhece como é (sic)”.
Tema suicídio	Campo da doença e seu tratamento.
Sobre suicida	Como alguém que precisa de tratamento psiquiátrico.
Memória coletiva	Da Psicologia e Psiquiatria, compreendendo da ajuda de profissionais.
Curtidas	0
Principais comentários secundários	“Sim mas se tem alternativas o centro de valorização da vida, tem centros de apoio em Marília pode ligar no número 188 conversas via Skype tem algumas alternativas...só que ideal seria um tratamento psiquiátrico mesmo (sic)”

Fonte: Elaborado pela autora.

Figura 11 – Comentários C de usuários sobre a notícia 3.

Fonte: FACEBOOK (2019c).

Nesses comentários é possível notar a insatisfação de um usuário com os atendimentos de saúde pública e convênios particulares para prevenção ao suicídio.

Também foi replicado por um usuário a informação do Centro de Valorização da Vida e outros grupos de apoio em Marília.

5.1.4 Notícia 4

Esta notícia foi veiculada em 02 de fevereiro de 2021, é a única notícia que não se refere ao ano de 2019 e foi selecionada para fazer uma comparação com a abordagem do jornal referente ao ano de 2019, a fim de observar se houve mudanças na forma de divulgação do suicídio.

A notícia ainda permanece *online*. Refere-se ao suicídio de um homem, um comerciante, e a narrativa constrói um discurso político.

Quadro 12 - Descrição e análise da posição jornal na chamada de notícia 4.

ASPECTOS DA ANÁLISE	POSIÇÃO DISCURSIVA DO JORNAL
Destacamento	“Comerciante tira a própria vida na Zona Leste e Marília”
Tema suicídio	No campo da doença quando se é divulgado os centros de apoio, mas também associado ao discurso de que há profissões de risco, no caso ser comerciante durante a pandemia.
Suicida	O suicida é um comerciante que tirou a própria vida na Zona Leste de Marília.
Segue as diretrizes da Associação Brasileira de Psiquiatria, tendo enfoque na prevenção?	(x) SIM () NÃO Pois no destacamento não houve fotografias sensacionalistas, e foi divulgado todos os centros de apoios que as pessoas podem entrar em contato.
Uso de imagens	Sim
Compartilhamentos	Não houve
Curtidas	256
Comentários	118

Fonte: Elaborado pela autora.

Figura 12 – Notícia 4, veiculada em 02 de fev. 2021.


Marília Notícia
 10 h · 🌐

Valorização da vida

O Centro de Valorização da Vida (CVV) conta com voluntários 24 horas por dia, para ouvir pessoas que tem a necessidade de serem ouvidas, com respeito e sem julgamentos.

O contato pode ser feito pelo telefone 188 ou pelos outros canais disponíveis no site, que pode ser acessado [aqui].

Serviços Públicos sobre a valorização da vida

Caps Com-Viver – (14) 3451-4028

Caps-i (Infantil) Catavento – (14) 3451-1660

Caps AD (Álcool e outras drogas) – (14) 3433-8606

... Unidades Básicas de Saúde (Saúde da Família e UBSs)

Emergência: SAMU 192, UPA Norte, PA Sul, Pronto Socorro e Hospitais

[#marilianoticia](#) [#cvv](#) [#suicidio](#)



MARILIANOTICIA.COM.BR
Comerciante tira a própria vida na zona Leste de Marília • Marília Notícia

Procurar publicações sobre: [#marilianoticia](#) [Procurar](#)

🗨️ 356 118 comentários

Fonte: FACEBOOK (2021).

Esta notícia, do dia 2 de fevereiro de 2021, da página do Marília Notícia, no *Facebook*, se diferencia das demais analisadas. Como se pode notar na imagem apresentada, a notícia seguiu as diretrizes da cartilha da Associação Brasileira de Psiquiatria (ABP, 2014), que preconiza que junto à matéria se destaque também a prevenção, o que foi feito por meio da divulgação dos contatos de serviços de ajuda da cidade de Marília.

Dessa vez, a notícia não apresenta fotos que possam ser associadas a um local, a um método ou faz a divulgação do rosto da pessoa, respeitando a memória do falecido e também a família enlutada.

Contudo, apresentou o nome do suicida dentro da matéria, possibilitando sua identificação e de seus familiares. Outro aspecto discursivo de identificação do suicida destacado é que em vez de escrever “homem” ou “sujeito”, utilizou da profissão “comerciante” na matéria da notícia, provocando efeitos de sentido que levam ao entendimento dos motivos de suicídio relacionados à pandemia do covid19, ainda que o motivo não esteja explícito no texto do jornal, a relação com o

contexto da pandemia leva ao não dito, que não aparece no texto, mas está significando. Em fevereiro de 2021, Marília encontrava-se na fase vermelha, do plano de São Paulo em que é impedida a abertura do comércio, com consequências na economia local.

Quanto aos comentários de usuários, selecionaram-se aqueles que tiveram maior relevância e destaque:

Quadro 13 – Descrição e análise da posição usuário no comentário A.

ASPECTOS DA ANÁLISE	POSICIONAMENTO DO USUÁRIO
Comentário A selecionado	“Marília já liderava na taxa de suicídio, se essa crise não acabar logo, infelizmente ainda se vão muitos. Sem assistência do governo, nos restam torcer pra que tudo isso passe logo.”.
Tema suicídio	No campo de crises, econômico, estatísticas da cidade.
Sobre suicida	Aquele que sofre as crises econômicas da pandemia, e por isso vê como saída o suicídio.
Memória discursiva	História da localidade, lembranças de crises. Atualidade atua no contexto da pandemia.
Curtidas	6
Principais comentários secundários	“Isso é só o comesso (sic) infelizmente vão ter muitos casos de comerciantes tirando a própria vida no desespero da crise”; “Põe na conta dos governantes, os grandes supermercados, postos de combustível, farmácias, fábricas, etcs, nunca fecharam agora CVV vai ajudar ele a pagar as dívidas? Que quer se matar não quer ouvir conversinha (sic)”; “Manda isso para o Dória”; “[...] em 2019 foram mais de 20 suicídios em Marília e o comércio estava aberto.” “[...] a notícia não revela a motivação do ocorrido, mas não precisa ser muito inteligente pra saber que a situação atual contribuiu e muito ♥♥♥ Acho que posso marcar a autoridade pública que eu quiser”

Fonte: Elaborado pela autora.

Figura 13 – Comentários A de usuários sobre a notícia 4.



Fonte: FACEBOOK (2021).

A história da cidade em relação ao suicídio surge na memória discursiva dos usuários e é acionada no comentário A ao citar a cidade de Marília como líder em taxas de suicídio. Em seguida, o leitor prevê que os suicídios na cidade irão aumentar mais, devido a uma causa: a crise aliada à falta de assistência do governo.

Nos comentários secundários encontra-se a noção de sentido compreendida como efeito de sentidos entre sujeitos em interlocução, se observarmos os comentários secundários, manifestam-se neles o entendimento da motivação do suicídio relacionado à crise econômica causada pela pandemia: "[...] infelizmente vão ter muitos casos de comerciantes tirando a própria vida no desespero da crise". Outro comentário destacado fortalece o discurso de causa do suicídio atrelada à

pandemia, e é construído por um usuário que pede para adicionar mais uma morte por conta dos governantes, grandes supermercados, posto de combustível, farmácias, fábricas, etc. Nota-se um discurso de culpa da crise pelo suicídio ocorrido. Pois, para esse leitor, o motivo está claro, foi por conta de dívidas, e no seu pensamento, “quem quer se matar não quer ouvir conversinha”. O que indica um posicionamento desinformado sobre o tema suicídio e saúde mental, pois para esse leitor a angústia desse comerciante era somente por não conseguir pagar as dívidas e, apesar de não estarem explícitos, os efeitos de sentido desse comentário levam à conclusão de que nenhum tipo de atendimento psicológico iria ajuda-lo, o que ele chama de “conversinha”. [...] Que (sic) quer se matar não quer ouvir conversinha”.

Os discursos de culpa da crise pelos casos de suicídio aparecem em textos que apontam a preocupação das pessoas que precisam trabalhar na pandemia para não sofrer o desespero das dívidas, e reforçam que é necessário sair de casa para trabalhar. A ideologia materializa-se no discurso e não são poucos os comentários de críticas às medidas do governo estadual que implantou o Plano São Paulo no Estado de São Paulo e limitou o funcionamento do comércio. Inclusive com o apontamento de culpados, em outro comentário um leitor culpa o governador do Estado, João Dória, pelo ocorrido, pois é visto como o responsável pelos fechamentos do comércio. Em resposta a esse comentário, outro leitor cita o nome do governador e marca sua página oficial.

No discurso de culpa nota-se na memória discursiva o mecanismo de se encontrar culpados para o suicídio, sendo a raiva um sentimento comum, assim como a revolta e o ressentimento que se manifestam no discurso para expressar o inconformismo com o suicídio. Bowlby (1998) define que a morte por suicídio por ser considerada sem causa e sem sentido pela maioria das pessoas, por isso tem uma tendência maior em achar culpados. O mais comum são as famílias enlutadas, pois essas pessoas se responsabilizam pelo suicídio, se questionando quanto ao que poderia ter sido feito. No caso desses discursos, os leitores culpam o governador, pois acreditam que se se fosse diferente – com os comércios abertos – isso não teria acontecido, portanto, os leitores desejam a punição do governador. É mais fácil projetar a culpa em outra pessoa, pois é uma forma de dar significado à morte, tentativa de firmar um controle e de ser compreendido. (Worden, 1998).

Contudo, há no discurso espaço para contradição. E essa aparece num comentário secundário que recorda o ano de 2019 como o ano com o maior número

de suicídios da cidade, e ressalta ainda, que a pandemia não existia e muito menos era fechado o comércio. Isso leva a uma reação ainda mais agressiva por outro leitor, a mesma pessoa que havia marcado a página do governador, que afirma que tem o direito de marcar a autoridade pública que quiser, pois apesar de não estar dito no destacamento que o suicídio foi motivado pela crise, esse foi o efeito de sentido provocado na leitora, pois para ela está muito claro que a situação da pandemia contribuiu para o suicídio: “[...] a notícia não revela a motivação do ocorrido, mas não precisa ser muito inteligente pra saber que a situação atual contribuiu e muito”.

Os discursos reforçam a responsabilização da crise da pandemia de covid 19 pelo fato da ocorrência de suicídio de um comerciante. Mais uma vez prevalece o discurso simplista de causa e efeito – uma única causa leva ao suicídio.

Ademais percebem-se comentários com *emoticons* de tristeza e choro, que pode ter como significado uma manifestação de compartilhar a dor.

Quadro 14 – Descrição e análise da posição usuário no comentário B.

ASPECTOS DA ANÁLISE	POSICIONAMENTO DO USUÁRIO
Comentário B selecionado	“Nunca vi o CVV salvar ou impedir o suicídio de ninguém, para poder ajudar algum eles deveriam atuar em postos de saúde no HEM, porque ninguém liga e diz “olha é do CVV, eu quero cometer um suicídio”. O que vocês acham da ideia?”
Tema suicídio	Crítica a falta de prevenção, desconfiança do trabalho da CVV.
Sobre o suicida	Alguém que precisa de tratamento.
Memória coletiva	Psicologia e Psiquiatria – Necessário tratamento.
Curtidas	23
Principais comentários secundários	“Já me ajudou muito o CVV 188 quando estava em crise de suicídio e precisei de ajuda emocional. Enganada você.”; “...você está totalmente enganada. Tente ser voluntária do CVV (logicamente você terá que se preparar muito) e verá que não é o que você pensa.”

Fonte: Elaborado pela autora.

Figura 14 – Comentários B de usuários sobre a notícia 4.



Fonte: FACEBOOK (2021).

No comentário selecionado o usuário fala sobre sua indignação com os serviços do Centro de Valorização da Vida (CVV), possivelmente por ser *online* e/ou telefone, pois para ele deveria ser um atendimento presencial em postos de saúde e no Hospital Espírita de Marília¹⁹. Esse usuário constrói um discurso de descrença na instituição CVV, pois ele não acredita que alguém pode entrar em contato e pedir um suporte via atendimento telefônico para aliviar o sofrimento que está passando. Esse comentário teve o maior número de curtidas totalizando em 23, porém desse total, quatro pessoas se manifestaram com o *emoticon* de bravo, possivelmente por não concordar com o que esse usuário diz. Outro usuário respondeu o comentário concordando com o que foi dito.

Contudo, a contradição, o embate e o polêmico fazem parte do discurso e são possibilidades abertas no espaço discursivo. Assim, um usuário argumenta que o CVV já o ajudou quando estava em crise suicida, assim como outro usuário comenta sobre a qualidade do serviço do CVV falando sobre a preparação para ser voluntária da instituição, desmistificando o que o outro imagina não servir de auxílio nesses momentos de angústia.

O comentário “é até piada falar que tem SAMU...” demonstra novamente a indignação dos usuários nos serviços de saúde pública, usando de ironia indicando a revolta desse sistema, dando como exemplo um momento em que ligou pedindo a ambulância e esta não apareceu; outro usuário adiciona que está no aguardo de atendimento psicológico há dois anos. Novamente aparece no discurso a indignação dos usuários sobre o descaso dos serviços de acolhimento ao suicídio na cidade de Marília.

Em outro comentário secundário, um usuário afirma que sua esposa procurou um dos serviços de saúde mental pelo SUS – Centro de Atendimento Psicossocial (CAPS), e não foi atendida pois os profissionais disseram que só atenderiam se houvesse ideação suicida, e o leitor relata que sua esposa estava com crise de ansiedade.

¹⁹ Entidade filantrópica e de Utilidade Pública, especializada e reconhecida em Saúde Mental e Dependência Química.

Em vários comentários dessa notícia, a diretora do Grupo de Prevenção ao Suicídio de Marília (GPSM)²⁰ divulga o contato do grupo para atendimento psicológico.

A seguir, os usuários discursam sobre a ética do jornal na apresentação da chamada da notícia:

Quadro 15 – Descrição e análise da posição usuário no comentário C.

ASPECTOS DA ANÁLISE	POSICIONAMENTO DO USUÁRIO
Comentário C selecionado	“Prezados senhores jornalistas e editores, a ética deve estar acima de tudo em qualquer profissão. A exposição desnecessária planejada do nome do cidadão nesta matéria só aumenta o sofrimento dos parentes e amigos...”.
Tema suicídio	Crítica à falta de cuidado na divulgação do suicídio pelo jornal, e que os profissionais tem postura antiética.
Sobre suicida	Com o seu nome exposto a todos, causando sofrimento a parentes e amigos.
Memória coletiva	Na Idade Média, havia a exploração da exposição pública, quando se era arrastado o corpo do suicida em praças públicas para a família ver, e servir de exemplo à sociedade, como uma forma de “prevenção”.
Curtidas	6
Principais comentários secundários	“Verdade, porque quando é nome de bandido, eles não colocam...”; “@MaríliaNoticias mais uma vez sendo desnecessária (<i>emoticon</i> de aversão, jogo)”; “Não basta noticiar o caso, tem que detalhar, dá o nome da vítima e ainda coloca a <i>hashtag</i> suicídio. ‘Jornalismo’”; “Excelente Marília Notícia excluir comentários é a melhor forma de resolver problemas, falta de profissionalismo, vemos por aqui”.

Fonte: Elaborado pela autora.

²⁰ É um grupo formado por profissionais de psicologia voluntários que oferece atendimento e escuta para pessoas em sofrimento existencial e com fatores de risco para o suicídio. Oferece atendimento psicológico social, ministram palestras e capacitam escolas públicas, centros comunitários e igrejas. Também oferece apoio para mulheres em depressão e acolhimento a família enlutada.

Figura 15 - Comentários C de usuários sobre a notícia 4.



Fonte: FACEBOOK (2021).

No comentário C selecionado, o usuário cita a exposição do nome (quando se abre a matéria) que não respeita o período dos familiares enlutados e prossegue em seu discurso falando sobre empatia e valorização da ética na comunicação. O luto é o momento difícil e particular, pode variar tanto em intensidade quanto em período de duração de cada pessoa.

Um usuário responde esse comentário comparando a quando se divulgam matérias sobre roubos/assaltos, nas quais não é dito o nome do assaltante para preservar contra a sociedade, o que não é feito com o suicida. Esse discurso constrói a imagem do suicida em oposição ao criminoso, fazendo uma relação por meio da memória discursiva acerca de notícias de assalto já lidas pelo usuário, pois a notícia em si não traz quaisquer relações entre esses sujeitos. Ao construir essa imagem do suicida em oposição a um criminoso, nota-se o preconceito referente a esse último, rebaixando-o como se pudessem expor a identidade de um e não do outro.

Também no campo da crítica à ética profissional, aparece outro usuário reclamando sobre o fato do jornal detalhar o nome da vítima e colocar a “#suicidio”. A cartilha da Associação Brasileira de Psiquiatria não diz nada sobre isso, porém é uma forma que o jornalismo midiático usa para espalhar mais a notícia.

Num dos comentários, um usuário se atenta ao fato da página de notícias excluir comentários de outros usuários, como se fosse resolver algum problema. O que pode ser visto como um discurso de interdição, pois como administrador da página é possível retirar o lugar do discurso do outro.

A crítica à falta de liberdade de expressão aparece nos comentários de usuários que relatam supostos comentários apagados pelo Marília Notícia.

Sabe-se bem que não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa. Tabu do objeto, ritual de circunstância, direito privilegiado ou exclusiva do sujeito que fala: temos aí o jogo de três tipos de interdições que se cruzam, se reforçam ou se compensam, formando uma grade complexa que não cessa de se modificar. (FOUCAULT, 2014, p. 9).

Em outro comentário secundário, o leitor cita que a notícia apresenta a forma como o suicídio foi praticado, e que não faz sentido colocar informação sobre o CVV – que atua na prevenção, se o jornal não o faz. Este posicionamento aponta a falha ética profissional ao noticiar o uso de meio letal para a ação do suicida, o que contradiz as normas da ABP. E conclui que, ao explorar o uso do recurso utilizado

pela vítima e ainda expor o seu nome, o jornal só reforça um posicionamento de despreocupação e falta de cuidado ao informar as notícias do suicídio.

A análise discursiva dos comentários secundários mais relevantes demonstra a influência do recurso de destacabilidade, ou seja, do que é noticiado no *feed* de notícias (a capa da matéria), e como causa efeito de sentidos na apropriação da informação, com o destaque trazendo informações sobre os Grupos de Apoio e “comerciante”, pois essas informações e imagens foram o tema da maioria dos comentários.

A maioria dos comentários e curtidas constrói um discurso sobre a falta de assistência em saúde mental em serviços públicos da cidade e também citam o CVV (que faz atendimentos de prevenção ao suicídio por *chat* e por telefone). Esse discurso também reforça preconceitos e descaso quanto à eficácia desses serviços na localidade, porém há respostas de leitores contradizendo esse discurso ao afirmar o valor desses centros de apoio.

Quanto ao suicida, apresentado pela notícia como “comerciante”, os efeitos de sentido causados pela apropriação dessa informação constroem um discurso do leitor que destaca o descontentamento com as restrições impostas pela pandemia, e apontam essa como a causa principal para o suicídio em setores afetados, como o comércio. Manifesta-se novamente o discurso simplista – uma causa – pandemia e suas limitações ao comércio – um efeito – o suicídio; e o de culpa, que vem da memória discursiva, construindo o papel da vítima – o comerciante, e o culpado – o governador do Estado que assinou o decreto de fechamento de serviços não essenciais no Plano São Paulo.

A mídia social *Facebook* oferece a possibilidade de liberdade de expressão sobre as políticas em tempos de pandemia.

Como corretamente apontou Peter Dahlgren, a “questão hoje não é tanto como a internet vai mudar a vida política, mas, sobretudo, o que pode motivar mais pessoas ver-se como cidadãos de uma democracia, a envolver-se na política e – para aqueles que tem acesso – a empregar as possibilidades que a rede ainda oferece. Algumas respostas deverão ser encontradas na própria rede, mas a maioria reside nas nossas circunstâncias sociais” (DAHLGREN, 2001, p. 53).

É preciso então, que se saia o mais rapidamente possível na retórica do diagnóstico (positivo ou negativo) para uma perspectiva de responsabilidade e tarefa. (GOMES, 2008, p. 326).

Esse confronto entre os leitores é representado por duas posições ideológicas distintas, uma que defende o governador do estado e que esse não tem responsabilidade pelo suicídio, e outra posição que imputa ao governador a culpa pelo suicídio, pois creditam a sua ação como governante o fechamento dos comércios, portanto esse discurso segue o raciocínio de que se a profissão do suicida era a de comerciante, logo, o governador é o culpado.

Em todo discurso há um confronto do simbólico com o político: todo dizer tem uma direção significativa determinada pela articulação material dos signos com as relações de poder. Essas relações se definem por sua inscrição em diferentes formações discursivas que representam diferentes relações com a ideologia, configurando o funcionamento da língua regida pelo imaginário. (ORLANDI, 2015b, p. 129).

Outra indignação nos discursos, é quanto à questão da exposição do nome do suicida na matéria, porém para a ABP não há nenhuma diretriz de profissional da mídia para a exclusão do nome do suicida, mas para os usuários o efeito de sentidos provocado foi o da falta de empatia com os parentes enlutados, assim como, com a não preservação da integridade da vítima. E em outro aspecto notado por uma usuária foi a matéria narrar como foi feito o suicídio, o que as diretrizes da ABP apontam como não aconselhável, para se evitar o *Efeito Werther*.

Em síntese, a análise das quatro notícias selecionadas demonstra que o jornal constrói sua posição discursiva sobre o suicídio baseada em argumentos da memória coletiva sobre o suicida ser um pecador, pois acomete o esquecimento de forma enunciativa com o verbo “cometer” que remete a criminalidade, como foi pra Idade Média. Essa construção remete também a memória discursiva da culpa, que se refere à responsabilidade dada à pessoa por um ato que provocou prejuízo material, moral ou espiritual a si mesma ou a outrem²¹.

Também foi buscado na memória discursiva, a construção discursiva do jornal sobre o suicida como aquele que está em sofrimento devido às pressões sociais que enfrenta, por isso, o jornal destacava as profissões dos vitimados: agente penitenciário, policial militar e comerciante, que atuam em instituições sociais repressivas ou sob forte pressão econômica, acentuada pela pandemia do Covid19.

²¹ Verbetes *culpa*. Dicionário Michaelis online. Acesso em 30 de março 2021.

O discurso simplista de causa e efeito aparece no posicionamento do jornal sobre o tema, sendo uma causa apontada como responsável pelo suicídio – estresse ou doença relacionados à atividade profissional, ignorando o suicídio como decorrente de fatores multissistêmicos.

Apenas o destacamento do ano de 2021 e a primeira notícia do ano de 2019, o jornal teve posição discursiva do suicídio no campo da doença, pois divulgaram todos as instituições de apoio ao suicida.

Quanto às diretrizes da ABP, nas notícias analisadas o jornal Marília Notícia segue as diretrizes somente a do ano de 2021, pois nota-se claramente que nos destacamentos colocou os grupos de apoio e serviços de saúde que podem receber pessoas em sofrimento psíquico com ideações suicidas, não houve nenhuma palavra alarmista e nem o uso da palavra “suicídio”.

Nas demais, o jornal Marília Notícia incorreu em erros ao incluir a fotografia “escancarada” do rosto da pessoa, uso de expressões sensacionalistas e a divulgação do lugar em que o suicídio ocorreu e qual o método utilizado. O sensacionalismo se fez presente na destacabilidade dada ao tema com o uso dos termos “URGENTE!” e “TRAGÉDIA” no destacamento. Nas três primeiras notícias não houve nenhuma menção a formas de prevenção do suicídio.

Quanto a memória discursiva dos leitores, no geral, o discurso construído é diverso, e transita entre o campo religioso, campo político, a memória da localidade e questões de saúde pública (in)acessível.

Na construção da posição dos usuários, os comentários se organizam em três grandes frentes discursivas: o tema é abordado principalmente 1. pelo viés religioso, 2. como um problema de saúde mental (estresse, falta de empatia das pessoas e falta de assistência na cidade), e 3. decorrente da crise da pandemia. E o suicida é abordado como pecador, a quem falta “Deus no coração”, como um doente em sofrimento “sofre de estresse”, se pede solidariedade às famílias, ou vinculado a certas categorias profissionais que sofrem pressões diversas. Portanto, o suicida é construído no discurso dos usuários, pelo que lhe falta: “falta de Deus no coração”, “falta de atendimento” e acolhimentos dos serviços de saúde, “falta de empatia e respeito”.

O destaque para o tema suicídio é associado a memória religiosa e aparece principalmente nos comentários “Meu Deus, tenha misericórdia”, “vamos buscar

mais Deus”, “Que o Senhor Jesus dê amparo”, “o inimigo está entrando na mente das pessoas”.

Em alguns comentários é notório o afastamento da palavra suicídio, assim como a negação - “bobagem”, e também pessoas que não querem que seja divulgado, estes aspectos estão envoltos de angústia em razão de uma pessoa consumir a própria morte. O caráter e transgressão do ato suicida em relação ao tabu da morte pode levar às consequentes reações de esquiva que impossibilitam a observação dos sinais que os suicidas revelam no cotidiano (MARQUETTI; KAWAUCHI; PLEFFKEN, 2015).

O contexto imediato dos comentários refere-se à localidade, quando citam “Mais um”, “Tenha misericórdia da nossa cidade”, “Marília já liderava na taxa de suicídio...”, e o contexto mais amplo engloba a história, a crise proporcionada pela pandemia, em que para as pessoas sobreviverem economicamente precisam trabalhar, porém é colocado a vida sob perigo, isso está manifesto no discurso de leitores que citam o governador Dória, “põe na conta dos governantes”, “infelizmente ainda se vão muitos nessa crise”.

Esse é um discurso político- as decisões de um líder e as consequências para os governados, que assume também a faceta de discurso de culpa, em que há pessoas ou fatores específicos que são responsáveis pelo suicídio.

A dificuldade de se conformar com a morte em caso de suicídio é um dos fatores que canaliza esse sentimento de culpa. Por mais que a morte já tenha sido noticiada, esse discurso, constantemente, volta a analisar os fatos, questionar, e culpar outras pessoas.

E, finalmente, há o discurso da crítica, da leitura negociada, que não apenas lê, mas questiona o que é lido, e se manifesta quando o leitor expõe sua crítica da posição da mídia quando essa divulga o suicídio, quando deleta comentários, ao expor o nome da vítima e noticiar o método que foi usado para consumir o suicídio.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O suicídio é um desfecho complexo multifacetado que surge de vários fatores biopsicossociais e informacionais. É uma preocupação da saúde pública que cresce em números, apesar de vários esforços preventivos, o Conselho Nacional de Saúde (2019) relata que um suicídio ocorre a cada 40 segundos no mundo, mesmo que as estratégias de prevenção do suicídio aumentaram mundialmente, ainda se tem uma maioria de países que não possui estratégia de prevenção.

O papel da memória, conceito apresentado como memória coletiva e discutido no capítulo dois, é permeado de tradições culturais e religiosas, acontecimentos históricos e mais recentemente, da presença do campo médico na discussão do tema. Ainda hoje o discurso sobre a morte, de um modo geral, também traz vários mecanismos de regulamentação e interdição, por exemplo, das correntes religiosas que associam o suicídio a pecado, evitam falar sobre o tema, pois o suicida “comete” um crime; da ordem legal, a culpa, a história mostra as consequências do suicídio em algumas comunidades, onde o suicida tinha o corpo exposto em praça pública; da área da saúde, pois o suicida também escapa a ordem médica de manutenção de vida e por fim, da lógica capitalista, pois é aquele que denuncia que não está tudo bem, que a vida nem sempre é digna para todos.

Nas construções de discurso de ordem religiosa, como vista no capítulo dois, destaca a Igreja Católica como centralizadora e representante de Deus na terra, e por isso, a sociedade estava sob esse domínio, pertencendo assim aos mesmos pensamentos da Igreja referente ao suicídio, tais como, não é direito de nenhuma pessoa retirar a própria vida já que somente Deus tem esse poder, por isso é condenado o suicídio como um pecado mortal, equivalente ao homicídio; em alguns lugares da Europa que também eram regidos pelos dogmas da Igreja, o suicida era considerado um pecador, pois era ação do diabo e por isso o suicida era condenado ao seu corpo ser arrastado em praça pública e seus entes enlutados eram obrigados a assistir. A vertente cristã dos evangélicos pentecostais até hoje acreditam em rituais de curas físicas para ser retirado o demônio do corpo para resolução de seus conflitos internos. Já no espiritismo, os suicidas vão para um lugar chamado umbral, que é um lugar transitório e sofredor. Resumidamente, a maioria das religiões considera como um pecado mortal, um ato do diabo e que sofre punições por isso.

Já para a psiquiatria, o suicídio é considerado uma doença e não um pecado, pois são indivíduos que sofrem de melancolia, desejando assim a morte. Existem alguns fatores de risco, como os transtornos mentais que conforme a pesquisa de Bertolote e Fleischmann (2002) acarretam 90% dos casos de suicídio, porém não é exclusivamente causa do suicídio, outros fatores como: eventos adversos na infância e na adolescência, sentimentos de desesperanças, viver sozinho e pessoas com conflitos familiares.

Na perspectiva da Psicologia, a ideação suicida está atrelada a um sofrimento psíquico – desanimo profundo, sensação de desinteresse pelo mundo externo, apatia -, de angústias individuais e questões sócio/ambientais e que não são tratadas somente com medicamentos. Para Winnicott (2000) é importante o sentir-se acolhido e cuidado pelo mundo e pelo ambiente em seu desenvolvimento infantil para que esse indivíduo se estruture para a vida.

Para a sociologia na visão de Durkheim (2002) compreende que o suicídio é um problema sociológico, de saúde pública, e não somente individual, pois revela o que está doente em uma sociedade. O sociólogo Bauman (2009) traz uma abordagem mais atual destacando que os indivíduos estão em seus vazios existenciais e perderam o sentido de suas próprias vidas, distorcendo assim, seus valores e princípios, ocasionando um mal-estar psicológico de estresse e ansiedade.

Já para o filósofo Albert Camus (2018) acredita-se que o homem vive uma vida absurda de cotidianos e repetições e que o suicídio é um ato de revolta contra isso.

Do ponto de vista da Ciência da Informação, no capítulo três, o referencial teórico discutido sobre o tema Informação e Suicídio, apresentou artigos levantados em base de dados BRAPCI e *Web of Science*, que destacaram a importância da responsabilidade midiática quando o assunto é suicídio, para não ocorrer o Efeito de Contágio, assim como evitar a disseminação de *Fake News* que propagam a notícia de uma forma negativa, impedindo a prevenção do suicídio. No geral, sobre a temática Informação e Suicídio, se destacaram artigos que relacionam o tema às redes sociais, assim como estudam a possibilidade de uma detecção precoce em adolescentes com ideação suicida através da análise das redes sociais.

Existe ainda, a cartilha da Associação Brasileira de Psiquiatria (2009) para profissionais de mídia noticiar o suicídio para que assim se efetuem as prevenções

necessárias, a qual esse trabalho se utilizou para analisar o discurso dos destacamentos do jornal.

Esta pesquisa também relaciona o tema Informação e Suicídio às redes sociais *online* e sua prevenção, pois teve como objetivo analisar a memória discursiva sobre o tema suicídio presente nos destacamentos de notícias e comentários de leitores da página Marília Notícia no *Facebook* nos anos de 2019 e 2021.

Essa escolha se deu pelo fato de que em 2019 na cidade de Marília ocorreram 22 mortes por suicídio, que foram noticiadas com repercussão na localidade, pois esse índice foi o segundo maior da década, só perdendo para o ano de 2013, com o recorde de 29 mortes.

A justificativa da seleção do Jornal Marília Notícia é por esse ter o maior número de seguidores e por isso, é o que tem a página do *Facebook* mais popular e visualizada da cidade, quanto às seleções de notícias do ano de 2019 é porque foram as mais impactantes em termos de fotografia, sendo uma de janeiro, outra de junho e a última de julho. Do ano de 2021 a notícia escolhida por ser a mais recente até a data acessada, em fevereiro. Assim foram selecionadas quatro notícias sobre suicídio, mais especificamente, o seu destacamento, e os comentários de leitores sobre essas informações veiculadas.

O foco de análise refletiu sobre a memória discursiva sobre o suicídio e o efeito de sentidos provocados nos leitores pela leitura dos destacamentos de notícias, assim como analisou os elementos discursivos desses enunciados e sua conformidade ou não com as diretrizes do manual da Associação Brasileira de Psiquiatria (ABP) para informar sobre suicídio e sua prevenção.

A presença da memória discursiva no discurso do jornal e do leitor sobre o tema suicídio e a constituição do suicida, foram analisados a partir dos destacamentos do jornal e dos comentários dos leitores publicados na página do *Facebook* do jornal Marília Notícia, que entendidos como textos, construíram um posicionamento discursivo tanto do jornal como do leitor.

Quanto aos destacamentos das notícias do jornal, a imprensa constrói e retrata o acontecimento, assim como constrói o seu modo de dizer (MORAES, 2018). A análise discursiva demonstrou que o jornal constrói implicitamente uma posição de atribuição de culpa, apoiada na memória discursiva, pelo suicídio, como uma omissão de agentes que contribuíram para o desfecho: o poder institucional e o

poder governamental, citados quando se refere ao suicida como membro de Instituições repressoras (presídios e Polícia Militar), ou ainda, quando aponta decisões políticas que ocasionam consequências econômicas, responsabilizando agentes e cenários pela crise e consequentes mortes por suicídio. O raciocínio presente na discursividade do jornal é simplista, ao expor uma causa – estresse profissional-, como responsável pelo efeito – o suicídio, sem uma abordagem que relacione o mesmo a causas multifatoriais.

Ainda em relação à abordagem do Jornal Marília Notícia sobre o tema, é notório nos destacamentos analisados a falta de compromisso do veículo de mídia às normas éticas para se noticiar o suicídio em uma página da cidade, e o quanto essa disseminação errônea pode ser prejudicial para a saúde mental dos leitores. As normas e diretrizes da ABP não foram respeitadas em três das quatro notícias analisadas, que deram destaque ao meio letal utilizado, ao local onde ocorreu o fato, expôs a identidade do suicida por meio de fotos, e apesar da notícia de 2021 ter atendido as normas, isso se deu apenas parcialmente, ao divulgar, por exemplo, o nome da vítima. Desse modo, ao não seguir as diretrizes da cartilha da Associação Brasileira de Psiquiatria, o discurso do jornal contribuiu para a estigmatização do suicídio, notado no uso de expressões como: “cometeu” suicídio, memória discursiva religiosa, de cometimento de crime, assim como o uso sensacionalista de palavras como “tragédia” e “urgente”. Contudo, o jornal atuou positivamente quando divulgou informação sobre grupos de apoio ao suicídio.

Quanto à memória discursiva nos comentários dos leitores do jornal Marília Notícia, pode-se dizer que se apropriar da informação (o destacamento sobre o suicídio), significa aproximar a informação materializada de outras informações apropriadas anteriormente, ou seja, assim como o jornal constrói um discurso sobre o suicídio com base em sua memória discursiva, e os leitores se apropriam da informação, também com base na memória, a partir de sua cultura, religião, posição social e econômica, e principalmente, ideológica e histórica, demonstrando em seus comentários uma compreensão parcial, porém é possível notar que essa apropriação dos leitores pode ser ampliada com a busca de informação sobre o tema no campo da saúde e mudança de seus próprios conhecimentos, ou dos demais leitores/comentaristas.

Os comentários dos leitores no *Facebook* ocorreram com considerável liberdade de expressão, e numa linguagem cotidiana, por isso foi possível notar um

discurso informal, com o uso de *emoticons*, e expressões coloquiais: “Meu Deus”, apoiado principalmente em argumentos religiosos, na intenção de confortar os parentes enlutados, assim como a crença em um Deus que pode salvar a todos usando de compaixão e misericórdia. A memória discursiva referente à salvação por meio de Deus demonstra um pensamento doutrinado de que é preciso seguir as regras da Igreja para que sejam salvos do suicídio.

Isso é expresso também no discurso dos leitores por meio do discurso da culpa: “é preciso se voltar a Deus para ser salvo”, “falta Deus no coração”, o suicida “está distante de Deus”, por isso “cometeu” o suicídio, ou ainda “o ato”, pois usar a palavra suicídio é um tabu. Assim tanto o suicídio quanto o suicida são avaliados de forma negativa no discurso dos leitores, pois se aciona a memória judaico-cristã na qual o suicídio é um ato de desobediência a Deus todo-poderoso e uma afronta ao quinto mandamento dessas doutrinas: “Não matarás”, o que engloba não causar dano, no corpo ou na alma, a si mesmo ou ao próximo.

A memória discursiva dos leitores apresenta estigmas, tabus e preconceitos com o suicídio e o suicida, com argumentos que podem provocar efeito de sentidos em pessoas com ideação suicida, que ao lê-los tendem a se sentir piores, julgadas por uma sociedade que não acolhe as angustias humanas. Isso pode desenvolver a sensação de que não existe um suporte ou um apoio ao sofrimento psíquico, dificuldade a abordagem do tema por ser apropriado no discurso de leitores como uma interdição, algo do qual não se deve falar, ou que não merece atenção, sendo negada a sua importância com o uso de expressões como “bobagem”, um tema “saturado”, o que prejudica a compreensão da necessidade de se falar sobre o tema e das pessoas conversarem sobre o que sentem e buscarem ajuda profissional quando necessário. A falta de empatia nesses comentários não previne o suicídio, ao contrário, enfatiza a não sensibilidade para lidar com o tema. No entanto, o discurso que desloca o tema da interdição e o coloca no campo da saúde aparece quando os comentários preconceituosos são rebatidos por leitores que destacam a necessidade de se cuidar da saúde mental e sem estigmas, o que contribui para a prevenção do suicídio. Esses discursos apontam também a preocupação dos leitores com os serviços públicos de prevenção ao suicídio na cidade, alguns descrentes de que esses serviços funcionem, e outros demonstrando sua eficácia com posicionamentos concretos: “Já me ajudou muito o CVV 188 quando estava em crise de suicídio e precisei de ajuda emocional”. Por isso, é notável o espaço que as

redes sociais possuem e que pode servir para a prevenção ao suicídio quando se apresentam os grupos de apoio.

Os comentários dos leitores referentes à notícia de 2021 geraram debates políticos, nos quais apareceram distintas posições ideológicas, com alguns sujeitos se manifestando criticando sobre os fechamentos do comércio proveniente do decreto do governador do Estado de São Paulo para o enfrentamento da pandemia de Covid-19, enquanto outros não aceitaram essas medidas e responsabilizaram o governo e crise do comércio como motivo do suicídio.

De modo geral, tendo em vista a análise da memória discursiva do leitor sobre suicídio na página Marília Notícia no *Facebook*, esses relacionam os suicídios de Marília ao discurso de culpa, o que leva a um questionamento: Por que as pessoas buscam culpados quando a causa da morte é suicídio? Como uma forma de tentar compreender como uma pessoa tira a própria vida, dando fim a sua própria existência, a sociedade necessita projetar a culpa em alguém, pois só a ideia da morte, entender que a vida tem um fim já é um processo difícil de encarar, então há um estranhamento com a ideia de alguém decidir buscar a sua própria morte. Então se pode perceber a necessidade de culpar alguém: a pandemia e o governo do Estado de São Paulo por ter fechado os comércios, e com essa ação o comerciante se suicida. Assim como em outros suicídios foi responsabilizada a falta de serviços de saúde na cidade; mesmo que existam outros leitores que afirmam que os serviços de apoio são atuantes, demonstrando claramente que o serviço funciona. Outros leitores culpabilizaram o diabo que possuiu um dos suicidas e por isso o levou ao suicídio; ou é culpa também da profissão que escolheu, como agente penitenciário e/ou policial que tem estresses no cotidiano; ou a crise financeira gerada na pandemia, mas poucos apontam com clareza a situação que o suicida passava, de seus próprios conflitos internos. Nota-se que a causa para essas pessoas é sempre externa e não interna, pois baseado em senso comum, essas pessoas pouco se informam ou recebem informações confiáveis sobre o suicídio, e assim pouco refletem sobre o mesmo, além da influência da memória coletiva que permanece até os dias atuais. Então, para ser compreendido foi necessário responsabilizar alguém, pois a realidade de que alguém estava num sofrimento psíquico a ponto de tirar a própria vida é espantoso de saber.

Os discursos apontam como culpados questões exteriores e facilmente identificadas nos textos: é culpa do Diabo; da profissão que o indivíduo exerce ou

instituição em que trabalha; da falta de atendimento em saúde; é culpa do governador; da crise financeira trazida na pandemia de Covid-19; mas poucos apontam com clareza a situação que o suicida passava.

Seguindo o pensamento do sociólogo Durkheim, em que o suicídio reflete algo que está errado na sociedade, pode-se então chegar a um embasamento para o discurso da falta de assistência em saúde mental, e também o da falta de divulgação desses serviços (pelo menos antes do ano de 2021).

No sentido subjetivo, a memória discursiva aciona a memória coletiva da culpa religiosa como um sentimento que se apresenta à consciência quando o sujeito avalia o suicídio e o suicida de forma negativa, construindo um discurso de que é necessária a busca de Deus para que não se torne um suicida, indicando um preconceito enraizado e o esquecimento de que o suicídio tem causas multifatoriais estudadas em várias vertentes do ramo da Psicologia, tais como: vazio existencial, pulsão de morte, sofrimento psíquico, o morrer simbólico (algo dentro da pessoa precisa morrer), entre outros aspectos.

Pode-se entender que o suicídio é um sofrimento psíquico de muita angústia que atua em diferentes representações em cada indivíduo, que não pode ser desconsiderado ou visto com descaso pela sociedade, pois os mitos e preconceitos advindos da memória coletiva não se aliam à prevenção do suicídio, as relações humanas necessitam de mais solidez e inteireza para não entrarmos em vazios existenciais (BAUMAN, 2007).

Para Netto (2013) o fenômeno do suicídio revela algo sobre a sociedade em que ele acontece, sendo o suicídio construído socialmente com significados que se relacionam à história social. Dessa forma, é possível verificar um distanciamento de algumas pessoas frente ao tema suicídio, de não acolhimento, de negação e falta de empatia gerando um custo psíquico.

Dessa maneira, analisando a memória discursiva dos leitores sobre o tema, é possível perceber nos comentários o esquecimento ideológico, número um, em que esses acreditam que os sentidos do que dizem são advindos de dentro de nós, quando na realidade, são originados muito antes, vêm da memória, e assim se constrói uma ilusão de que os sentidos não têm história, mas se originam no próprio sujeito, em si mesmos. A falta de se falar mais sobre o tema suicídio e também de se questionar antigas tradições e religiões que culpabilizam o suicida, prejudicam o entendimento do tema sob a luz da atualidade, permanecendo uma memória

discursiva de ideias pré-concebidas sobre o suicídio. A necessidade de acolher o suicida sem julgamentos pode ajudá-lo, assim como os profissionais da mídia precisam se educar sobre as diretrizes da ABP ao noticiar sobre o suicídio. Para Durkheim (1973), o papel da educação enquanto instrumento reformador do estado moral da sociedade tem uma eficácia contra o suicídio.

Quanto ao esquecimento número dois, da ordem da enunciação, esse se fez presente tanto na memória discursiva do jornal como na de leitores que usaram o verbo “cometer” suicídio, remetendo a ideia do suicida como um criminoso, o que vem da história e se refere a antigas leis e também da memória coletiva de tradições e doutrinas religiosas que um grupo aplica a um indivíduo, ao avaliar os seus atos, quando esses atos resultam em prejuízo a si ou aos outros.

Finalmente, é importante ressaltar que essa pesquisa espera contribuir para se discutir a importância de mais estudos sobre o suicídio na área da Ciência da Informação para entender como as informações sobre o tema suicídio circulam em sociedade e são apropriadas pelas pessoas, podendo atuar na prevenção deste.

Na cidade de Marília pode-se contar com dois grupos de apoio: o Grupo de Prevenção ao Suicídio de Marília/SP (GPSM), que surgiu em 2018, no qual é um grupo formado por profissionais voluntários que oferece acolhimento e escuta para pessoas em sofrimento existencial e o Centro de Valorização da Vida (CVV) inaugurado dia 10 de setembro de 2019 que tem voluntários que fazem atendimentos via telefone e Skype.

Conforme visto, Fu et al (2014), destaca o papel das redes sociais na disseminação de informação sobre o tema suicídio como uma faca de dois gumes: embora possa afetar contagiosamente outras pessoas ao espalhar pensamentos e atos suicidas, também pode desempenhar um papel positivo ao ajudar pessoas em risco de suicídio, fornecendo resgate e apoio.

Portanto, ainda que este trabalho teve como objetivo analisar a memória discursiva presente em informações de suicídio, especialmente no destacamento de notícias e nos comentários de leitores do jornal Marília Notícia, ao entender o efeito de sentidos que uma notícia de suicídio divulgada em rede social *online* provoca ao ser apropriada por leitores, também se ocupou da discussão da importância das diretrizes que devem ser seguidas na disseminação de informações sobre suicídio, principalmente com enfoque na divulgação dos grupos de apoio, para que assim a

informação responsável contribua para a prevenção do suicídio na mídia e na cidade de Marília.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, F. A. **Suicídio na Biopolítica**: estudo à luz dos escritos de Michel Foucault. 2019. 91 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2019. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/22729>. Acesso em: 28 mar. 2020.
- ALMEIDA JUNIOR, O. F. de. Leitura, mediação e apropriação da informação. In: SANTOS, J. P. (Org.). **A leitura como prática pedagógica na formação do profissional da informação**. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 2007. p. 33-45.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PSIQUIATRIA. **Comportamento suicida**: conhecer para prevenir: dirigido para profissionais de Imprensa. Rio de Janeiro: ABP, 2009.
- _____. **Suicídio**: informando para prevenir. Brasília: CFM/ABP, 2014. Disponível em: <https://www.hsaude.net.br/wp-content/uploads/2020/09/Cartilha-ABP-Preven%C3%A7%C3%A3o-Suic%C3%ADio.pdf>. Acesso em: 30 jun. 2019.
- BAÉRE, F.; CONCEIÇÃO, M. I. G. Análise da produção discursiva de notícias sobre o suicídio de LGBTs em um jornal impresso do Distrito Federal. **Ártemis**, João Pessoa, v. 25, n. 1., p. 74-88, 2018. DOI 10.22478/ufpb.1807-8214.2018v25n1.37229. Disponível em: <https://search.proquest.com/docview/2418930586?pq-origsite=gscholar&fromopenview=true>. Acesso em: 04 abr. 2021.
- BARROS, D. M. de. A lenda da Baleia Azul: ou como uma notícia falsa traduz um perigo real. **Estadão**, abr. 2017. Disponível em: <https://emails.estadao.com.br/blogs/daniel-martins-de-barros/a-lenda-da-baleia-azul-ou-como-uma-noticia-falsa-traduz-um-perigo-real/>. Acesso em: 20 jun. 2019.
- BASTOS, R. L. Suicídios, psicologia e vínculos: uma leitura psicossocial. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 20, n. 1. p. 67-92, jan./mar. 2009. DOI 10.1590/S0103-65642009000100005. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-65642009000100005&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 16 jun. 2019.
- BAUMAN, Z. **Amor líquido**. São Paulo: Zahar, 2009.
- _____. **Vida líquida**. 2. ed. São Paulo: Zahar, 2007.
- BAZAROVA, N. N.; CHOI, Y. H. Self-disclosure in social media: extending the functional approach to disclosure motivations and characteristics on social network sites. **Journal of Communication**, Oxford, v. 64, n. 4, p. 635-657, 2014. DOI 10.1111/jcom.12106. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/epdf/10.1111/jcom.12106>. Acesso em: 20 maio 2020
- BENJAMIN, W. (Org.). **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e cultura: obras escolhidas. v. 1. Tradução: Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BERENCHTEIN NETTO, B. **Suicídio**: uma análise psicossocial a partir do materialismo histórico dialético. 2007. 179 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) - Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2007. Disponível em: <https://www5.pucsp.br/nexin/dissertacoes/downloads/nilson-berenchtein-netto.pdf>. Acesso em: 29 mar. 2021.

BERTOLETE, J. M. **Suicídio e sua prevenção**. São Paulo: Unesp, 2012.

_____.; FLEISCHMANN, A. Suicide and psychiatric diagnosis: a worldwide perspective. **World Psychiatry**, Genebra, v. 1, p. 181-185, out. 2002. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC1489848/>. Acesso em: 09 abr. 2021.

BITTENCOURT, R. N. Vida vazia e consumo líquido. **Revista Espaço Acadêmico**, Maringá, n. 125, p. 26-34, out. 2011. Disponível em: <http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/viewFile/14029/7975>. Acesso em: 17 jan. 2020.

BOLDRINI, A. Baleia azul é “fake News” que virou realidade, diz presidente da Safernet. **Folha de São Paulo**, São Paulo, set. 2017. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2017/05/1882467-baleia-azul-e-fake-news-que-virou-realidade-diz-presidente-da-safernet.shtml>. Acesso em: 20 jun. de 2019.

BORKO, H. Information Science: what is it? **American Documentation**, Maryland, v. 19, n.1, p. 3-5, jan. 1968. DOI 10.1002/asi.5090190103. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1002/asi.5090190103>. Acesso em: 26 mar. 2021.

BOTEGA, N. J.; WERLANG, B. S. G; CASI, C. F. da S.; MACEDO, M. M. K. Prevenção do comportamento suicida. **Psico**, Porto Alegre, v. 37, n. 33, p. 213-220, set/dez. 2006 Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/view/1442>. Acesso em: 26 mar. 2021.

BOTTINO, S. M. B; BOTTINO, C. M. C.; REGINA, C. G.; CORREIA, A. V. L.; RIBEIRO, W. S. Cyberbullying and adolescent mental health: systematic review. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 31, n. 3, p. 463-475, mar. 2015. DOI 10.1590/0102-311x00036114. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2015000300463. Acesso em: 26 mar. 2021.

BOWLBY, J. **Apego e Perda: perda, tristeza e depressão**. São Paulo: Martins Fontes. 1998

BRASIL. **Código penal e Constituição Federal (1988)**. 45. ed. São Paulo: Saraiva, 2007.

BRITISH BROADCASTING CORPORATION NEWS. **‘13 Reasons Why’ está ligada a aumento de suicídios entre jovens nos EUA, diz estudo do governo americano**. 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-48112247>. Acesso em: 20 jun. 2019.

BRUM, E. Exaustos-e-correndo-e-dopados: na sociedade do desempenho, conseguimos a façanha de abrigar o senhor e o escravo no mesmo corpo. **Coluna El País**, Madrid, jul 2016. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2016/07/04/politica/1467642464_246482.html. Acesso em: 04 fev. 2020.

BTESHE, M.; OLIVEIRA, V. M. de; CLÉBICAR, T.; ESTELLITA-LINS, C.; SALLES, I. Suicídio na literatura religiosa: o kardecismo como fonte bibliográfica privilegiada. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde**, Rio de Janeiro, n.3, v. 4, 2010. DOI 10.3395/reciis.v4i3.384pt. Disponível em: <https://www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/662/1310>. Acesso em: 21 jul. 2020.

BURTON, R. **A anatomia da melancolia**: Demócrito Júnior ao leitor. v. 1. Tradução: Guilherme Gontijo Flores. São Paulo: EDUFPR, 2011.

CAMUS, A. **O mito de Sísifo**. São Paulo: Record, 2018.

CANCIAN, N. Brasil registra 11 mil casos de suicídio por ano, diz Ministério de Saúde. **Folha de São Paulo**, São Paulo, set. 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2018/09/brasil-registra-11-mil-casos-de-suicidio-por-ano-diz-ministerio-da-saude.shtml>. Acesso em 15 set 2019.

CARVALHO, E. R. de O.; CARVALHO, G. M. de. **Aspectos jurídicos-penais na eutanásia**. São Paulo: IBCCRIM, 2001.

CASSORLA, R. M. S. **Suicídio**: fatores inconscientes e aspectos socioculturais: uma introdução. São Paulo: Blucher, 2017.

COLT, G. H. **November of the soul**: the enigma of the suicide. Nova Iorque: Scribner, 2006.

CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE. Um suicídio ocorre a cada 40 segundos no mundo, diz Organização Mundial de Saúde. Publicado 10 set 2019. Disponível em: <http://www.conselho.saude.gov.br/ultimas-noticias-cns/809-um-suicidio-ocorre-a-cada-40-segundos-no-mundo-diz-organizacao-mundial-da-saude> Acesso em 14 abr 2021

CORTÊ, B.; KHOURY, H. T. T.; MUSSI, L. H. Suicídio de idosos e mídia: o que dizem as notícias? **Psicologia USP**, São Paulo, v. 25, n. 3, set./dez. 2014, p. 256-261. DOI 10.1590/0103-6564D20140003. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/3051/305133436006.pdf>. Acesso em: 16 jul. 2019.

COSTA, D. L. O estigma e sua representação no Inferno Dantesco. In: SEMINÁRIO DE PESQUISA, 5., 2011, Londrina. **Anais eletrônicos...** Londrina: Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade Estadual de Londrina, 2011. Disponível em: http://www.uel.br/pos/mesthis/Anais_Vol3.pdf#page=31. Acesso em: 21 jan. 2021.

DAHLGREN, P. The public sphere and the net. In: BENNETT, W. L.; ENTMAN, R. M. (Orgs.) **Mediated politics**: communication in the future of democracy. Cambridge: Cambridge University Press, 2001, p. 33-55.

DANTAS, J. B.; SÁ, R. N. de; CARRETEIRO, T. C. O. C. A patologização da angústia no mundo contemporâneo. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 61, n. 2, p. 1-9, 2009. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=229019248010>. Acesso em: 04 abr. 2021.

DATASUS. **Óbitos por suicídio**. Brasília: Ministério da Saúde, 2019. Disponível em: <http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/deftohtm.exe?sim/cnv/ext10br.def>. Acesso em: 01 abr. 2019.

DENCKER, A. de F. M. **Métodos e técnicas de pesquisa em turismo**. 8. ed. São Paulo: Futura, 2005.

DOIN, C. Espelho e pessoa. In: MELLO FILHO, J. de (Org.). **O ser e o viver**: uma visão da obra de Winnicott. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001. p. 223-232.

DUNKER, C. I. L.; PAULON, C. P.; MILÁN-RAMOS, J. G. **Análise psicanalítica de discursos**: perspectivas lacanianas. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2016.

DURKHEIM, E. **O suicídio**. São Paulo: Martin Claret, 2002.

DUTRA, E. Pensando o suicídio sob a ótica fenomenológica hermenêutica: algumas considerações. **Revista da Abordagem Gestáltica**, Goiânia, v. 17, n. 2, jul./dez. 2011, p. 152-157. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/3577/357735515006.pdf>. Acesso em: 13 fev. 2020.

ESCOBAR, C. H.; MERQUIOR, J. G.; LECOURT, D.; FOUCAULT, M. **O homem e o discurso**: a arqueologia de Michel Foucault. 3. Ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2008.

FACEBOOK. **Marília Notícia**: comerciante tira a própria vida na zona leste de Marília. Disponível em: <https://www.facebook.com/marilianoticia/posts/4007070622671717>. Acesso em: 10 fev. 2021.

_____. **Marília Notícia**: homem é encontrado morto após enforcamento na zona oeste. 2019c. Disponível em: <https://www.facebook.com/marilianoticia/posts/2528181670560627>. Acesso em: 12 dez. 2020.

_____. **Marília Notícia**: suicídio de agente penitenciário. 2019a. Disponível em: <https://www.facebook.com/marilianoticia/posts/2282054161840047>. Acesso em: 12 dez. 2020.

_____. **Marília Notícia**: tragédia: PM natural de Marília comete suicídio no interior de SP. 2019b. Disponível em:

<https://www.facebook.com/marilianoticia/posts/2518973444814783>. Acesso em: 12 dez. 2020.

FEIJOO, A. M. L. C. de. Suicídio: uma compreensão sob a ótica da psicologia existencial. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 71, n. 1, p. 158-173, jan./abr. 2019. DOI 10.36482/1809-5267.ARP2019v71i1p.158-173. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672019000100012. Acesso em: 21 abr. 2020.

FERREIRA, M. C. L. Análise do discurso e suas Interfaces: o lugar do sujeito no trama do discurso. **ORAGON**, Porto Alegre, v. 24, n. 48, n. p., 2010. DOI: 10.22456/2238-8915.28636. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/organon/article/view/28636>. Acesso em: 04 mar. 2021.

FIGARO, R.; BRAIT, B.; BRANDÃO, H. N.; FIORIN, J. L.; BACCEGA, M. A.; SOUZA-E-SILVA, M. C. **Comunicação e Análise do Discurso**. São Paulo: Contexto, 2015.

FISCHER, R. M. B. Foucault e o desejável conhecimento do sujeito. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 24, n. 1, p. 39-59, jan./jun. 1999. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/303969849.pdf>. Acesso em: 30 ago. 2020.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 24 ed. Tradução: Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

_____. **Em defesa da sociedade**: curso no Collège de France (1975-1976). 316. ed. Tradução: Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2016.

_____. **História da sexualidade I**: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1990.

_____. **Microfísica do poder**. Tradução: Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

_____. **Vigiar e punir**. Petrópolis: Vozes, 1996.

FREUD, S. **Introdução ao narcisismo**: ensaios de metapsicologia e outros textos [1914-1916]. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Scharcz, 2010.

_____. **Reflexões para os tempos de guerra e morte**. Tradução: Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

FU, K.; CHENG, Q.; WONG, P. W. C.; YIP, P. S. F. Responses to a self-presented suicide attempt in social media. **Crisis**, Boston, v. 34, n. 6, p. 406-412, jan. 2014. DOI 10.1027/0227-5910/a000221. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC4119817/>. Acesso em: 20 maio 2020.

GALVÁN, G. B.; AMIRALIAN, M. L. T. M. Os conceitos de verdadeiro e falso self e suas implicações na prática clínica. **Aletheia**, Canoas, v. 30, p. 50-58, jul./dez. 2009.

Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/1150/115013591005.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2020.

GOETHE, J. W. von. **Os sofrimentos do jovem Werther**. Tradução: Claudia Cavalcanti. São Paulo: Martin Claret, 1774.

GOMES, W. Da discussão à visibilidade. In: GOMES, W.; MAIA, R. C. M. (Orgs.), **Comunicação e democracia: problemas & perspectiva**. São Paulo: Paulus, 2008. p. 117-162.

GUARALDO, T. de S. B. Mediação e apropriação da informação nas cartas de leitores: práticas de informação e leitura do jornal Bom dia Bauru. **Informação & Informação**, Londrina, v. 19, n. 2, p. 215-240, maio/ago., 2014. Disponível em: http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/download/20001/pdf_28. Acesso em: 06 abr. 2021.

GUERRA, A.; BARBOSA, C. Crítica e pós-verdade. In: GUARESCHI, P.; AMON, D.; GUERRA, A. (Orgs.). **Psicologia, comunicação e pós-Verdade**. Porto Alegre: Evangraf, 2017. p. 101-160.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HAWTON, K.; HILL, N. T M.; GOULD, M.; JOHN, A.; LASCELLES, K.; ROBINSON, J. Clustering of suicides in children and adolescents. **Lancet Child & Adolescent Health**, Londres/Nova Iorque, v. 4, n. 1, p. 58-67, jan. 2020. DOI 10.1016/S2352-4642(19)30335-9. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S2352464219303359?via%3Dihub>. Acesso em: 24 set. 2020.

HESSEN, J. **Teoria do conhecimento**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

HILLMAN, J. **Suicídio e alma**. Petrópolis: Vozes, 2011.

KERR, B.; STEPHENS, D.; PHAM, D.; DOG, T. G.; MCCRAY, C.; CAUGHLAN, C.; GASTON, A.; GRITTON, J.; JENKINS, M.; RUSHING, S. C.; MORENO, M. A. Assessing the usability, appeal, and impact of a web-based training for adults responding to concerning posts on social media: pilot suicide prevention study. **JMIR Mental Health Publications**, Toronto, v. 7, n. 1, n. p., jan. 2020. DOI 10.2196/14949. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC6997927/>. Acesso em: 24 set. 2020.

KNIJNIK, J. Freud: releituras brasileiras. **Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul**, Porto Alegre, v. 25, n. 2, p. 353-355, maio/ago. 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rprs/v25n2/v25n2a12.pdf>. Acesso em: 29 mar. 2021.

JUNG, C. G. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

_____. **Os homens e seus símbolos**. Tradução: Maria Lúcia Pinto. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1964.

LACAN, J. **Função e o campo da fala e da linguagem em Psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LE COADIC, Y. **A Ciência da Informação**. Tradução: Maria Yêda F. S. de Filgueiras Gomes. Brasília: Briquet de Lemos, 1996.

LEITE, J. G. P. Da perda não elaborada: a melancolia em Sigmund Freud. In: SEMINÁRIO DOS ESTUDANTES DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA DA UFSCAR, 10., 2014, São Carlos. **Anais eletrônicos...** São Carlos: Programa de Pós Graduação em Filosofia, Universidade Federal de São Carlos. Disponível em: <http://www.ufscar.br/~sempgfil/wp-content/uploads/2012/05/18-Jos%C3%A9-Gilton-Paz-Leite.pdf>. Acesso em: 13 out. 2020.

LLORENTE, J. A. A era da pós-verdade: realidade versus percepção. **Uno**, n. 27, 2017. Disponível em: https://www.revista-uno.com.br/wp-content/uploads/2017/03/UNO_27_BR_baja.pdf. Acesso em: 09 abr. 2021.

MAINGUENEAU, D. **Cenas da enunciação**. Curitiba: Criar Edições, 2006.

MARQUETTI, F. C.; KAWAUCHI, K. T.; PLEFFKEN, C. O suicídio, interditos, tabus e consequências nas estratégias de prevenção. **Revista Brasileira de Psicologia**, Salvador, v. 2, n. 1, p. 29-40, 2015. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/revbraspsicol/issue/download/1839/441>. Acesso em: 06 abr. 2020.

MCGARRY, K. **O contexto dinâmico da informação**: uma análise introdutória. Brasília: Briquet de Lemos, 1999.

MÉA, C. D.; BIFFE, E. M.; FERREIRA, V. R. T. Padrão de uso de internet por adolescentes e sua relação com sintomas depressivos e de ansiedade. **Psicologia Revista**, São Paulo, v. 25, n. 2, p. 243-264, 2016. Disponível em: <http://ken.pucsp.br/psicorevista/article/view/28988/21351>. Acesso em: 18 maio 2020.

MÉRELLE, S.; BERGEN, D. van; LOOIJMANS, M.; BALT, E.; RASING, S.; DOMBURGH, L. van; NAUTA, M.; SIJPERDA, O; MULDER, W.; GILISSEN, R.; FRANX, G.; CREEMERS, D.; POPMA, A. A multi-method psychological autopsy study on youth suicides in the Netherlands in 2017: feasibility, main outcomes, and recommendations. **Plos One**, São Francisco, v. 15, n. 8, n. p., ago. 2020. DOI 10.1371/journal.pone.0238031. Disponível em: <https://journals.plos.org/plosone/article?id=10.1371/journal.pone.0238031>. Acesso em: 23 set. 2020.

MINOIS, G. **História do suicídio**: sociedade ocidental diante da morte voluntária. São Paulo: Unesp, 2018.

MIRABETE, J. F.; FABBRINI, R. N. **Manual de Direito Penal**: parte especial. São Paulo: Atlas, 2010.

MORAES, É. de. O destacamento em aplicativos de notícias e a produção da memória discursiva. **E-compós**, Brasília, v. 21, n.3, p. 1-32, set./dez. 2018. DOI

doi.org/10.30962/ec.1442. Disponível em: <https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/1442/1053>. Acesso em: 06 abr. 2021.

_____. A sintaxe do destacamento como elemento discursivo da contemporaneidade. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 49, n. 3, p. 1551-1568, dez. 2020. DOI 10.21165/el.v49i3.2472. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/download/2472/1904>. Acesso em: 06 abr. 2020.

NARDI, A. E. Depressão resistente ao tratamento e o risco de suicídio. **Rio Pesquisa**, Rio de Janeiro, n. 36, p. 19-21, 2018. Disponível em: http://www.faperj.br/downloads/revista/Rio_Pesquisa_36/artigo.pdf. Acesso em: 29 mar. 2021.

NARDI, E. R.; BRIGAGÃO, L. R. F. 13 Reasons why: uma análise filosófica a respeito do suicídio sob a ótica de Camus, Freud e Schopenhauer e sua abordagem pedagógica no Ensino Médio. **Revista do Neseff Filosofia e Ensino**, Curitiba, 2018. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/neseff/article/download/62479/36666>. Acesso em: 09 abr. 2021.

NATHAN, N. A.; NATHAN, K. I. Suicide, stigma, and utilizing social media platforms to Gauge public perceptions. **Frontiers in Psychiatry**, Berlim, v. 10, n. 947, n. p., jan. 2020. DOI 10.3389/fpsy.2019.00947. Disponível em: <https://www.frontiersin.org/articles/10.3389/fpsy.2019.00947/full>. Acesso em: 28 set. 2020.

OLIVEIRA, T. **Suicídio?** Um doloroso engano. Campinas: Allan Kardec, 2006.

OLIVEIRA, E. B.; RODRIGUES, G. M. O conceito de memória na Ciência da Informação: análise das teses e dissertações dos programas de pós-graduação no Brasil | *The concept of memory in information Science: analysis of theses and dissertations of postgraduate programs in Brazil*. **Liinc em Revista**, v. 7, n.1, 31 mar 2021

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Prevenção do suicídio**: um manual para profissionais da mídia. Genebra: OMS, 2000.

ORLANDI, E. **Análise de discurso**: Michel Pêucheux. 4. ed. Campinas: Pontes, 2015a.

_____. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. 12. Ed. Campinas: Pontes, 2015b.

PARISER, E. **O filtro invisível**: o que a internet está escondendo de você. Tradução: Diego Alfaro. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

PÊUCHEUX, M. **Análise de discurso**. 4. ed. Campinas: Pontes, 2015.

_____. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. 5. ed. Campinas: UNICAMP, 1983.

PORTUGAL, C. M.; SALLES, I. C.; BARRENSE, A. C. F.; OLIVEIRA, V. M. de; SICILIANO, A. B.; BTESHE, M.; ESTELLITA-LINS, C. O uso de audiovisual na construção compartilhada de conhecimento em saúde: uma experiência na emergência psiquiátrica. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, p. 89-91, jun. 2011. DOI 10.3395/reciis.v5i2.492p. Disponível em: <https://www.reciis.iciict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/544/1186>. Acesso em: 21 jul. 2020.

RODRIGUES, R. **Por que devemos parar de dizer que alguém ‘cometeu suicídio’?** Maringá: Movimento Saúde. 2020. Disponível em: <http://movimentosaude.com.br/campanhas/1478/por-que-devemos-parar-de-dizer-que-alguem-cometeu-suicidio>. Acesso em: 20 fev. 2021.

ROSEN, M. R.; MICHAEL, K. D., JAMENSON, P. CALM gatekeeper training is associated with increased confidence in utilizing means reduction approaches to suicide prevention among college resident assistants. **Journal of American College Health**, Londres, maio 2020. DOI 10.1080/07448481.2020.1756825. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/07448481.2020.1756825>. Acesso em: 24 set. 2020.

SANTAELLA, L. **A pós-verdade é verdadeira ou falsa?** Barueri: Estação das letras, 2018.

_____.; CARDOSO, T. Para entender a complexidade das redes. In: PRIMO, A. (Org.). **Interações em rede**. Porto Alegre: Sulina, 2013, p. 33-47.

SANTOS, A. C. B. dos. (Org.). **Suicídio uma epidemia silenciosa**: prevenção e assistência. Araras: Instituto de Difusão Espírita, 2016.

SCHMIDT, M. L. S.; MAHFOUD, M. Halbwachs: memória coletiva e experiência. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 4, n. 1/2, p. 285-298, 1993. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psicousp/v4n1-2/a13v4n12.pdf>. Acesso em: 28 set. 2020.

SILVA, A. G. S. da. Os caminhos da memória e o inconsciente coletivo. **Revista Garrafa**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 11, n. p., 2006a. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/garrafa/article/view/7545#:~:text=Sotero%20da%20Silva-,Resumo,como%20eixo%20norteador%20a%20literatura>. Acesso em: 04 fev. 2021.

SILVA, A. M. da. **A informação**: da compreensão do fenômeno de construção do objeto científico. Porto: Afrontamento, 2006b.

SILVA, E. B. T. Mecanismos de defesa do ego. **Psicologia.pt**, Madrid, p. 1-5, 2010. Disponível em: <https://www.psicologia.pt/artigos/textos/TL0212.pdf>. Acesso em: 21 fev. 2021.

SILVA, V. G. Suicídio: um grito silenciado. **Psicologia.pt**, Madrid, p. 1-16, 2012. Disponível em: <https://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0637.pdf>. Acesso em: 28 set. 2020.

SISTEMA FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS NO ESTADO DE MATO GROSSO; SERVIÇO SOCIAL DA INDÚSTRIA. **Setembro Amarelo**: conheça os mitos e verdades sobre o suicídio e fatores de proteção para crianças e adolescentes. Cuiabá: Sistema FIEMT, SESI-MT, 2020. Disponível em: <https://www.sesimt.ind.br/noticias/1920/setembro-amarelo-conheca-os-mitos-e-verdades-sobre-o-suicidio-e-fatores-de-protecao-para-criancas-e-adolescentes>. Acesso em: 29 mar. 2021.

STERZ, G. A.; SILVA, J. C. da. Depressão na infância e na adolescência. **Boletim EntreSIS**, Santa Cruz do Sul, v. 2., n. 1, jan./jul. 2017. Disponível em: <https://online.unisc.br/acadnet/anais/index.php/boletimsis/article/view/16902/4115>. Acesso em: 09 abr. 2021.

TEIXEIRA, M. O “sujeito” é o “outro”? Uma reflexão sobre o apelo de Pêucheux à psicanálise. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 32, n. 1, p. 61-68, mar. 1994. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/15263/10055>. Acesso em: 30 mar. 2021.

THOMPSON, J. B. **A mídia e a modernidade**: uma teoria social da mídia. 11 ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

VITA ALERE DE PREVENÇÃO E PÓS-VENÇÃO DO SUICÍDIO. **Hoje a Netflix removeu a cena do suicídio da personagem principal da série os 13 Porquês**. São Paulo: Instituto Vita Alere, 2019. Disponível em: <https://blog.vitaalere.com.br/hoje-a-netflix-removeu-a-cena-de-suicidio-da-personagem-principal-da-serie-os-13-porques/>. Acesso em: 09 abr. 2021.

WINNICOTT, D. W. **Psiconeuroses oculares na infância**. Rio de Janeiro: Imago, 2000.

WORDEN, J. W. **Terapia do Luto**: um manual para o profissional de saúde mental. Porto Alegre: Artes Médicas. 1998

ZAVARONI, D. de M. L.; VIANA, T. de C.; CELES, L. A. M. A constituição do infantil na obra de Freud. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 12, n. 1, p. 65-70, jan./abr. 2007. DOI 10.1590/S1413-294X2007000100008. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-294X2007000100008&script=sci_arttext&tlng=pt. Acesso em: 20 jul. 2020.